



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM
LETRAS



PROFLETRAS

REGINA APARECIDA FERREIRA MELO

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E TECNOLOGIA DIGITAL: POR UMA
ABORDAGEM REFLEXIVA DA LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO
FUNDAMENTAL

UBERLÂNDIA -MG

2019

REGINA APARECIDA FERREIRA MELO

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E TECNOLOGIA DIGITAL: POR UMA ABORDAGEM
REFLEXIVA DA LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação, como trabalho de conclusão final,
apresentada ao Programa de Pós-graduação Mestrado
Profissional em Letras, da Universidade Federal de
Uberlândia, como exigência parcial para a obtenção do
Título de Mestre em Letras.

Área de Concentração: Linguagens e Letramentos

Linha de Pesquisa: Leitura e Produção Textual -
diversidade social e práticas docentes

Orientação: Profa. Dra. Talita de Cássia Marine

UBERLÂNDIA -MG

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

- M528v
2019 Melo, Regina Aparecida Ferreira, 1968-
 Variação linguística e tecnologia digital [recurso eletrônico] : por
 uma abordagem reflexiva da língua portuguesa no ensino fundamental /
 Regina Aparecida Ferreira Melo. - 2019.
- Orientadora: Talita de Cássia Marine.
 Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Federal de
Uberlândia, Programa de Pós-graduação em Letras (PROFLETRAS).
 Modo de acesso: Internet.
 Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2019.625>
 Inclui bibliografia.
 Inclui ilustrações.
1. Linguística. 2. Língua portuguesa - Estudo e ensino. 3. Língua
portuguesa - Inovações tecnológicas. 4. Sociolinguística. I. Marine,
Talita de Cássia, 1979- (Orient.) II. Universidade Federal de Uberlândia.
Programa de Pós-graduação em Letras (PROFLETRAS). III. Título.

CDU: 801

Gerlaine Araújo Silva - CRB-6/1408

REGINA APARECIDA FERREIRA MELO

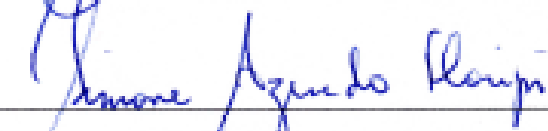
**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E TECNOLOGIA DIGITAL: POR UMA ABORDAGEM
REFLEXIVA DA LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação aprovada para a obtenção do título
de Mestre no Programa de Pós-graduação
Mestrado Profissional em Letras, da
Universidade Federal de Uberlândia.

Composição da banca:



Profª. Drª. Talita de Cassia Marine (PROFLETRAS-UFU/MG) - Orientadora



Profª. Drª. Simone Azevedo Floripi (PROFLETRAS-UFU/MG)



Prof. Dr. Peterson José de Oliveira (ILEEL-UFU/MG)

Uberlândia, 27 de fevereiro de 2019.

EPÍGRAFE

Um pouco de ciência nos afasta de Deus. Muito, nos aproxima.

Louis Pasteur

Aos meus alunos, digo assim, porque nunca deixaram de ser...

Ao refletir sobre a minha prática pedagógica... lá estavam eles... com seus presentinhos de final de ano, embrulhados cuidadosamente em um papel de presente, também recolhido do lixo onde retiravam a sua esperança de vida. Como esquecê-los se despertaram dentro de mim uma sensibilidade, que estava bem escondida? Foi com eles que aprendi a “ler” em seus olhos a fome de uma vida melhor, o desejo de serem aceitos dentro de um sistema que os empurra para fora, como um filhotinho mais débil é expulso do ninho por seus algozes irmãozinhos mais fortes. Se não desisti de ser professora, devo isso a eles, MEUS ALUNOS!

Como não me indignar quando o sistema os via como um ser sem luz, quando a sociedade de tão cega, não conseguia enxergar além da aparência sofrida? Não sei por onde andam, o que fazem, nem ao menos sei se consegui mudar alguma coisa em suas vidas, mas eles mudaram a minha. Fui melhor... por eles! Aprendi a ser uma professora melhor... com eles, por me darem aula de esperança!

Quantas vezes, sem saber como abordar a sua vivência de uma forma construtiva, sem conhecer ainda os pressupostos da Sociolinguística nem da Pedagogia Culturalmente Sensível, já trazia para o palco da escola as histórias baseadas em suas vidas tão sofridas. Peças de teatro sobre a trajetória de um menino de rua, uma criança abandonada, uma vida excluída... era uma das formas de incluir... de valorizar... de dar voz às suas emoções, às suas variedades linguísticas com suas histórias de vida... e SEMPRE com um final feliz para resgatar sua esperança, seus sonhos, seus desejos por uma vida onde pudessem realmente ser os atores principais.

A todos meus alunos dedico este trabalho e o meu afetuoso abraço!

AGRADECIMENTOS

Ao Deus Criador - eterno, imortal, invisível, mas real - que quanto mais estudo, mais sinto a necessidade de sua maravilhosa presença. A este Deus – de onde emana todo o conhecimento e sabedoria – minha gratidão!

Ao meu esposo e companheiro, Tarcísio de Melo, que neste ano acabamos de completar 26 anos de casamento, por me auxiliar em todos os aspectos, não só na produção do Edublog, mas suprimindo a lacuna que deixei em meu lar, durante os longos períodos voltados para o desenvolvimento do mestrado.

Às minhas filhas, Ana Jéssica e Ana Júlia, simplesmente por existirem em minha vida...

A todos meus familiares, principalmente a minha mãe e aos meus irmãos pela longa ausência.

À minha orientadora, Profa. Dra. Talita de Cássia Marine, pela paciência e firmeza necessária nas contribuições/sugestões/críticas sempre pertinentes e que me fizeram compreender melhor o que estava fazendo e o que precisava ser feito.

A todos os professores do Profletras-UFU que tanto contribuíram para ampliar um pouco mais do meu conhecimento e amadurecimento como pesquisadora.

Aos colegas da 4ª turma, sem exceção, vocês foram enriquecedores.

Às professoras da banca de qualificação Adriana Cristianini e Cláudia Goulart pelas orientações e sugestões tão construtivas.

A todos os meus alunos, que nesses 28 anos me ensinaram a ser professora.

Enfim, a todos aqueles que acreditaram e me incentivaram, de forma direta ou indireta a realizar este trabalho, em especial aos Pastores Gilberto e Rozani.

RESUMO

Esta dissertação é o resultado de uma pesquisa do Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS - Universidade Federal de Uberlândia. Partindo do pressuposto de que o ensino de Língua Portuguesa tem sido um dos grandes desafios da Educação brasileira, principalmente nas escolas públicas, que atendem uma clientela oriunda de classes socioeconômica e cultural tão diversas, acreditamos, assim como Cyranka (2007), Dantas (2015), Santos (2017) e Frasson (2017) que diagnosticar crenças linguísticas do alunado pode ser um caminho profícuo rumo à busca de um ensino de Língua Portuguesa significativo e estimulante na Educação Básica. Em sintonia com tal perspectiva, acreditamos também que para que tal ensino possa ser viabilizado, é preciso levar em consideração o vasto conhecimento prévio que o aluno possui de sua língua materna, enquanto falante nativo do Português, algo que, quase invariavelmente, é ignorado pelos milhares de professores de Língua Portuguesa no Brasil. Diante desse cenário e pautadas na hipótese de que a maioria dos alunos da Educação Básica, sobretudo da escola pública, possuem crenças linguísticas bastante negativas, tanto em relação ao ensino da Língua Portuguesa, quanto ao conhecimento que possuem dessa língua enquanto falantes nativos, respaldadas pelas contribuições da Pedagogia da Variação Linguística (cf. BORTONI-RICARDO, 2004; 2005; FARACO, 2008), desenvolvemos uma proposta de intervenção didática e aplicamos a alunos do 6º ano de uma escola municipal da cidade Uberlândia, Minas Gerais, buscando contribuir com a elevação da autoestima linguística desses alunos. Para tal, acreditando ser imprescindível a sensibilização do alunado quanto à heterogeneidade da Língua Portuguesa, focamos grande parte da proposta didática à desconstrução, junto aos alunos, da noção de língua homogênea, bem como da falsa relação de estudo de Língua Portuguesa como sinônimo de ensino/aprendizagem de gramática normativa. Com isso, buscamos contribuir também para a abolição da dicotomia “certo x errado” no que se refere aos usos da língua, em favor da noção de “adequado e inadequado” a determinadas situações comunicativas de fala e escrita (cf. BAGNO, 2007). Para atingirmos nossos objetivos, exploramos os recursos digitais presentes no cotidiano dos alunos como forma de despertar o interesse deles para o desenvolvimento de suas habilidades linguísticas, colaborando, assim, para a ampliação da competência comunicativa desses alunos. A pesquisa se fundamentou nos pressupostos metodológicos da pesquisa-ação (THIOLLENT, 1985), em que uma vez identificada uma determinada demanda na sala de aula, elaboramos e aplicamos uma proposta de intervenção. Além disso, lançamos mão de outros recursos metodológicos, aplicando um questionário de crenças e atitudes linguísticas em dois momentos distintos do ano letivo de 2018, bem como um questionário sobre o uso da tecnologia digital pelos alunos participantes da pesquisa. Atrelado a isso, elaboramos uma proposta de intervenção didática criada na blogosfera e intitulada “O Português nosso de cada dia” com atividades elaboradas à luz das contribuições da Sociolinguística Educacional e da Pedagogia da Variação Linguística. Neste espaço virtual, tanto professores quanto alunos poderão encontrar, de forma simples e prática, informações úteis em um espaço interativo criado com vistas à reflexão acerca de questões da língua a partir do viés variacionista de língua. Com o desenvolvimento desta pesquisa e em conformidade com os resultados apresentados, pudemos confirmar a necessidade urgente e efetiva, desde as séries iniciais do Ensino Fundamental, de um ensino de Língua Portuguesa mais sistemático no que se refere às reflexões relacionadas à variação linguística, de forma a promover um ensino de Língua Portuguesa pautado na língua em uso e, portanto, sensível à heterogeneidade da língua, atentando-se para a variação linguística em todos os seus diferentes níveis. A análise dos resultados nos permitiu observar que, apesar do curto período de intervenção, houve uma contribuição positiva de nossa pesquisa, visto que

conseguimos promover um olhar mais reflexivo dos alunos sobre a língua materna, extrapolando os muros escolares.

Palavras-chave: Ensino de Língua Portuguesa; Pedagogia da Variação Linguística; Sociolinguística Educacional; Crenças e atitudes linguísticas; Tecnologia digital e Ensino.

ABSTRACT

This dissertation is the result of a survey of the Professional Master's Degree in Letters – PROFLETRAS – Federal University of Uberlândia. Based on the assumption that the Portuguese Language teaching has been a great challenge to Brazilian education, especially in public schools, which serve a clientele from such diverse socioeconomic and cultural classes, we believe, like Cyranka (2007), Dantas (2015), Santos (2017) and Frasson (2017), that to diagnose the student body's linguistic beliefs can be a useful path towards the search for a meaningful and stimulating Portuguese language teaching in Basic Education. In line with this perspective, we also believe that for such education to be feasible, it is necessary to take into consideration the student's extensive prior knowledge of his mother tongue as a Portuguese native speaker, something that is almost invariably ignored by thousands of Portuguese language teachers in Brazil. Given this scenario and based on the hypothesis that most of the students of Basic Education, especially in public schools, have very negative linguistic beliefs, both in relation to the teaching of the Portuguese Language and the knowledge they have of this language as native speakers, supported by the Linguistic Variation Pedagogy (cf. BORTONI-RICARDO, 2004; 2005; FARACO, 2008), we have developed a didactic intervention proposal and applied it to students of the 6th grade of a Municipal School in the city of Uberlândia, Minas Gerais, in order to contribute with the increase of the linguistic self-esteem of these students. For such, believing that it is essential to raise heterogeneity student awareness regarding the Portuguese Language, we focused a great part of the didactic proposal to the deconstruction, together with the students, of the notion of homogeneous language, as well as of the false relation of Portuguese Language study as synonymous to teaching / learning normative grammar. By doing so, we also seek to contribute to the abolition of "right and wrong" dichotomy regarding the uses of language, favoring the notion of "adequate and inappropriate" to certain communicative situations of speech and writing (BAGNO, 2007). In order to achieve our objectives, we explore the digital resources present in students' daily life as a way of sparking their interest in developing their language skills, thus helping to broaden these students communicative competence. The research was based on the methodological assumptions of action research (THIOLLENT, 1985), in which once a particular demand in the classroom was identified, we elaborated and applied an intervention proposal. In addition, we used other methodological resources, applying a questionnaire of beliefs and linguistic attitudes at two different moments of the 2018 academic year, as well as a questionnaire on the use of digital technology by students participating in the research. Linked to this, we elaborated a didactic intervention proposal created in the blogosphere and titled "Our daily Portuguese" with activities elaborated in the light of the contributions of Educational Sociolinguistics and of Linguistic Variation Pedagogy. In this virtual space, both teachers and students will be able to find, in a simple and practical way, useful information in an interactive space created as a means to ponder on language issues from the language variationist bias. With the development of this research and in accordance with the presented results, we have been able to confirm the urgent and effective need, from the early grades of Elementary School, for a more systematic Portuguese language teaching regarding the reflections related to linguistic variation, to promote a Portuguese language teaching based on the language in use and therefore sensitive to the heterogeneity language, paying attention to the linguistic variation in all its different levels. The analysis of the results allowed us to observe that, despite the short period of intervention, there was a positive contribution coming from our research, since we managed to promote a more reflective look of the students on the mother tongue, extrapolating the school walls.

Keywords: Portuguese Language Teaching; Linguistic Variation Pedagogy; Educational Sociolinguistics; Beliefs and linguistic attitudes; Digital Technology and Teaching.

LISTA DE GRÁFICOS, QUADROS e FIGURAS

Gráfico 01 - Bairro dos participantes	68
Gráfico 02 - Pergunta 01 do questionário sobre Tecnologia Digital	69
Gráfico 03 - Pergunta 03 do questionário sobre Tecnologia Digital	69
Gráfico 04 - Pergunta 08 do questionário sobre Tecnologia Digital	70
Gráfico 05 - Pergunta 16 do questionário sobre Tecnologia Digital	70
Gráfico 06 - Pergunta 20 do questionário sobre Tecnologia Digital	71
Gráfico 07 - Pergunta 01 do questionário de crenças e atitudes linguísticas	99
Gráfico 08 - Pergunta 02 do questionário de crenças e atitudes linguísticas	101
Gráfico 09 - Pergunta 03 do questionário de crenças e atitudes linguísticas	102
Gráfico 10 - Pergunta 04 do questionário de crenças e atitudes linguísticas	102
Gráfico 11 - Pergunta 05 do questionário de crenças e atitudes linguísticas	103
Gráfico 12 - Pergunta 06 do questionário de crenças e atitudes linguísticas	104
Gráfico 13 - Pergunta 07 do questionário de crenças e atitudes linguísticas	104
Gráfico 14 - Pergunta 08 do questionário de crenças e atitudes linguísticas	105
Gráfico 15 - Pergunta 09 do questionário de crenças e atitudes linguísticas	106
Gráfico 16 - Pergunta 10 do questionário de crenças e atitudes linguísticas	107
Gráfico 17 - Pergunta 11 do questionário de crenças e atitudes linguísticas	108
Gráfico 18 - Pergunta 12 do questionário de crenças e atitudes linguísticas	109
Gráfico 19 - Pergunta 13 do questionário de crenças e atitudes linguísticas	109
Gráfico 20 - Pergunta 14 do questionário de crenças e atitudes linguísticas	110
Gráfico 21 - Pergunta 15 do questionário de crenças e atitudes linguísticas	112
Gráfico 22 - Pergunta 16 do questionário de crenças e atitudes linguísticas	113
Gráfico 23 - Pergunta 17 do questionário de crenças e atitudes linguísticas	114
Gráfico 24 - Pergunta 18 do questionário de crenças e atitudes linguísticas	115
Gráfico 25 - Pergunta 19 do questionário de crenças e atitudes linguísticas	116
Gráfico 26 - Pergunta 20 do questionário de crenças e atitudes linguísticas	117
Gráfico 27 - Pergunta 21 do questionário de crenças e atitudes linguísticas	118
Gráfico 28 - Pergunta 22 do questionário de crenças e atitudes linguísticas	119
Gráfico 29 - Pergunta 23 do questionário de crenças e atitudes linguísticas	120
Gráfico 30 - Pergunta 24 do questionário de crenças e atitudes linguísticas	121

Gráfico 31 - Pergunta 25 do questionário de crenças e atitudes linguísticas	122
Gráfico 32 - Pergunta 26 do questionário de crenças e atitudes linguísticas	124
Quadro 01 - Ícones utilizados nas atividades da proposta de intervenção	75
Figura 01 - Tela do site para gravação do <i>áudio</i>	84
Figura 02 - Tela para a visualização dos projetos gravados no <i>site</i>	85
Figura 03 - Atividade 02 – variação estilística	93
Figura 04 - Referente à pergunta 21 do questionário de crenças e atitudes linguísticas	118
Figura 05 - Referente à pergunta 22 do questionário de crenças e atitudes linguísticas	119
Figura 06 - Referente à pergunta 24 do questionário de crenças e atitudes linguísticas	121
Figura 07 - Referente à pergunta 26 do questionário de crenças e atitudes linguísticas	123

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO	15
1.1 Objetivos e caracterização da pesquisa	19
1.2 Justificativa da proposta	21
2- REVISÃO DOCUMENTAL	30
2.1 Os documentos oficiais, o ensino de Língua Portuguesa e o uso das NTIC	30
2.2 O uso da tecnologia digital aplicada ao ensino de Língua Portuguesa	31
3- REVISÃO TEÓRICA	33
3.1 Considerações preliminares	34
3.2 Letramento Digital: partindo do conhecimento do aluno	38
3.3 Pressupostos sociolinguísticos aplicados ao ensino de Língua Portuguesa	42
3.4 Crenças, atitudes e preconceitos linguísticos	44
3.5 O que e como fazer com o conhecimento sobre variação linguística?	47
3.6 Por que utilizar um blog?	48
3.7 Proposta de intervenção	51
3.7.1 O Edublog “O Português nosso de cada dia”	52
4- METODOLOGIA : pressupostos e procedimentos	54
4.1 O panorama da pesquisa	60
4.2 Descrição dos sujeitos participantes da pesquisa	61
4.3 A coleta de dados	62
5- RELATO DA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO E PRIMEIRAS IMPRESSÕES DA PESQUISADORA	64
5.1 Análise dos dados e discussão dos resultados	66
5.1.1 Perfil dos participantes da proposta	66
5.1.2 Análise dos dados do questionário sobre tecnologia digital	68
5.1.3 Apresentação da proposta no Edublog “O Português nosso de cada dia”	72
5.1.4 Aplicação da proposta e análise dos dados	74
5.1.5 Descrição e análise dos questionários de crenças e atitudes linguísticas	98
5.1.6 Análise geral dos resultados	124
6- CONSIDERAÇÕES FINAIS	130
REFERÊNCIAS	134
APÊNDICES	137

Apêndice A – Questionário sobre o uso da tecnologia digital	137
Apêndice B - Questionário de crenças e atitudes linguísticas	143
Apêndice C - Manual de Orientação para o professor sobre as Atividades do Edublog “O Português nosso de cada dia”	149
Apêndice D - Exemplos de variação linguística pesquisados pelos alunos	173
Apêndice E - Fotos de algumas atividades realizadas	176
ANEXOS	177
Anexo A - Termo de assentimento para o menor	177
Anexo B - Termo de consentimento livre e esclarecido	178

1- INTRODUÇÃO

O ensino e a aprendizagem da Língua Portuguesa tem sido um dos grandes desafios da educação brasileira, principalmente nas escolas públicas, que atendem a uma clientela oriunda de classes socioeconômica e cultural tão diversas. Isso tem inquietado muitos professores – também formadores desses professores -, levando-os a uma reflexão na e sobre a prática pedagógica com seus inúmeros desafios, tanto políticos quanto aqueles atrelados ao chão da sala de aula.

Pensando nos desafios pedagógicos, elaboramos esta pesquisa com o intuito de contribuir com um ensino de Língua Portuguesa capaz de formar alunos mais críticos, criativos e produtivos¹, com uma visão consciente e mais ampla sobre a heterogeneidade de sua língua materna. Nesse sentido, buscamos dar mais segurança a esses alunos no que se refere a sua capacidade e as suas habilidades enquanto falantes nativos de Língua Portuguesa e contribuir, dessa forma, para a elevação da autoestima linguística desses alunos, promovendo assim, um olhar para a língua em uso condizente com a noção de “adequado e inadequado” a determinadas situações comunicativas de fala e escrita (cf. BAGNO, 2007).

Pretendemos também, por meio da utilização de alguns recursos da web, tais como imagens, sons, vídeos, animações digitais² e jogos digitais³ - instrumentos tão presentes no cotidiano de nossos alunos – estimular os discentes a se envolverem mais nas atividades e reflexões atreladas ao estudo da Língua Portuguesa em sala de aula, fugindo, desta forma, do modelo tradicional de ensino. Modelo este tão disseminado ainda em nosso país, embora siga na contramão das orientações de documentos oficiais relacionados ao ensino de Língua Portuguesa no Brasil, tal como os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997;1998)⁴ e a Base Nacional Curricular Comum (BRASIL, 2017)⁵.

¹ Apesar de serem termos tão recorrentes no meio acadêmico, queremos dizer que nossa proposta procurou contribuir para que nossos alunos se (re)conheçam como agentes de sua aprendizagem, que saibam se posicionar de forma crítica diante de informações do seu cotidiano, que saibam argumentar/ defender seus posicionamentos, com uma postura respeitosa diante do outro, que sejam produtores de conhecimento e não apenas consumidores.

² A animação digital consiste em técnicas para gerar o movimento de imagens utilizando o computador. Para maiores informações consultar: <http://www.dsc.ufcg.edu.br/~pet/jornal/maio2010/materias/carreira.html>. Acesso em 05 fevereiro 2019.

³ Os jogos digitais se referem aos jogos que utilizam computadores ou dispositivos móveis. Em nossa intervenção didática construímos alguns jogos educativos voltados para o trabalho com a variação da língua, no intuito de promover a aprendizagem dos conteúdos de forma mais lúdica.

⁴ Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) “são diretrizes separadas por disciplinas elaboradas pelo governo federal e não obrigatórias por lei. Elas visam subsidiar e orientar a elaboração ou revisão curricular; a formação inicial e continuada dos professores; as discussões pedagógicas internas às escolas; a produção de livros e outros

Vale lembrar que uma das funções da escola, enquanto instituição formadora, é propiciar aos alunos uma aprendizagem que, sozinhos, não teriam condições de desenvolver, promovendo, assim, uma participação de forma mais efetiva nos vários contextos sociais, oportunizando a todos os alunos, sem distinção, acesso a bens da cultura letrada que, por vezes, só são (re)conhecidos por intermédio da escola.

Nesse sentido, acreditamos que promover um ensino de Língua Portuguesa que oportunize o (re)conhecimento por parte dos alunos de que a língua em uso é heterogênea e que, portanto, é marcada por variações linguísticas nos mais diferentes níveis - independente de quem são os falantes - é de suma importância para que valorizem o que já sabem e, a partir daí, tenham condições também de se apropriarem da variedade considerada mais prestigiada socialmente.

Para isso, observamos que o planejamento do professor, como nos orienta os Parâmetros Curriculares Nacionais (doravante PCN), não pode se basear em um aluno ideal, ainda padronizado pelos manuais didáticos

sob pena de **ensinar o que os alunos já sabem ou apresentar situações muito aquém de suas possibilidades** e, dessa forma, não contribuir para o avanço necessário. Nessa perspectiva, pode-se dizer que a boa situação de aprendizagem é aquela que apresenta conteúdos novos ou possibilidades de aprofundamento de conteúdos já tematizados, estando ancorada em conteúdos já constituídos (BRASIL, 1998, p.48, destaque nosso).

Portanto, entendemos, como mencionamos anteriormente, que um ensino mais produtivo da Língua Portuguesa precisa partir do conhecimento linguístico que o aluno já tem e, para isso, é necessário que o professor conheça a variedade usada pelos alunos de sua turma, fazendo um levantamento das principais características efetivas de sua comunidade de fala. Tendo em mãos esses dados, isso poderá servir de subsídio para o trabalho do professor com seus alunos, afinal, nas palavras de Possenti (2008, p.6), são eles, os professores, “que estão na sala de aula, são eles que lêem e ouvem o que seus alunos dizem e escrevem. E são

materiais didáticos e a avaliação do sistema de Educação. Os PCN foram criados em 1997 e funcionaram como referenciais para a renovação e reelaboração da proposta curricular da escola até a definição das diretrizes curriculares”. Disponível em: < <https://educador.brasilecola.uol.com.br/orientacoes/pcnparametros-curriculares-nacionais.htm> > Acesso em: 13 novembro de 2017.

⁵ A BNCC foi elaborada em convergência de muitas orientações já presentes nos PCN e, justamente por isso, retoma muitas orientações já apontadas nesse documento, sobretudo no que se refere ao ensino de Língua Portuguesa. Como a BNCC para o Ensino Fundamental foi publicada apenas em dezembro de 2017, e por se tratar, portanto, de um documento novo e extenso, optamos por referenciar os PCN neste estudo, embora reconheçamos que a BNCC veio para substituir os PCN. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>>. Acesso em: 31 janeiro 2019.

essa escrita e essa fala que fornecem boa parte dos materiais com os quais se faz uma boa aula de português”.

Lembramos também de algumas ações tomadas pelo governo federal no que tange ao ensino na Educação Básica, dentre elas, o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD)⁶, que serve de parâmetros para orientar a inclusão, nos manuais didáticos, de conteúdos que apoiam a prática educativa baseada nos pressupostos teóricos dos PCN. Em relação ao ensino de Língua Portuguesa, um dos conteúdos orientados pelos PCN diz respeito à questão da variação linguística e do combate ao preconceito linguístico.

Sendo assim, partilhamos das ideias de Cyranka (2015, p.32) quando tal autora afirma que essas ações “ainda representam muito pouco frente à complexa questão que esse tema propõe.” Ainda de acordo com a pesquisadora, estão em jogo “aspectos ligados a ideologias diferenciadas, entre elas, a luta pela igualdade, além da necessidade de uma avançada visão do ensino concebido na sua dimensão sócio-histórica” (CYRANKA, 2015, p.32). Além disso, acreditamos também que, sem uma efetiva preparação do professor - tanto na formação inicial quanto na continuada - para gerir e aplicar tais conteúdos, tornam tais ações insuficientes para alavancar o tão sonhado sucesso escolar dentro da sala de aula em relação ao ensino/aprendizagem de Língua Portuguesa na Educação Básica. Muitos professores não sabem como mediar teoria e prática em sua atuação em sala de aula e, assim, usam o livro didático de forma acrítica, sem o devido enfrentamento necessário para adequar o conteúdo à realidade escolar. Fica, portanto, evidente, que essas ações paliativas ainda precisam de (re)definições de políticas educacionais mais consistentes, relevantes e que incluam a capacitação e a valorização do professor – valorização social e econômica - em vários aspectos, visto que ele, enquanto mediador do estudo da Língua Portuguesa em sala de aula, precisa ter espaço para que sua palavra seja tomada como parte do planejamento, elaboração e aplicação desse processo.

⁶ PNLD foi criado em 1985 pelo governo federal para a distribuição gratuita de livros didáticos para os alunos das escolas públicas de ensino fundamental de todo o país. O PNLD é de responsabilidade do Ministério da Educação (MEC) e gerenciado pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), baseando-se nos princípios da livre participação das editoras privadas e da livre escolha por parte dos professores. O PNLD foi aperfeiçoado em 1995, adquirindo um componente novo: a análise e a avaliação prévia do conteúdo pedagógico com a criação do Guia de Livros Didáticos – sinopse de cada publicação, classificada de acordo com a qualidade do conteúdo –, no qual o professor pode avaliar o livro mais adequado às características de sua região, de seus alunos e ao processo pedagógico de sua escola. A ideia do PNLD é a melhoria da qualidade do ensino fundamental, considerando que o livro constitui um dos mais importantes suportes pedagógicos no trabalho do professor. Disponível em: <<http://www.educabrasil.com.br/pnld-programa-nacional-do-livro-didatico/>>. Acesso em: 05 de janeiro 2019.

Diante dessas reflexões e considerações trazidas até o presente momento - pensando em contribuir para a melhoria do atual ensino de Língua Portuguesa na Educação Básica - elaboramos essa pesquisa no âmbito do Mestrado Profissional em Letras. Aproveitando a experiência de vinte e oito anos como docente da rede pública de ensino, elaboramos a proposta de intervenção priorizando um ensino mais reflexivo e atento às variedades da língua em uso, facilitando assim, o processo de ensino-aprendizagem.

Tendo em vista os objetivos que propusemos para a pesquisa e nossas opções de referencial teórico e da metodologia da pesquisa-ação, organizamos a divisão desta dissertação em seis seções, incluindo a introdução e as considerações finais. Na introdução, discorremos sobre a justificativa para o desenvolvimento de nossa pesquisa, bem como sobre os objetivos, tanto geral quanto específicos, bem como expomos as questões de pesquisa e as nossas hipóteses decorrentes dessas questões, além de revisarmos alguns conceitos pertinentes ao nosso estudo.

Na seção 2, fizemos a revisão documental, propondo algumas reflexões acerca das orientações dos PCN, destacando algumas questões relevantes associadas às diversidades linguística, cultural e social, no ensino de Língua Portuguesa.

A seção 3 foi destinada à revisão teórica, na qual trouxemos algumas discussões relacionadas a mudanças ocorridas na educação a partir do século XVIII, a fim de percebermos o quanto é importante a educação estar inserida dentro do contexto social. Em seguida, abrimos as subseções para melhor abordar os tópicos sobre o uso da tecnologia digital aplicada à educação, o letramento digital, bem como apresentamos algumas reflexões atreladas aos conceitos de crenças e atitudes linguísticas e ao preconceito linguístico, temas que consideramos bastante oportunos dentro de nossa pesquisa. Em seguida tecemos algumas considerações acerca da variação linguística no ensino de Língua Portuguesa e finalizamos apresentando a proposta de intervenção e o aporte usado na web: o Edublog “O Português nosso de cada dia”.

A seção 4, foi destinada à exposição dos procedimentos metodológicos da pesquisa-ação. Iniciamos a seção com a caracterização da pesquisa, a descrição dos participantes, bem como descrevemos os procedimentos utilizados para a realização da coleta de dados. Em seguida, descrevemos e analisamos as quatro atividades aplicadas aos alunos, por meio de nossa intervenção didática.

Na seção 5, analisamos os dados dos questionários aplicados, apoiando-nos em gráficos comparativos referentes ao antes e o depois da aplicação da proposta didática.

Finalizamos a seção com uma análise geral dos resultados alcançados, bem como o desempenho dos participantes, no decorrer das atividades.

A seção 6, destinamos para as considerações finais. Em seguida, apresentamos as referências bibliográficas que embasaram nossa pesquisa.

Ao final desta dissertação, apresentamos os apêndices, composto pelos questionários sobre Tecnologia Digital e o de Crenças e Atitudes Linguísticas, bem como o Manual de orientações disponível no Edublog “O Português nosso de cada dia”, para que o professor possa melhor utilizar as atividades propostas. Em anexo, estão os documentos necessários à aplicação desta pesquisa - os modelos do Termo de Assentimento para o Menor e do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - aplicados aos alunos participantes da pesquisa e seus responsáveis.

1.1 Objetivos e caracterização da pesquisa

Tendo em vista as reflexões trazidas na seção anterior, elegemos como objetivo principal desta pesquisa, (re)pensar o ensino de Língua Portuguesa sob um olhar mais consciente acerca da heterogeneidade linguística e das diferentes possibilidades de realização da língua em uso. Para isso, utilizamos um aporte na web que contemplasse recursos de imagens, sons, vídeos, hipertextos, jogos, exemplificando por meio desse aporte o fenômeno da variação linguística em diferentes níveis da língua, em situações da língua em uso – na fala e na escrita –, além de trazer para a sala de aula, de maneira bastante contextualizada, a reflexão e a discussão acerca do preconceito linguístico. Acreditamos que dessa forma, conseguimos trazer o ensino da Língua Portuguesa para seu devido lugar, ou seja, mais para perto de seus falantes, para os usos que os falantes fazem, de fato - ou podem fazer -, de sua língua materna, nas mais diversas situações comunicativas. Apresentamos, ainda, os objetivos específicos que nortearam este trabalho:

1. Conhecer e analisar as crenças e atitudes linguísticas dos alunos, ao ingressarem no 6º ano do ensino Fundamental, a partir da aplicação do “Questionário de crenças e atitudes linguísticas”, elaborado para este fim;
2. Verificar o conhecimento que os alunos possuem das tecnologias digitais e sua receptividade quanto ao uso de tais tecnologias voltado ao ensino de Língua Portuguesa, a partir da aplicação do questionário elaborado com este intuito;
3. Contribuir na promoção de ações e transformações no ensino da variedade regional, social e estilística da língua por meio do Edublog “O Português nosso de cada dia”, no qual

apresentaremos algumas orientações e atividades que consideramos importantes para os professores sobre como conceber um ensino de Língua Portuguesa sensível à identidade de seus falantes;

4. Interpretar os dados coletados a partir das ações do projeto com a finalidade de verificar os pontos fortes e fracos da intervenção realizada para a promoção de um ensino de Língua Portuguesa amparado pelos preceitos da Sociolinguística Educacional;

5. Elaborar e aplicar a proposta de intervenção didática voltada ao ensino de Língua Portuguesa a alunos do 6º ano do Ensino Fundamental, tendo como parâmetro as contribuições da Sociolinguística Educacional e da Pedagogia da Variação Linguística, utilizando os diversos recursos disponibilizados no Edublog;

6. Socializar os resultados obtidos na pesquisa por meio do Edublog “O Português nosso de cada dia” a fim de que este recurso pedagógico possa ser utilizado como material complementar de estudo/ensino de Língua Portuguesa por outros professores e alunos do Ensino Fundamental II, além de servir como material para mais pesquisas e discussões sobre o tema.

Entendemos que a escola é a instituição responsável pelo acesso dos alunos aos usos da norma culta da língua e levando em consideração o perfil sociolinguístico dos alunos pesquisados, nosso estudo intencionou relacionar e analisar os PCN de Língua Portuguesa para o ensino fundamental II no que se refere às questões de variação linguística e ao uso das tecnologias digitais aplicadas à Educação – especialmente ao ensino de Língua Portuguesa -, coadunando com estudos já realizados por diversos estudiosos da área da Linguística/Sociolinguística e do ensino, como Bagno (2007, 2008, 2013), Bortoni-Ricardo (2004, 2005), Cyranka (2007, 2016), Faraco (2015), Marcuschi (2001), Marine; Barbosa (2016), Mattos e Silva (2004), Rojo (2012), Scherre (2005), Soares (1999), dentre outros e da área das tecnologias digitais voltada para a educação como Xavier (2016), Dudeney, Hockly e Pegrum (2016), Lévy (1997), Masetto (2000), Moran (2001), Palfrey e Gasser (2011) e Vallin (2016).

Abordando os aspectos que identificam as crenças e as atitudes dos alunos em relação à língua materna e levando em conta sua realidade e faixa etária, intentamos buscar respostas para as seguintes questões de pesquisa:

- Quais são as crenças e atitudes (com)partilhadas pelos alunos pesquisados ao ingressarem no ensino fundamental II, enquanto falantes da Língua Portuguesa?
- Qual é a concepção de língua que esses alunos trazem para a escola?

- Um ensino mais sensível à variedade linguística dos alunos contribui para a elevação da sua autoestima linguística?

- A variação linguística pode ser melhor trabalhada e, conseqüentemente, melhor compreendida pelos alunos se o professor utilizar, para este fim, recursos como imagens, sons, vídeos, hipertextos, jogos digitais em sala de aula?

Essas questões nos levaram a acreditar que o ensino da Língua Portuguesa permeado pelos recursos digitais e elaborados à luz da Sociolinguística Educacional e da Pedagogia da Variação Linguística, com vistas à conscientização sobre o fenômeno da variação linguística, poderiam contribuir para a mudança de crenças e atitudes em relação à língua em uso e, por extensão, em relação ao próprio uso que esses alunos (falantes) fazem da Língua Portuguesa.

1.2 Justificativa da proposta

A experiência como docente, ao longo de vinte e oito anos atuando como professora de Língua Portuguesa na rede pública de ensino, observando e analisando o comportamento e o rendimento dos alunos em diferentes níveis de escolaridade (Educação Infantil, Fundamental I e II e Educação de Jovens e adultos – EJA), oportunizaram-me acumular em estudos preliminares, uma maior sensibilização quanto ao comportamento dos alunos diante do estudo de sua língua materna. Pude detectar problemas, levantar várias hipóteses, mas muitas vezes nem sabia que a forma que eu estava tentando lidar com determinados problemas em relação ao uso da língua estava respaldada por teorias robustas na área da Sociolinguística, Sociolinguística Educacional e pela Pedagogia Culturalmente Sensível. Muitas vezes, havia a prática, mas não a teoria em torno de minhas ações em sala de aula. Havia o desejo de mudança, mas sem um norte teórico adequado respaldando essa mudança. Como um voo de um pássaro, as duas asas são importantes para o equilíbrio e o sucesso tanto no início quanto no final da jornada; assim, teoria e prática, são como duas asas, não há como levantar voo e aterrisar, uma sem a outra.

O pano de fundo para a apresentação e o desenvolvimento desse trabalho se baseou, portanto, na rotina escolar observada no decorrer dos anos, em muitas salas de aula e na fala de muitos professores desanimados com o cenário da educação brasileira. O desinteresse dos alunos pelo aprendizado da Língua Portuguesa e o grande interesse pela tecnologia, a indisciplina demonstrando que algo não ia bem, a sala de aula se transformando em uma arena de conflitos sociais, linguísticos e culturais ao invés de ser um lugar profícuo para os alunos desenvolverem seus relacionamentos e suas habilidades linguísticas.

Ainda hoje, muitos alunos demonstram grande insatisfação no ambiente escolar porque a aprendizagem não lhes parece significativa e, por isso, não atrai sua atenção. Não conseguem perceber nenhum senso de utilidade e nem de prazer sobre aquilo que estão estudando. Por mais que alguns professores tentem despertar o interesse dos alunos com aulas mais dinâmicas, sentem que a receptividade dos alunos ainda tem sido bastante tímida. Apesar dos avanços nos estudos variacionistas, nos meios acadêmicos, ainda encontramos muitos professores que desconhecem ou não sabem como abordar a questão da variação linguística de forma madura e produtiva em sala de aula. Para tentar amenizar essa lacuna entre teoria e prática é que propomos selecionar, analisar e disponibilizar em um Edublog, recursos já existentes na internet como imagens, sons, vídeos, hipertextos e jogos que pudessem servir de suporte para o professor abordar a temática da variação linguística em sala de aula. Além disso, também construímos algumas atividades de fácil acesso, que levassem em consideração a heterogeneidade da língua e disponibilizamos tais atividades no Edublog para que professores e alunos pudessem utilizá-las na ampliação de seus estudos.

Acreditamos que uma das funções da educação no contexto escolar é preparar o indivíduo para a vida “lá fora” e, na sociedade tecnológica em que vivemos, como alcançar esse objetivo sem dominar as tecnologias, tanto as velhas quanto as novas?⁷ A escola, como lugar de construção de conhecimento, formadora de opinião, não pode ficar alheia a essa evolução tecnológica – especialmente no que se refere às novas tecnologias de informação e comunicação (doravante NTIC)⁸ que tem adentrado nos lares de uma forma tão robusta nos últimos anos.

⁷ A palavra tecnologia tem origem no grego "*tekhne*" que significa "técnica, arte, ofício" juntamente com o sufixo "*logia*" que significa "estudo".

As tecnologias primitivas ou clássicas envolvem a descoberta do fogo, a invenção da roda, a escrita, dentre outras. As tecnologias medievais englobam invenções como a prensa móvel, tecnologias militares com a criação de armas ou as tecnologias das grandes navegações que permitiram a expansão marítima. As invenções tecnológicas da Revolução Industrial (século XVIII) provocaram profundas transformações no processo produtivo. Exemplos de velhas tecnologias muito usadas atualmente: fotografias coloridas, óculos, lentes de contato, sismógrafo, calculadora automática, lápis, etc. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/tecnologia-2/>> Acesso em: 13 novembro de 2017.

⁸ TIC é a abreviatura usada para Tecnologias de Informação e Comunicação e NTIC se refere às Novas Tecnologias de Informação e Comunicação, que são as tecnologias e métodos para comunicar surgidas no contexto da Revolução Informacional ou "Revolução Telemática" (mistura dos serviços de telefonia com os serviços da informática) desenvolvidas gradativamente desde a segunda metade da década de 1970 e, principalmente, nos anos 1990. Considera-se que o advento dessas novas tecnologias possibilitou o surgimento da "sociedade da informação". São consideradas NTIC, os computadores pessoais, as câmeras de vídeo e foto para computador ou webcams, a gravação doméstica de CDs e DVDs, os diversos suportes para guardar e portar dados (discos rígidos ou hds, cartões de memória, pendrives, zipdrives e assemelhados), os telefones celulares, a TV digital, por assinatura, o correio eletrônico, a internet, dentre outras. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Novas_tecnologias_de_informa%C3%A7%C3%A3o_e_comunica%C3%A7%C3%A3o> Acesso em: 13 novembro de 2017.

Cabe ressaltar que não basta apenas colocar computadores na escola, é necessária uma política pública voltada ao professor para que possa ter (in)formação adequada para assumir sua função como mediador do conhecimento, também na utilização das NTIC. Partindo desses pressupostos, acreditamos, assim como vários educadores, que é a função do professor ser um agente formador de opinião e mediador do conhecimento e, não, um mero transmissor de informações. Com isso, percebemos o quanto o papel do professor está cada vez mais relevante dentro dessa sociedade permeada pelo avanço das novas tecnologias. Cabe mais uma vez ao professor, auxiliar o aluno a desenvolver sua aprendizagem de maneira mais autônoma, despertando-o para o “aprender a aprender”, gerindo suas habilidades para atuar de forma mais participativa - e porque não dizer mais crítica - nessa sociedade tão envolta por (in)formações e situações em que as consequências de suas escolhas são mais imediatas: a apenas um clique em seus computadores e *smartphones*. Mas como desenvolver no aluno essa autonomia para ser protagonista da sua história com um modelo de educação que, muitas vezes, continua ultrapassado, sem tanta conectividade com a realidade do mundo atual? Esse processo de ensino-aprendizagem mais dinâmico e significativo, colabora para um maior e melhor desenvolvimento de conhecimentos e habilidades, permitindo, assim, a aquisição de novos conceitos, cuja aplicação se dará em diversas situações da vida, não só naquelas relacionadas ao âmbito escolar, mas, também, ao profissional e social. Podemos verificar nos PCN a orientação de que “o domínio dos usos sociais da linguagem oral e escrita pode possibilitar a participação política e cidadã do sujeito, bem como transformar as condições dessa participação, conferindo-lhe melhor qualidade” (BRASIL, 1998, p. 64-65) e também que o aluno aprenda a monitorar “seu desempenho oral, levando em conta a intenção comunicativa e a reação dos interlocutores e reformulando o planejamento prévio, quando necessário (...)” (BRASIL, 1998, p.51).

Nesse sentido, algumas indagações são bastante relevantes acerca de tal questão. Como a escola pode utilizar os recursos da Informática Educativa,⁹ em suporte para uma aprendizagem mais significativa da heterogeneidade da Língua Portuguesa? Como explorar

⁹ Informática Educativa refere-se ao uso do computador e suas ferramentas no âmbito escolar, enquanto recurso pedagógico a ser utilizado no ensino-aprendizagem. O objetivo da informática educativa é utilizar o computador como recurso pedagógico para as aulas de diferentes disciplinas, incentivando a descoberta de informações e a construção do conhecimento, melhorando assim, a aprendizagem dos alunos. Em outubro de 1989, por meio da Portaria Ministerial nº 549/GM foi criado o Programa Nacional de Informática Educativa – PRONINFE, cuja finalidade era desenvolver a informática dentro das escolas brasileiras, que estavam se organizando e cobrando dos órgãos públicos a inserção da tecnologia digital na educação. Com o programa, houve incentivos à produção e introdução no mercado educacional de *softwares* educativos com mais qualidade provenientes de grupos de pesquisa tanto público quanto privado.

Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Inform%C3%A1tica_educativa> Acesso em: 13 novembro de 2017.

tais recursos de forma mais criativa para ampliar a competência linguística e comunicativa dos alunos, estimulando sua autoaprendizagem? Como amenizar as dificuldades dos professores em encontrar material adequado na internet que aborde a questão da variação linguística na/da Língua Portuguesa de maneira adequada?

Muitos professores, em sua prática pedagógica, têm sido desafiados em relação ao uso das novas tecnologias digitais no desenvolvimento do seu trabalho. Os maiores desafios são observados quanto à aplicação dessas tecnologias digitais como recursos para agregar valor na produção e na construção de novos saberes, estabelecendo relações entre o conhecimento prévio que os alunos já trazem de casa e o que vai ser estudado na escola. Todas essas inquietações retratam a realidade de um contexto escolar que ainda continua, em muitos casos, desprovida de fascínio pela aprendizagem. Os recursos das novas tecnologias não são a “tábua de salvação” para a Educação, mas com propostas didáticas mais bem orientadas, poderiam ser melhor aproveitados, agregando mais valor a um ensino com um significado mais prático para os alunos. Nesse sentido, cabe a nós professores, utilizarmos os recursos que temos e elaborarmos material que contemple tanto o uso da tecnologia quanto a valorização da heterogeneidade linguística da Língua Portuguesa, de forma a alcançarmos uma parcela bem significativa dos educadores (e educandos) brasileiros.

De acordo com as considerações anteriores, partimos da hipótese, também, de que a baixa autoestima linguística dos alunos¹⁰ pode ser ampliada quando se investe em um ensino sensível à heterogeneidade linguística e às variedades linguísticas que identificam o aluno. Tendo em vista que acreditamos que ao acionar recursos da tecnologia digital em sala de aula, os alunos terão um maior interesse em participar das discussões e atividades que envolvam um trabalho com as habilidades linguísticas e comunicativas à luz de uma perspectiva social e variacionista da Língua Portuguesa, propomos, então, permear a prática pedagógica do ensino da Língua Portuguesa com tais recursos e, para isso, concebemos um Edublog que servisse de suporte para esse tipo de prática pedagógica.

Ao pensar na escolha para nossa proposta, percebemos, enquanto professoras de Língua Portuguesa, a grande dificuldade dos alunos em participar das atividades de aprendizagem no ambiente escolar, sejam elas escritas ou até mesmo orais. Embora o uso oral

¹⁰ Estudos como os de Cyranka (2007), bem como pesquisas mais recentes, como as de Dantas (2015), Frasson (2017), Santos (2017) e Fernandes (2017) apontam para a predominância de uma baixa autoestima linguística entre os alunos do ensino fundamental da rede pública de ensino no Brasil, a qual pode ser combatida com práticas de ensino respaldadas pelas contribuições da Sociolinguística Educacional e da Pedagogia da Variação Linguística, valorizando as variedades linguísticas dominadas pelo alunado. Tais pesquisadoras demonstram que propostas didáticas concebidas à luz de preceitos sociolinguísticos demonstram contribuir para a elevação da autoestima linguística do alunado, bem como para melhorar o desenvolvimento de sua competência comunicativa.

da língua materna seja algo tão natural para a maioria dos alunos, ao adentrar na sala de aula é notória a dificuldade por eles demonstrada em se expressarem em tal modalidade da língua.

Cabe destacar que as orientações presentes nos PCN, incentivam a função socializadora da instituição escolar (BRASIL,1998, p.46, destaque nosso), tal como podemos observar pela seguinte afirmação:

A escola, na perspectiva de construção de cidadania, precisa assumir a **valorização da cultura de sua própria comunidade** e, ao mesmo tempo, buscar ultrapassar seus limites, propiciando às crianças pertencentes aos diferentes grupos sociais o acesso ao saber, tanto no que diz respeito aos conhecimentos socialmente relevantes da cultura brasileira no âmbito nacional e regional como no que faz parte do patrimônio universal da humanidade.

Para o professor, é importante tecer essas reflexões acerca do caráter social do processo de ensino e aprendizagem, buscando, então, uma coerência entre o que pensa estar fazendo e o que realmente faz. O que se verifica, não raramente, é o professor não sabendo lidar com a heterogeneidade linguística da Língua Portuguesa e, conseqüentemente, com as variedades linguísticas de seus alunos. Isso porque, muitas vezes, esse professor não teve acesso em sua capacitação docente, seja ela inicial e/ou continuada, a orientações sobre como aproveitar o conhecimento linguístico que os alunos trazem da Língua Portuguesa, tendo em vista que esta língua é sua língua materna.

Validar este conhecimento e legitimar o valor e o uso dessas variedades é fundamental para que o aluno se valorize enquanto falante da língua e se sinta seguro e capaz para refletir sobre tantos outros usos e variedades da língua que, muitas vezes, só terá acesso no ambiente escolar. Conhecer as variedades linguísticas que compõem a norma culta, por exemplo, para muitos de nossos alunos, só será possível dentro da sala de aula, especialmente, por meio de atividades desenvolvidas nas aulas de Língua Portuguesa. Acreditamos que o estudo e ensino da norma culta só será realmente produtivo e profícuo se e quando o aluno se perceber como parte dessa língua. E, para tal, precisamos investir em práticas pedagógicas que se pautem na língua em uso nas mais diversas situações comunicativas, tanto de fala quanto de escrita. Todavia, infelizmente, o ensino da língua materna ainda permanece, majoritariamente nas salas de aula brasileiras, como um ensino “tradicional, prescritivo e alienado da diversidade linguística”, muito diferente de “como acreditamos que deveria e poderia se configurar – interativo, produtivo e engajado pela perspectiva sociolinguística de língua”, tal como propõem Marine e Barbosa (2016, p.189).

Muitas vezes, por desconhecer os avanços de estudos sociolinguísticos, os professores de Língua Portuguesa acabam por inibir a criatividade dos alunos enquanto falantes nativos do Português e, ainda, acabam que, mesmo que de maneira não consciente, estimulando um sentimento de insegurança em relação às suas próprias capacidades linguísticas, promovendo, muitas vezes, a constituição de uma perspectiva preconceituosa em relação às suas origens culturais, sociais e linguísticas. E, vale ressaltar aqui, a grande consideração que os alunos nutrem pelos posicionamentos, de diferentes ordens, assumidos pelo professor, o qual se constitui, sem dúvida, como um grande formador de opinião. Se os alunos percebem que o professor não está valorizando o seu conhecimento prévio sobre a língua, a sua forma de se expressar, isso vai significar para eles que o que trazem como “bagagem de conhecimento”¹¹ tem pouco ou nenhuma importância dentro da instituição escolar. Cabe ao professor, portanto, se colocar de maneira sensível aos antecedentes sociolinguísticos dos alunos, principalmente daqueles oriundos de classes socioeconômicas menos favorecidas, visto que há um estigma não somente social, mas também cultural e linguístico dessa grande parcela da sociedade (cf. MARINE; BARBOSA, 2016).

No entanto, para despertar essa “sensibilidade” nos professores, é preciso que os resultados das inúmeras pesquisas baseadas nos pressupostos sociolinguísticos alcancem tais professores em suas salas de aula, de uma forma simples e objetiva; e é exatamente isso que queremos fazer ao publicar essa pesquisa. Sendo assim, acreditamos que

é preciso reprogramar a mente de professores, pais e alunos em geral, para enxergarmos na língua muito mais elementos do que simplesmente erros e acertos de gramática e de sua terminologia. De fato, qualquer coisa que foge um pouco do uso mais ou menos estipulado é vista como erro. As mudanças não são percebidas como ‘mudanças’, são percebidas como erros (ANTUNES, 2007, p. 23, destaques da autora).

Alunos que têm dificuldades em emitir uma opinião, apresentar um trabalho diante da turma, fazer perguntas ao professor, muitas vezes têm uma baixa autoestima em relação à sua fala, como expressão de sua identidade não só linguística, mas também socioeconômica e cultural.

Como observação - tendo em vista que o trabalho com a modalidade oral da língua não é o objeto de estudo de nossa pesquisa – podemos dizer que apesar de ser ainda pouco priorizada na escola, a modalidade oral da língua é um fator essencial para o professor trabalhar com um ensino de Língua Portuguesa mais reflexivo, abordando situações reais de

¹¹ Quando os alunos chegam à escola - mesmo na educação infantil - já possuem bastante conhecimento adquirido em seu convívio familiar e em sua interação com o mundo à sua volta. Esse tipo de conhecimento é chamado de “bagagem de conhecimento”.

comunicação, em que terá oportunidade de mostrar aos seus alunos, as noções de mais e menos adequado aos diversos contextos de uso da língua. Ao chegar à escola, o aluno se depara com a aprendizagem de uma língua que parece ser totalmente desconhecida e o objetivo parece ser o de substituir o quanto antes, a língua dominada pelo aluno pela língua da escola, estigmatizando sua variedade linguística por meio da imposição de regras da chamada norma “padrão”. Dessa forma, o aluno acaba não tendo muita oportunidade para ampliar seu conhecimento linguístico, faltando-lhe espaço para a expressão livre de sua fala.

Em face dessas questões, acreditamos que as aulas de Língua Portuguesa - não que as demais também não sejam - devem oportunizar ao aluno o domínio da norma culta da língua como um acréscimo ao seu conhecimento e não como uma substituição à sua variedade falada em seu contexto familiar, considerada “deficiente”. Ensinar a língua materna aos falantes dessa língua, sem levar em consideração a sua fala é uma brutal mutilação. O trabalho do professor deve ser o de ampliar as habilidades dos alunos no uso de sua língua, ensinando-lhes a se adequarem às diversas situações de interação social. Ao desconhecer os aspectos sociais da língua, os professores, muitas vezes amparados apenas pelos manuais didáticos, têm privilegiado a escrita em detrimento da fala, muitas vezes, por considerá-la inadequada ao ensino das regras da Língua Portuguesa, exibindo assim, um preconceito com a fala do aluno. Cabe à escola democratizar o saber mais formal, usado por uma minoria privilegiada, dirimindo as relações de dominação linguística que apenas reflete a dominação econômica e social existente, muitas vezes camuflado dentro dos manuais didáticos e perpetuado dentro da sala de aula e no seio da sociedade.

Nesse sentido, a escola, muitas vezes, acaba cumprindo uma função discriminatória ao legitimar privilégios de origem social, servindo à classe dominante. Por meio de conhecimentos sociolinguísticos que levam à reflexão sobre a heterogeneidade da língua em uso, o professor terá subsídios para trabalhar de forma construtiva e sem discriminação, aspectos linguísticos sob a ótica dos fenômenos sociais e, como tal, ultrapassar os limites da escola. Nessa perspectiva, concordamos com as palavras de Antunes (2007) sobre a importância da língua e, assim, reiteramos que ao ser trabalhada na escola, a língua precisa ser contextualizada, pois ela é

parte de nós mesmos, de nossa identidade cultural, histórica, social. É por meio dela que nos socializamos, que interagimos, que desenvolvemos nosso sentimento de pertencimento a um grupo, a uma comunidade. É a língua que nos faz sentir pertencendo a um espaço. É ela que confirma nossa declaração: *Eu sou daqui*. Falar, escutar, ler, escrever reafirma, cada vez, nossa condição de gente, de pessoa histórica, situada em um tempo e em um espaço. Além

disso, *a língua mexe com valores*. Mobiliza crenças. Institui e reforça poderes (ANTUNES, 2007, p. 22, destaques da autora).

Acrescido a isso, acreditamos que a inserção das ferramentas digitais nesse processo de estudo e de ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa, enriquece o trabalho em sala de aula, visto que por meio de recursos da web, é possível ampliar a possibilidade de interação com inúmeras práticas discursivas – materializadas por meio de diferentes gêneros textuais/discursivos, falados e escritos –, as quais já fazem parte do cotidiano de boa parte do alunado. Assim, ao trabalhar com diferentes gêneros textuais/discursivos em sala de aula, o professor contribuirá para a ampliação da competência comunicativa dos alunos, pautando-se em usos reais e autênticos da língua em uso, em detrimento de uma visão ideal e homogênea de língua que caracteriza o ensino tradicional.

O ensino da Língua Portuguesa, concebido à luz das práticas de linguagem e da língua em uso, passa a ter uma abordagem mais reflexiva e sensível à heterogeneidade linguística, baseada nos pressupostos teóricos da Sociolinguística Educacional, dialogando também com a “pedagogia culturalmente sensível”¹², defendida por Erickson (1987). De posse dessa concepção e nas palavras de Cyranka (2015, p.37), concordamos que os alunos oriundos das classes sociais menos prestigiadas, ao adentrar nas escolas, se deparam com uma realidade diferente de sua vivência em que

(...) o choque cultural é inevitável, quando se trata de uma tradição escolar voltada para a classe média, como é o caso do Brasil que, apenas nas últimas décadas, abriu as portas de toda a educação básica para essa significativa fatia de nossa sociedade. Sem a preparação de uma infraestrutura capaz de alcançar efetivamente esse novo público, a escola acabou se tornando um espaço de esquizofrenia.

O desafio ao lidar com esse perfil de aluno e que representa uma parcela significativa em sala de aula, requer do professor esforço e sensibilidade para criar um ambiente de aprendizagem capaz de abarcar também as possibilidades de realização da língua nas diversas comunidades de fala presentes na cultura dos alunos.

Com o advento dos computadores e, a partir da metade do século XX, a relação entre conhecimento e trabalho passou por várias transformações até chegar na exigência de uma sociedade com uma maior capacidade de iniciativa e inovação, de construção do próprio conhecimento, também chamado de “aprender a aprender”. Portanto, coube à escola atender a

¹² O conceito de pedagogia culturalmente sensível (*A culturally responsive pedagogy*) foi proposto por Frederick Erickson (1987) e tem como foco, a vida no interior das escolas e a relação entre a sociabilização das crianças no lar e nas escolas. De acordo com Erickson, essa proposta pedagógica consiste no esforço por parte da escola em reduzir as dificuldades de comunicação entre professores e alunos, considerando a heterogeneidade cultural desses alunos.

essa nova exigência da sociedade e, para isso, precisou ampliar sua forma de ensino, visando a aquisição e o desenvolvimento de novas competências, de novos saberes, capazes de lidar com novas tecnologias e linguagens. E é nesse contexto que surgem, no final do século XX, mais precisamente na década de 1980, várias discussões acerca da necessidade de melhorar a qualidade da Educação no Brasil, tendo em vista o grande fracasso escolar apresentado pelos alunos, principalmente na questão da leitura e da escrita.

Durante as décadas de 70 e 80 a tônica da política educacional brasileira recaiu sobre a expansão das oportunidades de escolarização, havendo um aumento expressivo no acesso à escola básica. Todavia, os altos índices de repetência e evasão apontam problemas que evidenciam a grande insatisfação com o trabalho realizado pela escola (BRASIL, 1997, p.14).

Diante dessas evidências do fracasso escolar, que se manifesta de diversas maneiras desde a repetência e evasão até na desesperadora aversão ao estudo da Língua Portuguesa, houve a necessidade de uma reestruturação do ensino, principalmente em relação à língua materna. Surgiram, então, diante do insucesso escolar, algumas ações que resultaram, por exemplo, na elaboração dos PCN¹³. Cabe aqui uma crítica em relação a isso porque o professor de Língua Portuguesa é visto, portanto, como um dos grandes responsáveis por esse fracasso, como se apenas nas aulas de Português, a leitura e a escrita precisassem ser, efetivamente trabalhadas. Faz parte do senso comum delegar ao professor de Língua Portuguesa o fracasso escolar nas práticas de leitura e de escrita, mas sabemos que não é bem assim. O sucesso do trabalho com a língua materna precisa ser (re)pensado como uma ação coletiva dos educadores, em um contexto interdisciplinar, mas, infelizmente, essa postura de protagonizar como vilão o professor de Língua Portuguesa, como o responsável pelo fracasso em relação à leitura e à escrita, com tantas discussões e reformulações no ensino, ainda perdura até os dias atuais.

No atual contexto educacional, circundado por tanta tecnologia digital, cabe à escola, ampliar sua visão acerca do mundo globalizado em sua volta e estar atento aos diversos “letramentos”¹⁴ que coexistem na vivência extraescolar dos alunos, de modo a trazer para as práticas pedagógicas em sala de aula, esses multiletramentos, inclusive o letramento digital, ampliando, assim, as habilidades que nossos alunos já trazem de sua vivência extraescolar.

¹³ Como mencionamos anteriormente, reconhecemos que os PCN serviram como suporte para a elaboração do novo documento oficial, a Base Nacional Curricular (BNCC), que se encontra em fase de implantação.

¹⁴ O termo letramento se refere ao resultado da ação de ensinar/ aprender a ler e a escrever e de usar essas habilidades em práticas sociais diversas, das mais básicas às mais complexas. Soares (1999, p. 3, destaques da autora) define letramento como “estado ou condição de quem *não só* sabe ler e escrever, **MAS** exerce as práticas sociais de leitura e de escrita que circulam na sociedade em que vive, conjugando-as com as práticas sociais de interação oral”. O termo no plural, “letramentos” ou “multiletramentos”, conforme aponta Rojo (2012, p.13), se refere à “multiplicidade e variedade das práticas letradas”.

Apresentaremos, a seguir, a revisão documental acerca das orientações sobre o ensino de Língua Portuguesa nos documentos oficiais e a utilização das NTIC.

2- REVISÃO DOCUMENTAL

Nesta seção, propomos algumas reflexões relacionadas aos Parâmetros Curriculares Nacionais (doravante PCN) no que diz respeito à língua(gem) e também ao uso da tecnologia digital aplicada à Educação, buscando discutir a respeito das orientações contidas nesses documentos oficiais¹⁵ sobre o ensino de língua que contemple um trabalho com a variação linguística. Assim sendo, buscamos revisitar tais documentos no intuito de trazer maior embasamento para sustentar o ensino de Língua Portuguesa sob à luz de pressupostos sociolinguísticos.

2.1 Os documentos oficiais, o ensino de Língua Portuguesa e o uso das NTIC

O Plano Nacional de Educação (PNE)¹⁶ tornou-se uma referência em termos de política educacional a partir da Emenda Constitucional nº 59/2009 (EC nº 59/2009) que passou de uma disposição transitória da LDB 9394/96 para uma exigência constitucional com periodicidade decenal. Vinte metas são apresentadas pelo PNE com estratégias para promover mudança de qualidade na educação pública no Brasil. Nesse documento, as tecnologias educacionais nas escolas são consideradas importantes para uma mudança no desempenho dos alunos da Educação Básica. Como uma das metas a ser alcançada até 2024, está o acesso à rede mundial de computadores em banda larga de alta velocidade e triplicar, até o final da década, a relação computador/aluno nas escolas da rede pública de Educação Básica, promovendo, assim, a utilização pedagógica das tecnologias da informação e da comunicação.

Vislumbrando a melhoria do ensino no Brasil, muitas leis foram aprovadas, buscando dar notoriedade ao ensino pautado na inserção das novas tecnologias. As NTIC têm desempenhado uma grande influência na construção do conhecimento. Cabe, então, aos

¹⁵ Como já mencionamos, há um novo documento oficial, a Base Nacional Curricular (BNCC), convergente em diversos aspectos com os PCN no que se refere ao ensino de Língua Portuguesa e que se encontra em fase de implantação. Vale lembrar, mais uma vez, que optamos por referenciar os PCN, embora reconheçamos que a BNCC veio para substituí-los.

¹⁶ Disponível em: <<http://pne.mec.gov.br/>> Acesso em: 16 novembro de 2017.

docentes, despertarem para uma nova visão de práticas educativas, pautada na realidade tecnológica dessa nova geração de alunos.

Não cabe aqui a discussão sobre se as políticas públicas no que se refere à formação dos profissionais para o uso pedagógico das tecnologias na educação estão sendo aplicadas ou não. Esse seria um outro estudo a desenvolver. No entanto, podemos dizer que são muitos os desafios a serem superados: mudança na preparação adequada dos docentes gerando competência e habilidade para integrar as mídias digitais em seu cotidiano escolar, formação de um professor reflexivo capaz de dar um novo significado ao ensinar e ao aprender, especialmente na perspectiva da inovação pedagógica, em uma Sociedade da Informação¹⁷.

Embora não seja o foco desse estudo discutir sobre as vantagens e desvantagens do uso da tecnologia digital aplicada à Educação, não podemos fechar os olhos para não ver as mudanças que estão ocorrendo, de forma tão veloz à nossa frente. E é por isso que um estudo que leva em consideração a língua no convívio social, não pode ficar alheio a essas mudanças. Assim, acreditamos ser fundamental, (re)pensar sobre como o aluno aprende/compreende/vivencia sua língua materna no contexto escolar e em interação com a tecnologia digital e também como o professor, com seu desejo de mudanças, pode auxiliar este aluno a ampliar sua competência comunicativa, partindo do pressuposto de que o aluno vem para a escola já equipado com uma habilidade linguística adquirida em seu ambiente familiar e social. E, por último, refletimos no como utilizar os recursos das tecnologias digitais para uma aprendizagem da Língua Portuguesa mais significativa e cheia de oportunidades a serem construídas.

2.2 O uso da tecnologia digital aplicada ao ensino de Língua Portuguesa

Muito se tem discutido sobre as vantagens e desvantagens do uso da tecnologia digital aplicada à Educação. Não cabe aqui, comentar sobre as desvantagens porque o que se pretende, com este trabalho, é usar as vantagens já percebidas com o uso dessas novas tecnologias como aliadas das práticas pedagógicas atreladas ao ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa, com vistas à ampliação da competência comunicativa do aluno. Os jovens, e até mesmo as crianças, interagem nas redes sociais, sentindo-se à vontade para

¹⁷ A Sociedade da Informação se refere à situação de nossa sociedade atual em que as novas tecnologias de Informação e Comunicação estão presentes em vários segmentos, em tempo real e à distância. Por exemplo, hoje podemos realizar várias atividades, como pagar contas, comprar produtos, dentre outros, apenas acessando a internet pelo computador ou *smartphone*. Os ambientes virtuais estão sobrepondo aos ambientes reais. Para mais informações acessar: <<https://www.infoescola.com/sociedade/a-sociedade-da-informacao/>>.

escrever suas opiniões, suas dúvidas. Muitas vezes, esses espaços virtuais são usados sem nenhum critério, sem nenhuma orientação por parte de seus responsáveis. Apesar do consumo excessivo de tecnologia por parte desses jovens – que acham que dominam tais tecnologias – não estão agregando valor a esse consumo. Sem orientação adequada não há uma produção significativa de conhecimento¹⁸. Sem esse mediador/orientador para fomentar uma discussão mais produtiva sobre os assuntos abordados nesses ambientes virtuais, percebemos pouco aprendizado colaborativo - por meio de suas colocações, suas ideias, opiniões, críticas e sugestões - em que todos aprendem com todos.

Faz-se necessário, portanto, um olhar sensível do professor, propondo “o pensar juntos”, o “caminhar juntos” em meio a esse labirinto de informações, luzes e cores, permeado por perigos e ciladas virtuais que, na verdade, se constituem de maneira tão real. Cabe ao professor, visualizar, em meio ao emaranhado cibernético, as oportunidades para ampliar a competência comunicativa dos alunos com práticas pedagógicas significativas que lhes possibilitem construir sua aprendizagem, tendo em vista que os questionamentos, bem como as dúvidas e as possíveis dificuldades fazem parte desse aprendizado e precisam ser consideradas dentro de um processo de ensino-aprendizagem mais reflexivo e autônomo. O que se propõe em nossa pesquisa-ação, então, é que os alunos sejam conduzidos a desenvolver a sua autoestima linguística, quebrando a barreira que foi construída ao longo dos anos entre a escola e o aluno, onde o professor é o detentor do saber e o aluno é o “ser sem luz” que nada sabe ou que o que sabe não tem valor.

Cabe destacar que o aluno, em relação às novas tecnologias, por vezes sabe até mais que o próprio professor. Portanto, utilizar as ferramentas digitais, tão atraentes aos alunos, para ampliar sua capacidade de leitura, escrita, oralidade, enfim, sua competência comunicativa, é o grande desafio do professor, principalmente para o de Língua Portuguesa. E, nesse processo de repensar a função da escola, deve-se considerar o desafio de dirimir distâncias entre as diversas experiências que os alunos abarcam fora do contexto educacional, inclusive em relação à tecnologia e o que se ensina na instituição escolar. Cabe à escola incorporar ao ensino de Língua Portuguesa aspectos que facilitarão o desenvolvimento das múltiplas competências linguísticas do alunado. Coadunamos com as orientações dos PCN ao considerarem que os recursos das novas tecnologias digitais, por

¹⁸ Cabe ressaltar que de acordo com Dudeney et al (2016, p.26), os jovens, apesar de serem “experientes no uso da tecnologia para entretenimento e propósitos sociais, frequentemente precisam de orientação para usá-la no caso de objetivos profissionais ou educacionais e para desenvolver uma compreensão crítica das potencialidades e armadilhas tecnológicas”.

combinarem diferentes linguagens e atividades multidisciplinares, favorecem a construção de uma representação não-linear do conhecimento, permitindo que cada um, segundo seu ritmo e interesse, possa dirigir sua aprendizagem: buscando informação complementar, selecionando em um texto uma ligação com outro documento, por uma palavra ou expressão ressaltada; buscando representações em outras linguagens - imagem, som, animação - com as quais pode interagir na construção de uma representação mais realista (BRASIL, 1998, p.90-91, destaque nosso).

Refletindo sobre todas essas questões e a inclusão na escola das experiências advindas do cotidiano do aluno em relação à tecnologia, percebe-se a lacuna que ainda existe no ensino da Língua Portuguesa desarticulado da conscientização da heterogeneidade linguística, das mudanças ocorridas na escrita digital, demonstrando claramente o quanto os conhecimentos se interpenetram para cumprir seus propósitos comunicativos. O ensino na Educação Básica, principalmente em relação à Língua Portuguesa, precisa imbricar práticas pedagógicas envoltas pela Pedagogia da Variação Linguística e por uma Pedagogia Culturalmente Sensível, com o auxílio das NTIC, que provoquem o diálogo e a participação ativa dos alunos no processo de ensino-aprendizagem, voltado para uma educação inclusiva em todos os aspectos: a vivência dos alunos, suas variedades linguísticas, seus interesses tecnológicos, enfim, sua cultura, sua identidade enquanto cidadão brasileiro.

Após essas reflexões vinculadas à discussão da heterogeneidade linguística e à inclusão da tecnologia digital no que se refere ao ensino de Língua Portuguesa no Brasil, realizaremos, na próxima seção, a revisão teórica dos estudos que sustentaram nossa pesquisa.

3- REVISÃO TEÓRICA

Abordaremos, a seguir, algumas considerações preliminares para em seguida abordarmos alguns referenciais teóricos referentes às concepções do ensino de Língua Portuguesa no Brasil pelo viés da Sociolinguística Educacional¹⁹, conceito que aprofundaremos mais adiante. Teceremos, também, algumas discussões acerca das crenças e atitudes linguísticas, bem como do preconceito linguístico no contexto escolar. Por fim, realizaremos uma discussão sobre a abordagem e a aplicação do conhecimento sobre variação linguística nas aulas de Língua Portuguesa, de acordo com as contribuições sociolinguísticas.

¹⁹ Trata-se de uma ramificação da Sociolinguística, cujo termo foi cunhado por Bortoni-Ricardo (2004), que trata das contribuições da Sociolinguística ao ensino de Língua Portuguesa.

3.1 Considerações preliminares

As mudanças ocorridas na educação, nos últimos anos, nos auxiliam na reflexão sobre os saberes e as práticas educativas que estamos vivenciando na atualidade e nos remetendo para um outro período da história com mais inovações e conhecimentos. Não devemos simplesmente descartar os aprendizados anteriores, mas, sim, aprender com as práticas pedagógicas anteriores e acrescentar a elas novas propostas teóricas e práticas desenvolvidas por outras gerações de linguistas e educadores.

Refletindo sobre o momento educacional em que nos encontramos, tanto em relação aos anseios da sociedade contemporânea, quanto às expectativas dos alunos, podemos dizer que a teoria pedagógica que mais se aproxima do desejável, baseados em estudos de Xavier, parece ser a concepção “tecno-progressista-sociointeracionista” que

consegue reunir as possibilidades de ação e de internalização de informações peculiares aos dispositivos tecnológicos, somar-se à visão humanista-transformadora das teorias progressistas e integrar a interpretação mais avançada de processamento de informações na mente do sujeito. Amalgamadas, essas perspectivas tecno-pedagógico-cognitivas ensejaria bem a teoria de ensino que desembocaria em práticas docentes mediadoras de saberes tão desejadas pelos jovens estudantes neste momento da história (XAVIER, 2016, p.7).

É importante dar-se conta de que a sociedade está em contínua mudança e a busca de uma resposta pode levar ao encontro de mais dúvidas do que respostas, pois, o saber pré-fixado cede lugar à busca da informação para a construção do conhecimento, que gera outros saberes. E assim também é a língua: dinâmica, variável e heterogênea. E é nesse contexto que o computador, como ferramenta da sociedade tecnológica, deve ser inserido na Educação: um aliado do professor e do aluno na busca prazerosa pela ampliação do conhecimento linguístico. Partilhando das afirmações de Marine e Barbosa (2016, p.196) de que “o professor de Língua Portuguesa deve levar em consideração as crenças linguísticas²⁰ de seus alunos em suas aulas e, a partir desse (re)conhecimento, propor atividades que reflitam sobre o uso da língua nos mais diversos contextos de uso” é que verificamos a possibilidade do uso dos recursos disponíveis das ferramentas digitais para agregar mais valor a essas atividades

²⁰ De acordo com CYRANKA (2016, p.169-170), a Sociolinguística Educacional propõe um ensino que leve em consideração a variação linguística com um trabalho de orientação aos alunos para o reconhecimento das diferenças dialetais como legítimas e adequadas às condições de produção, conforme as necessidades do contexto. Sendo assim “o conceito de ‘certo/errado’ em linguagem é substituído pelo de ‘adequado/inadequado’, o que predispõe os alunos ao desejo de ampliarem a competência comunicativa que já possuem, construindo crenças positivas sobre o conhecimento que têm de sua língua, no caso, a Língua Portuguesa”. Segundo a autora, “crenças positivas levam a atitudes linguísticas positivas, o que garante boa autoestima e entusiasmo do aluno”.

reflexivas sobre a língua em uso. Essa interação com as ferramentas digitais se configura como um aliado - nos diversos espaços de aprendizagem, tanto reais quanto virtuais – para que os alunos possam adquirir maior autonomia colaborativa para produzir, (re)avaliar e socializar o seu conhecimento prévio e também aquele mais formal adquirido na escola. Coadunamos com as orientações dos PCN, segundo as quais

O exercício do diálogo na explicitação, contraposição e argumentação de ideias é fundamental na **aprendizagem da cooperação e no desenvolvimento de atitudes de confiança, de capacidade para interagir e de respeito ao outro**. A aprendizagem desses aspectos precisa, necessariamente, estar inserida em situações reais de intervenção, começando no âmbito da própria escola (BRASIL, 1998, p.41, destaque nosso).

Percebemos que todos esses aspectos são melhores apreendidos quando utilizamos ferramentas que atraem nossos alunos, que despertem neles essa colaboração participativa. No entanto, percebemos também que é um trabalho que precisa ser incorporado às atividades diárias de forma paulatina e progressiva até alcançar um nível mais elevado de interação.

Tendo em vista esses novos rumos educacionais que estamos vivendo, faz-se necessário perceber alunos e professores como cooperadores no processo de ensino e aprendizagem e nada melhor do que usar os recursos dessas novas tecnologias para agregar mais valor ao profissional de amanhã que a escola ajuda a construir hoje.

Em meios a essas reflexões, cabe a seguinte pergunta: e como vai a escola, hoje, em pleno século XXI? Essa é a pergunta que muitos professores, pesquisadores, têm feito nas últimas décadas. E a resposta não é o que se espera²¹. Estamos vivenciando a grande revolução tecnológica, o mundo digital invadindo nossas vidas, a facilidade de acesso à comunicação, à informação, vivemos a era do conhecimento, mas parece que, quanto mais se facilita a comunicação, menos se entende. Há uma grande lacuna entre as gerações. E cada vez com espaços menores de tempo entre elas. Nossos adolescentes e jovens, em sua maioria, agem com mais naturalidade diante das novas tecnologias presentes em nosso cotidiano, pois nasceram inseridos nesse mundo digital e, mesmo aqueles que não têm tanto contato diário com tais recursos, conseguem se apoderar das informações com mais desenvoltura²². É a

²¹ O ensino no Brasil tem obtido baixos resultados de desempenho, conforme o resultado de avaliações oficiais como o IDEB e ENEM. Disponíveis em < <http://portal.mec.gov.br/>>.

²² Segundo a pesquisa do Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br), realizada em 2015 em todas as regiões do Brasil, 90% dos jovens de 9 a 17 anos possuem pelo menos um perfil em rede social. O estudo mostra que 81% dos adolescentes navegam na internet diariamente e 73% deles afirmam que a utilizam para acessar redes sociais. Já para fins escolares, apenas 68% disseram fazer buscas online em um mês. Para maiores informações acesse < <https://exame.abril.com.br/tecnologia/90-dos-jovens-brasileiros-possuem-pelo-menos-um-perfil-proprio-em-rede-social/>> Acesso em: 15 novembro de 2017.

geração dos relacionamentos virtuais, do acesso imediato à informação, dos jogos digitais fascinantes e, tudo isso, a um toque do dedo.

Essa geração não tem “paciência” para focar sua atenção em aulas exclusivamente expositivas; então, se fecham em seu universo digital. Os recursos tecnológicos têm influenciado, não só o comportamento desses adolescentes e jovens, mas, também, a forma como estão construindo seu conhecimento. Os professores se queixam da indisciplina na sala de aula, da falta de interesse dos alunos pela aprendizagem, no entanto, a maioria das aulas permanece sendo ministrada com os mesmos recursos tecnológicos de séculos passados (giz/lousa e livro didático), com textos lineares, que atraem pouco os alunos, ao invés do uso de textos em telas ou *display* digitais, com hipertextos e suas múltiplas possibilidades, mesclando tanto as linguagens verbais e visuais quanto as sonoras. Assim como o conhecimento deve ser algo dinâmico e interativo, o texto digital possui algumas características que, somadas, despertam a atenção dos nossos alunos, como nas palavras de Lévy (1999, p.56), "um texto móvel caleidoscópio, que apresenta suas facetas, gira, dobra-se e desdobra-se à vontade frente ao leitor", onde a aprendizagem acontece nessa interação, dentro de um construto de colaboração entre docente e discentes.

Os alunos têm interesse em aprender quando a aprendizagem é significativa, quando percebem que o que estão aprendendo terá utilidade prática em sua vida. Isso é um fato anterior ao advento das novas tecnologias, mas que tem se tornado ainda mais relevante nesses últimos tempos. O que as tecnologias têm despertado hoje é a vontade das pessoas em publicar, compartilhar o que produziram, enfim, terem visibilidade. O papel do professor, como mediador da aprendizagem, se faz ainda mais necessário nesse contexto em que o aluno quer compartilhar o que sabe e, muitas vezes, tem mais conhecimento das novas tecnologias que o próprio professor, mas que, por vezes, carece de orientação de sua aprendizagem. Nesse novo contexto educacional, o professor precisa incorporar seu novo papel, o de orientador do processo de aprendizagem, para que realmente os alunos possam, não apenas reproduzir, mas, sobretudo, produzir conhecimento e saber compartilhá-lo. E para o professor orientador de todo esse processo, é necessário que ele seja um referencial para o aluno em termos de uso da linguagem, mesmo que não o seja em relação à tecnologia.

No caso de Língua Portuguesa, além dos aspectos já apontados, são decisivas para a aprendizagem as imagens que os alunos constroem sobre a relação que o professor estabelece com a própria linguagem. Por ter experiência mais ampla com a linguagem, principalmente se for, de fato, usuário da escrita, tendo boa relação com a leitura, gostando verdadeiramente de escrever, o professor pode se constituir em referência para o aluno. Além de

ser quem ensina os conteúdos, é quem ensina, pela maneira como se relaciona com o texto e com o outro, o valor que a linguagem e o outro têm para si (BRASIL, 1998, p. 66).

Teoricamente, o governo federal tem demonstrado sua preocupação com o ensino básico (re)elaborando documentos - como os PCN, a BNCC - que possam ser norteadores e auxiliar os professores em sua sala de aula, no entanto, ainda percebemos que tais ações não estão dando conta de ajudar o professor a alavancar a aprendizagem do aluno a um patamar desejável e compatível com vários anos de escolaridade. Somando a essas ações governamentais percebemos que foram criadas, também, programas de governo para estabelecer relação entre a educação e a informática (PRONINFE-1990, ProInfo-1997 e o e-Proinfo -1997), no intuito de melhorar o ensino, incluindo as NTIC no processo de ensino e aprendizagem. No entanto, sabemos que o acesso à informação não significou necessariamente acesso ao conhecimento e à aprendizagem, principalmente no ensino de Língua Portuguesa. As tecnologias digitais continuaram se propagando nas escolas públicas - com a preocupação de incluir digitalmente as classes menos favorecidas -, mas com resultados bastante tímidos para grande parcela dos alunos.

O multiletramento - como já mencionado anteriormente - é uma condição importante no mundo globalizado para desenvolver a múltipla competência comunicativa dos alunos e uma das ferramentas capazes de promover essa competência, se encontra no uso adequado das tecnologias digitais. A capacidade para dialogar com os diferentes gêneros discursivos e tipos textuais, podem ser encontradas nessas novas tecnologias e, por isso, precisam ser inseridas na educação, no ensino-aprendizagem em sala de aula, de forma efetiva, para melhorar a proficiência dos alunos em relação às principais habilidades de leitura e escrita. A forma de trabalhar a Língua Portuguesa em sala de aula, muitas vezes desprovida de sentido para o aluno e desconectada do seu mundo real, tem trazido diversos prejuízos ao ensino e à aprendizagem de milhões de brasileiros. Em plena era da tecnologia, o professor está sendo desafiado a adentrar no mundo virtual, aproveitando todas as oportunidades para gerar conhecimento em seus alunos. A tecnologia digital possui um enorme potencial para estimular a curiosidade dos alunos para a pesquisa, despertando-os para essa busca de conhecimento em que serão sujeitos do seu discurso. Para isso, precisamos de propostas de ensino que incluam as tecnologias digitais e que sejam capazes de desenvolver a prática dos quatro pilares básicos do ensino de Língua Portuguesa - ouvir, falar, ler e escrever - de forma mais produtiva.

3.2 Letramento Digital: partindo do conhecimento do aluno

Segundo Marcuschi, (2007, p.33) o termo “letramento”²³, da palavra inglesa *literacy*, remete ao “aprendizado informal ou formal da leitura e escrita, sem que haja necessariamente um aprendizado institucional”. Para Soares (1998, p.39-40), a apropriação da escrita se difere de se ter aprendido a ler e a escrever, visto que, nas palavras da autora, um indivíduo alfabetizado

não é necessariamente um indivíduo letrado; alfabetizado é aquele que sabe ler e escrever; já o indivíduo letrado, o indivíduo que vive em estado de letramento, é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e de escrita.

Sendo assim, podemos dizer que há vários níveis de letramento, de acordo com as práticas sociais que a pessoa lança mão; desde um letramento básico, com habilidades de interagir e de se apropriar de recursos oriundos do mundo da escrita, como os textos multimodais – que incluem várias formas da linguagem: escrita, oral e visual - até um nível mais elevado, dentro de um contexto acadêmico, por exemplo.

Considerando que a educação precisa dialogar com a sociedade e vice-versa, entendemos que o novo perfil do professor é de mediador, orientador e, por que não dizer também, aprendiz dessa nova aprendizagem colaborativa, tão presente nos meios digitais e tão fascinante para essa geração chamada de “nativos digitais”²⁴, do qual também muitos professores mais jovens fazem parte, mas mesmo assim, ainda têm alguma dificuldade em mediar a aprendizagem com seus alunos que já dominam com maior desenvoltura a evolução tecnológica. Os nativos digitais, nossos jovens alunos, passam a maior parte do tempo *online*, conectados virtualmente. Já boa parte dos professores são considerados ainda “imigrantes digitais”²⁵, ou seja, estão aprendendo a lidar com essas novas tecnologias e, muitos ainda, sentem grande dificuldade em lidar com esses aparatos tecnológicos mais modernos. Por um lado, acreditamos que os professores precisam melhorar sua competência digital e passarem a

²³ A palavra “letramento” apareceu pela primeira vez no livro de Mary Kato: No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística (1986, p.7).

²⁴ O termo “nativos digitais” foi adotado por Palfrey e Gasser (2011) e refere-se às pessoas nascidas após 1980 e que têm acesso às tecnologias digitais de rede e se relacionam com desenvoltura em meio às novas tecnologias de informação e comunicação. Pertencem à geração que nasceu com computadores, vídeo games, tocadores de música digitais, câmeras de vídeo, telefones celulares, e todos os outros brinquedos e ferramentas da era digital. Os nativos digitais mais recentes convivem com a rapidez das mensagens instantâneas, dos hipertextos, dos downloads e conseguem fazer várias coisas ao mesmo tempo.

²⁵ Palfrey e Gasser (2011), consideram imigrantes digitais as pessoas que nasceram antes do advento da era digital e que estão imigrando, aprendendo a adaptar-se ao ambiente com as novas tecnologias de informação e comunicação, mas que ainda conservam alguns traços anteriores à era digital como por exemplo: imprimir textos para ler, telefonar para perguntar se o e-mail enviado foi recebido, ler os manuais ao invés de seguir o passo-a-passo digital na instalação dos produtos etc.

ver seus alunos como aliados de um novo processo de ensino-aprendizagem que vem se constituindo já há algumas décadas. Os alunos, por outro lado, precisam ser orientados quanto ao uso dessas tecnologias digitais em relação à qualidade e à sobrecarga de informações tão disponíveis no ambiente virtual, mas que sem orientação adequada, fica sem aproveitamento para seu desenvolvimento no ambiente escolar.

Tendo em vista os recursos dos novos letramentos digitais que os alunos trazem de bagagem de conhecimento, cabe à escola buscar soluções para ensinar Língua Portuguesa aos “falantes nativos” dessa língua, utilizando tais recursos de forma a ampliar suas habilidades comunicativas e, assim, contribuir com a melhoria da sua autoestima linguística, ajudando-os a se tornar leitores, falantes e produtores de textos mais eficientes. Rojo (2012) assinala que esses novos recursos “de caráter multimodal ou multissemiótico”, ou como são chamados na era digital, recursos hipermidiáticos²⁶ com portadores de textos virtuais que se materializam nas telas de computadores e de *smartphones* precisam ser experimentados, em conjunto, por professores e alunos, e serem incluídos no programa de ensino atual.

Cabe à escola, preparar os alunos para o uso social da escrita, ou seja, para a leitura compreensiva, abarcando diferentes textos, em diferentes mídias e que também possam escrever ou se expressar por meio das novas tecnologias, que podem ser usadas como ferramentas para instigar a curiosidade dos alunos nas aulas de Língua Portuguesa a fim de ampliar sua competência comunicativa de forma reflexiva. A escola precisa preparar cidadãos que sejam produtores de conhecimento e não somente consumidores; que saibam analisar de forma crítica o que ouvem, veem e leem e que saibam se apropriar do conhecimento adquirido, ressignificando-o, que percebam a necessidade de sua comunidade, do seu entorno, que saibam avaliar/interferir de forma consciente e, sobretudo, que saibam fazer escolhas que não prejudiquem a si próprio nem ao outro.

Promover práticas de letramentos digitais que circulam na sociedade, tanto em gêneros textuais/discursivos escritos, quanto orais (mais e menos monitorados), na escola, é uma forma concreta de ampliar a competência comunicativa do alunado e, ao mesmo tempo, contribuir para combater o preconceito linguístico. E uma das formas instigantes, prazerosas e multidisciplinares de se construir conhecimento é envolver o ensino da Língua Portuguesa com recursos existentes nas tecnologias digitais que, por vezes, já fazem parte do domínio de nossos alunos²⁷. Portanto, a função do professor - com a inserção das novas tecnologias -

²⁶ Hiperrmidiáticos são as novas interações em que palavras, imagens e sons geram links em uma complexa rede de significados.

²⁷ Destacamos que o acesso aos recursos das NTIC e seu consequente domínio é uma realidade que tem crescido muito no Brasil e que engloba grande parcela dos alunos das escolas públicas, 75%, conforme dados de

assume uma relevância ainda maior, passando a ser o orientador nesse processo de ensino e aprendizagem permeado pela tecnologia digital. Seu novo papel é auxiliar o aluno na busca e na construção de novos saberes, com novas possibilidades por meio da instigação da curiosidade, porque à medida que as discussões e os questionamentos se aprofundarem, serão necessários desvendar outros horizontes e, juntos, poderão ir mais longe nessas descobertas sem se perderem pelas trilhas dos caminhos virtuais.

Moran (2001) ressalta que o advento da sociedade do conhecimento e a globalização têm afetado profundamente e de forma irreversível a sociedade e a educação precisam se colocar como um pilar para os ideais de justiça, paz, solidariedade e liberdade. Essa geração de alunos que está chegando às escolas tem um grande potencial, mas não sabem disso. Nesse sentido, de acordo com Belloni (2001), algumas características da sociedade do conhecimento que produz impacto na educação exige um trabalhador competente com mais qualificação e que seja capaz de trabalhar em grupo, adaptando-se às novas situações, disposto sempre a aprender, mas que seja mais autônomo na busca de informações.

Ao se fazer uso da máquina, segundo Moran (2001), não se deve esquecer que a inteligência emocional alicerça os processos interativos de comunicação, colaboração e criatividade indispensáveis ao novo profissional esperado para atuar na sociedade do conhecimento. Acerca destas proposições, Demo (2001) também aponta as características que fazem parte do perfil do profissional moderno, dentre elas: saber pensar e intervir; saber formular perspectivas; saber pesquisar e elaborar; saber cultivar a interdisciplinaridade e o trabalho em equipe; saber manejar a instrumentação eletrônica.

Por tudo isso, acreditamos que os recursos advindos das NTIC, se bem usados, podem desenvolver nos alunos algumas características, como a curiosidade e o interesse, tão indispensáveis ao aluno-pesquisador. Além disso, estimulam os alunos para que se avaliem e se tornem responsáveis por seu próprio aprendizado, de forma mais autônoma e construtiva, sem perder o espírito colaborativo.

Cabe aos professores que vão atuar como orientadores desses alunos, direcionar essa reflexão para que haja produção de conhecimento, capaz de promover transformações e que possibilite, assim, o desenvolver contínuo de uma visão crítica, gerando mudanças de atitudes que beneficiem a comunidade onde eles estão inseridos. Em nenhum momento esses professores devem ir à frente, ditando normas e regras para serem seguidas, mas caminhando

pesquisas já levantadas. Ver < <https://www.techtudo.com.br/noticias/2018/02/10-fatos-importantes-sobre-o-uso-de-internet-no-brasil.ghtml>> Acesso em: 17 novembro de 2017. Se as escolas dispõem de recursos tecnológicos, é coerente que o professor não deve se esquivar de utilizá-los em sua prática pedagógica, mesmo que alguns alunos não tenham acesso a essas tecnologias fora do ambiente escolar.

lado a lado, como ponto de apoio e referência, ampliando o conhecimento linguístico de seus alunos, sem se esquecerem que lidam com o maior objeto de comunicação que é a língua humana em uso. É primordial desenvolver tal parceria dialógica no ensino-aprendizagem entre professor e aluno e para isso, o professor, como o orientador desse ensino, precisa constantemente refletir sobre sua práxis educativa, como um movimento metodológico de ação-reflexão-ação, conforme está postulado nos PCN:

Os princípios organizadores dos conteúdos de Língua Portuguesa (USO - REFLEXÃO - USO), além de orientarem a seleção dos aspectos a serem abordados, definem, também, a linha geral de tratamento que tais conteúdos receberão, pois caracterizam um movimento metodológico de AÇÃO - REFLEXÃO - AÇÃO que incorpora a reflexão às atividades linguísticas do aluno, de tal forma que ele venha a ampliar sua competência discursiva para as práticas de escuta, leitura e produção de textos (BRASIL, 1998, p. 65).

Tendo em vista o cenário atual da sociedade tecnológica, coadunamos com Lévy (1997) ao afirmar que não se pode negar a importância da tecnologia na vida das pessoas. Porém, através de uma análise crítica desse uso, ele demonstra que a cultura da informática adquire uma nova forma de assimilação de conhecimento e um novo caminho para a produção intelectual - uma etapa posterior à da expressão oral e escrita. Também podemos dizer que não se pode negar a importância que a fala do aluno tem dentro do contexto do ensino da Língua Portuguesa, como ponto de partida para uma aprendizagem que leve o aluno a tornar-se mais seguro sobre o que já sabe de sua língua materna, desconstruindo assim, o mito de que brasileiro não sabe português ou que português é uma língua muito difícil. Sobre isso, coadunamos com as palavras de Mattos e Silva:

Para esse caminho, o indivíduo, ao longo da escolaridade, não tenderá a calar-se, mas a fazer-se ouvir; não tenderá a escrever o mínimo possível, mas deverá ter sido levado a descobrir o prazer no ler, que é fundamento essencial para adquirir o prazer no escrever (MATTOS E SILVA, 2004, p.77).

Assim sendo, nossa proposta de intervenção para o ensino da Língua Portuguesa, contempla o letramento digital aliado às atividades sobre variação linguística. Abordamos aspectos da variação regional, social e estilística, visto que, apesar dos avanços nas pesquisas sociolinguísticas no âmbito acadêmico, os resultados de pesquisas tão robustas ainda têm adentrado pouco nas salas de aula da Educação Básica, de forma prática e efetiva. Apesar desses aspectos já serem trabalhados, mesmo que de forma mais superficial, em grande parte dos manuais didáticos, acreditamos que o contato do aluno com os áudios demonstrados nos vídeos, por exemplo, proporcionam uma aprendizagem mais significativa, levando, assim, a uma maior reflexão sobre a heterogeneidade da língua em uso. Nos vídeos selecionados,

procuramos dar ênfase aos diversos usos da língua de acordo com o seu propósito comunicativo. Por esse viés foi possível abordar com os alunos a noção de “adequado x inadequado”, ampliando a possibilidade de utilizar formas coloquiais, mas também conscientizá-los da necessidade de aprender as variedades mais formais, a fim de conquistarem maior “trânsito linguístico” dentro da sociedade.

3.3 Pressupostos sociolinguísticos aplicados ao ensino de Língua Portuguesa

Nesta subseção, evidenciaremos a importância do ensino de Língua Portuguesa atrelado às questões sociais da língua, permitindo e incentivando a construção de uma reflexão acerca da língua em uso, abarcando sua heterogeneidade e ampliando o conhecimento e, conseqüentemente, a competência linguística do aluno. Para isso, consideramos, assim como os PCN, que o ensino-aprendizagem da língua deve capacitar o aluno para que ele perceba as variedades que há na língua em uso “reconhecendo os valores sociais nelas implicados e, conseqüentemente, o **preconceito contra as formas populares** em oposição às formas dos grupos socialmente favorecidos” (BRASIL,1998, p. 52, destaque nosso).

Há uma frase atribuída a Albert Einstein dizendo que “Insanidade é continuar fazendo sempre a mesma coisa e esperar resultados diferentes”. A educação brasileira tem vivido essa insanidade quando quer resultados diferentes, mas continua com as mesmas ações, baseadas em um ensino tradicional que, geralmente, priorizam a língua escrita realizada em uma norma tão distante da maioria dos falantes, com atividades baseadas em mera reprodução de conteúdos com regras gramaticais pré-determinadas nos manuais didáticos e baseadas em um aluno ideal que pouco tem a ver com nossos alunos reais e com a heterogeneidade de nossa língua.

Na esteira dessa discussão, não podemos deixar de trazer à tona as contribuições da Sociolinguística ao ensino de Língua Portuguesa, uma vez que essa subárea dos estudos linguísticos, estuda justamente a relação que há entre a língua e a sociedade, na maneira como a língua é usada, bem como nos efeitos decorrentes do seu uso. Dentro dessa perspectiva, podemos dizer que o objeto de estudo da Sociolinguística é a língua em uso, assim como nas palavras de Marine e Barbosa (2016, p.188) “a Sociolinguística encara a diversidade linguística não como um problema, mas como uma característica constitutiva da própria língua”, considerando que uma língua em uso é dinâmica e, portanto, está sujeita às variações em seus diferentes níveis: fonológico, lexical, morfológico, semântico, sintático etc.”.

No âmbito das contribuições da Sociolinguística ao ensino de Língua Portuguesa, surge a Sociolinguística Educacional, cuja grande preocupação é contribuir para a melhoria da qualidade do ensino de Língua Portuguesa na Educação Básica, por meio da implantação de uma Pedagogia da Variação Linguística²⁸ que incorpore ao ensino de Português, as mais diversas variedades linguísticas trazidas pelos alunos, na sala de aula. Sob tal perspectiva, o ensino da língua materna na escola precisa considerar essa língua real que é essencial na vida dos seus falantes.

Muitas pesquisas sobre fenômenos de variação e mudança linguísticas no Português Brasileiro têm sido desenvolvidas há muitos anos e tais pesquisas podem auxiliar e muito no estudo da Língua Portuguesa em sala de aula; podendo servir como um suporte para um ensino mais produtivo e que contribua, de fato, para o desenvolvimento da competência comunicativa dos alunos. Tudo isso vem sendo bastante discutido por pesquisadores e especialistas da área, especialmente dentro da Sociolinguística Educacional, contudo, o ensino de Língua Portuguesa ainda carece de melhorias que incorporem os resultados de tais discussões e pesquisas na prática da sala de aula, em situação real de ensino-aprendizagem.

Muitas vezes, vimos que a conscientização dos professores sobre os problemas envolvendo a prática de um ensino arcaico, não tem significado mudanças efetivas em sua rotina pedagógica. Muitos tentam inovar, mas ao longo da trajetória, acabam voltando ao ensino tradicional, às avaliações que não incluem o aluno no processo, fazendo-o refletir sobre sua aprendizagem. A insegurança dos docentes para modificar suas aulas, bem como sua avaliação de todo o processo, mesmo diante de uma visão mais ampliada dos fenômenos heterogêneos da língua, demonstra o quanto ainda falta para estabelecer uma relação mais estreita entre a teoria e a prática. E é justamente nessa lacuna que nossa proposta pretende interferir, contribuindo para dirimir a distância no ensino de Língua Portuguesa e a efetiva conscientização sobre a variação linguística, considerando todo o conhecimento linguístico que o aluno traz consigo ao entrar na escola, fazendo-o refletir sobre isso, por meio dos vídeos e discussões no decorrer das atividades.

Temos, entretanto, consciência de que o trabalho com a variação linguística precisa ser sistemático ao longo de todo o processo escolar, a fim de minimizar os conflitos linguísticos que nada mais são do que o reflexo dos conflitos sociais presentes na sociedade e

²⁸ Faraco (2015, p. 9-10) defende a necessidade de um ensino de Língua Portuguesa no Brasil que considere como legítimas todas as variedades linguísticas dos alunos trazidas para o ambiente escolar e que as variedades cultas da língua sejam ensinadas na escola como forma de ampliar a competência comunicativa que tais alunos já possuem.

perpetuado, muitas vezes, no interior da própria escola. A esse respeito é interessante observar o que dizem os PCN:

algumas variedades linguísticas, tratadas de modo preconceituoso e anticientífico, expressa os próprios conflitos existentes no interior da sociedade. Por isso mesmo, o preconceito linguístico, como qualquer outro preconceito, resulta de avaliações subjetivas dos grupos sociais e deve ser combatido com vigor e energia. É importante que o aluno, ao aprender novas formas linguísticas, particularmente a escrita e o padrão de oralidade mais formal orientado pela tradição gramatical, entenda que **todas as variedades linguísticas são legítimas e próprias da história e da cultura humana.** (BRASIL, 1998, p.82, destaque nosso).

As contribuições dos estudos da Sociolinguística e da Sociolinguística Educacional têm levantado discussões muito pertinentes quanto ao atual ensino de Língua Portuguesa no Brasil. Muito se tem divulgado sobre o ensino de língua materna tendo em vista a heterogeneidade linguística. Livros são escritos, dissertações e teses são defendidas, artigos são publicados, demonstrando o quanto o ensino de língua materna tem falhado ao ignorar as variedades linguísticas que os alunos trazem de sua comunidade de fala para a sala de aula, alijando sua realidade com suas necessidades e expectativas. Aos poucos, percebemos que aquele velho provérbio “Água mole em pedra dura tanto bate até que fura” tem surtido efeito em relação à reflexão da língua. E isso é muito bom, pois quanto mais se fala nesse assunto, mais reflexões são geradas e isso acaba alavancando mais profissionais dispostos a colaborar para um ensino-aprendizagem capaz de perceber a língua como um fenômeno heterogêneo e que está em constante variação. E é no interior das salas de aula abarrotadas de alunos querendo ter suas vozes ouvidas, que os professores devem promover discussões que levem os alunos a compreenderem que o papel do ensino em Língua Portuguesa não é “mais para negar o que já sabem, mas para ampliar sua competência comunicativa, abrindo-lhes caminhos para sua inserção social, construindo a própria autonomia” (CYRANKA, 2015, p.51).

3.4 Crenças, atitudes e preconceitos linguísticos

A interação professor-aluno por meio dos recursos das tecnologias digitais é uma forma de aproximar o professor do mundo idiossincrático do aluno, por tantas vezes ignorado no planejamento curricular, embora tão importante como ponto de partida para a construção da aprendizagem. Ao compartilhar com seus alunos conhecimentos tão diversificados, o professor tem a oportunidade de interagir, refletir e compreender melhor os pensamentos mais intrínsecos do aluno, trazendo para a escola seu mundo, seu modo de viver, suas aptidões,

seus interesses e, inclusive, as crenças linguísticas que possuem a respeito da língua e de si próprios enquanto falantes nativos da Língua Portuguesa. Partindo dessas considerações, conforme Marine e Barbosa (2007, p.190), escola e professores precisam desconstruir alguns mitos, dentre eles o de que existe uma forma certa de falar/ escrever e que a escrita é o “espelho da fala”, produzindo assim equívocos que levam os professores a querer “consertar” a fala do aluno, alimentando, com essas crenças equivocadas, mais preconceito linguístico sob uma visão tão alicerçada de que uma variedade linguística é melhor ou pior do que outra. Sobre a forma como é conduzido o ensino de Língua Portuguesa nas escolas do Brasil, coadunamos com Bortoni-Ricardo, ao afirmar que

as diferenças linguísticas socialmente condicionadas não são seriamente levadas em conta. A escola é norteada para ensinar a língua da cultura dominante; **tudo o que se afasta desse código é defeituoso e deve ser eliminado**. O ensino sistemático da língua é de fato uma atividade impositiva (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 14, destaque nosso).

Essa é uma crença que promove a superioridade de uma variedade linguística sobre outra. Geralmente, percebemos isso no contexto escolar – às vezes de uma forma mais velada, outras vezes nem tanto - em que a variedade considerada inferior precisa ser combatida. Diante disso, percebemos que crenças como estas levam à atitude de rejeição às variedades mais estigmatizadas da língua. Sendo assim, percebemos que uma crença negativa leva a uma atitude negativa e isso tem a ver não só com aspectos linguísticos, mas percebemos aí a rejeição decorrente de aspectos sociais. Portanto, há por trás do preconceito linguístico um arraigado preconceito social.

Cabe à escola, dessa forma, desconstruir a falácia de língua homogênea como o começo de um combate ao tão arraigado preconceito linguístico²⁹. Sobre isso, Bagno (2008) argumenta que o preconceito linguístico nasce e cresce pelo desconhecimento da língua em toda sua heterogeneidade e com isso criam-se mitos como: povo brasileiro não sabe Português/ Português é muito difícil/ as pessoas sem instrução falam tudo errado/o certo é falar assim porque se escreve assim (supervalorização da língua escrita e desvalorização da língua falada). Segundo o autor, para se combater o preconceito linguístico enraizado por

²⁹ Salientamos que o preconceito linguístico também está presente nas redes sociais e é um fator de discriminação que precisa ser trabalhado na escola pelos professores. Mais informações sobre esse assunto consultar <<http://www.sbu.unicamp.br/seer/ojs/index.php/simtec/article/view/8353/3908>> Acesso em: 17 novembro de 2017.

séculos em nossa sociedade é preciso investir em mudanças de atitude, acionando nosso censo crítico ao valorizar o saber linguístico de cada falante do português brasileiro. Isso porque

(...) em matéria de linguagem, temos exercido maximamente o nosso mais sórdido poder animal – mediado brilhantemente pela razão: o domínio do mais fraco pelo mais forte por meio de formas linguísticas de prestígio. A discriminação pela linguagem é certamente um dos maiores fatores de exclusão social. Em matéria de linguagem, repito, a sociedade transita pela fronteira entre a identidade e o poder, às vezes, sem perceber, e assim, corrobora, inexoravelmente através dos tempos, todas as abomináveis práticas de preconceito linguístico (SCHERRE, 2005, p.142-143).

E não se pode pensar em língua falada por milhões de pessoas sem que ocorra variações, pois a

(...) variação existe, quer gostemos, quer não. Mas há muita gente para quem esse fato é um problema: essas pessoas se sensibilizam com a variação diastrática e tendem a achar que falar uma variedade diferente da padrão é um problema sério para a sociedade e para quem o faz, talvez um vício, talvez um crime, talvez uma manifestação de inferioridade. É, mais uma vez, a atitude que levou os gregos a chamar de bárbaros todos aqueles que não falavam grego e que consiste em desclassificar o outro, desclassificando sua língua. Sempre que isso acontece, a língua torna-se um veículo de preconceitos e exclusões, uma função na qual, infelizmente, pode ser extremamente eficaz (ILARI, 2006, p.195).

O ensino tradicional de língua, pautado somente na norma urbana de prestígio, considerada como a única forma correta, desencadeia uma baixa autoestima linguística no alunado, pois não leva em consideração o caráter heterogêneo, dinâmico e multifacetado de nossa língua, conforme nos orienta Cyranka (2007); Bortoni-Ricardo (2005); Bagno (2007, 2008, 2013), Marine e Barbosa (2017), dentre outros.

Os próprios PCN reconhecem esse preconceito linguístico perpetuado pela escola ao longo dos séculos e é enfático ao dizer que a função da escola é justamente combatê-lo:

Há, isso sim, muito preconceito decorrente do valor atribuído às variedades padrão e ao estigma associado às variedades não-padrão, consideradas inferiores ou erradas pela gramática. Essas diferenças não são imediatamente reconhecidas e, quando são, não são objeto de avaliação negativa. Para cumprir bem a função de ensinar a escrita e a língua padrão, a escola precisa livrar-se de vários mitos: o de que existe uma forma correta de falar, o de que a fala de uma região é melhor da que a de outras, o de que a fala correta é a que se aproxima da língua escrita, o de que o brasileiro fala mal o português, o de que o português é uma língua difícil, o de que é preciso consertar a fala do aluno para evitar que ele escreva errado. **Essas crenças insustentáveis produziram uma prática de mutilação cultural** que, além de desvalorizar a fala que

identifica o aluno a sua comunidade, como se esta fosse formada de incapazes, denota desconhecimento de que a escrita de uma língua não corresponde a nenhuma de suas variedades, por mais prestígio que uma delas possa ter (BRASIL,1998, p.31, destaque nosso).

Portanto, cabe à escola e a nós professores, mudarmos nossas crenças e atitudes linguísticas em favor de um ensino que acrescente, que amplie e que não queira substituir o que o aluno já sabe, por aquilo que ele ainda não sabe. Nas situações de ensino da língua materna, a postura do professor como orientador é fundamental nesse processo de interlocução e de consideração real pela palavra do outro. Isso demonstra, além do respeito, que as opiniões do outro apresentam possibilidades de análise e reflexão sobre as suas próprias, pois “ao ter consideração pelo dizer do outro, o que o aluno demonstra é consideração pelo outro” (BRASIL,1998, p.47). Nessa perspectiva, o professor instaura “um espaço de reflexão em que seja possibilitado o contato efetivo de diferentes opiniões, onde a divergência seja explicitada e o conflito possa emergir; um espaço em que **o diferente não seja nem melhor nem pior, mas apenas diferente (...)**” (BRASIL,1998, p.48, destaque nosso).

Esse olhar do professor, por um viés sensível, proporciona um espaço escolar mais propício à reflexão sobre a heterogeneidade da língua que os alunos trazem de suas comunidades.

3.5 O que e como fazer com o conhecimento sobre variação linguística?

Parece claro, diante das reflexões já mencionadas, que mudanças são urgentes e inevitáveis para um ensino de língua materna mais sensível à variação linguística, mas para implantá-las onde realmente devem estar, compartilhamos das palavras de Faraco e Zilles (2015, p.9):

Considerando o grau de rejeição social das variedades ditas populares, parece que o que nos desafia é a construção de toda uma cultura escolar aberta à crítica da discriminação pela língua e preparada para combatê-la, o que pressupõe uma adequada compreensão da heterogeneidade linguística do país, sua história social e suas características atuais. Essa compreensão deve alcançar, em primeiro lugar, os próprios educadores e, em seguida, os educandos.

Esse é o desafio – a construção de uma pedagogia da variação linguística no ensino de Língua Portuguesa - que possa ser incluída em nossa prática didática, que possa, nas

palavras de Faraco (2015, p.26), “dar acesso à expressão culta sem demonizar as expressões ditas populares”.

Por tudo isso, é que pretendemos contribuir com um ensino de Língua Portuguesa que possa contribuir para a diminuição da lacuna que existe quando o professor, em atividade ou em formação, se depara com a importância desse ensino estar amparado pelos valores da Sociolinguística Educacional, mas não sabe como aplicar essa consciência adquirida em sua sala de aula, de forma efetiva, sem cair nas mesmas armadilhas de começar certo e terminar errado, voltando às velhas tradições estereotipadas da língua, com os velhos conceitos do “certo x errado” nos usos da língua. Pré(conceitos) que refletem o desconhecimento de que a língua é composta não só pela norma culta e é exatamente isso que a torna uma língua tão rica. Mais uma vez, consideramos, como os PCN, que a mediação do professor

cumprir o papel fundamental de organizar ações que possibilitem aos alunos o contato crítico e reflexivo com o diferente e o desvelamento dos implícitos das práticas de linguagem, inclusive sobre aspectos não percebidos inicialmente pelo grupo - intenções, valores, preconceitos que veicula, explicitação de mecanismos de desqualificação de posições - articulados ao conhecimento dos recursos discursivos e linguísticos (BRASIL, 1998, p.48).

Vimos, portanto, o quanto o papel do professor como mediador/orientador é importante nesse processo ensino-aprendizagem da variação linguística. Respondendo a pergunta que inicia a subseção “O que e como fazer com o conhecimento sobre variação linguística?”, podemos dizer que não há uma resposta simplista, mas podemos começar propondo que o conhecimento sobre a variação de nossa língua precisa nos levar a uma reflexão, enquanto professores, para não continuarmos tentando ensinar Língua Portuguesa a seus falantes sem reconhecer a variedade linguística - algo tão legítimo - nos variados contextos de uso.

Pensando sobre isso, nas próximas subseções trataremos do como fazer numa abordagem sobre a variação da língua utilizando um dos recursos da web, que é o blog.

3.6 Por que utilizar um blog?

Por que utilizar um blog como suporte para as atividades da intervenção no ensino da variação linguística? Antes de responder a tal pergunta, consideramos oportuno trazer à tona algumas informações importantes acerca dessa ferramenta. Os blogs³⁰ surgiram em agosto de 1999, pela empresa do norte-americano Evan Williams, com a utilização do software Blogger

³⁰ Informações coletadas nos sites: < <https://www.infoescola.com/informatica/o-que-sao-blogs/> > e < <https://www.todamateria.com.br/genero-textual-blog/> > Acesso em: 01 junho de 2018.

e se tornou uma alternativa popular para a publicação de textos online - por ser de fácil acesso - dispensa o conhecimento especializado em computação. Em suma, os blogs são páginas gratuitas, disponibilizadas na internet (web) em que os blogueiros (autores do blog), divulgam qualquer tipo de informação contendo textos, imagens, músicas, vídeos e podem interagir com o seu leitor recebendo comentários em suas publicações (chamadas de *post* ou postagem em português). A interação é uma das principais características desse gênero textual que foi e ainda é muito usado como "diários virtuais" on-line, onde as pessoas - especialmente adolescentes e jovens - expõem suas ideias, narram o que acontecem em suas vidas, mas, atualmente, também são muito usados como um espaço de disseminação de ideias e informações tanto pessoais quanto empresariais e educativas.

Depois dessas considerações, podemos dizer que, respondendo à pergunta anterior, a escolha por utilizar um blog se deu por várias razões: primeiramente, por ser um espaço aberto, gratuito e por ser uma das ferramentas de comunicação mais populares da internet, por ser de fácil acesso tanto para o autor quanto para os leitores, por permitir a interação entre as pessoas de uma forma construtiva abrindo uma possibilidade de articulação entre as linguagens oral e escrita, por incentivar as trocas dialógicas de interlocução online, por comportar arquivos em diversos formatos como textos, imagens, vídeos, hiperlinks, por atrair para a blogosfera (espaço dos blogs) uma variedade de pessoas de diversos níveis tanto social, econômico, cultural, constituindo portanto, numa forma de identificação e interação, enfim, por ser uma ferramenta de fácil atualização e tão conhecida de nossos alunos, quaisquer que sejam sua faixa etária.

Tendo em vista a importância de trazer as tecnologias digitais para o contexto educacional e considerando a grande influência que ela exerce em nossos alunos, percebemos que utilizar uma rede social – o blog - como ferramenta pedagógica poderia ser bastante pertinente e motivador para o aluno, se constituindo assim, num grande aliado do professor para dirimir a distância entre a língua que se ensina na escola e aquela que se pratica no cotidiano, fora da escola. Sendo assim, trazer para a sala de aula uma discussão mais palpável acerca de diferentes tipos de variação linguística existentes na Língua Portuguesa por meio de recursos que agregam mais valor ao ensino como vídeos, sons, imagens, enfim, é uma forma de oportunizar nossos alunos a perceber a heterogeneidade da língua em uso, de uma forma mais próxima daquilo que estão acostumados a lidar em seu cotidiano, por meio de suas redes sociais. Além disso, o blog se constitui como uma ferramenta que permite aos alunos essa interação virtual dentro e fora do contexto escolar, facilitando as discussões e exposições de ideias.

Como os blogs são ambientes virtuais bastante conhecidos dos alunos e explorados por eles em seu cotidiano de diversas formas, desde um diário pessoal até uma forma de demonstrar habilidades específicas dentro de uma organização social, como por exemplo as blogueiras de moda, os blogueiros dos *gamers* etc. Trazer esse recurso para as aulas de Língua Portuguesa é agregar mais valor ao ensino em um ambiente convidativo e propício para a interação e a informação já utilizados pelos alunos em seu contexto extra escolar. Nesse sentido, refletindo a respeito da frase de Jean Piaget de que o objetivo principal da educação “é criar pessoas capazes de fazer coisas novas e não simplesmente repetir o que as outras gerações fizeram”, poderíamos ser perguntadas: o que há de novo em um blog? Podemos dizer que tudo e nada. Vai depender de como ele será usado. Sabemos que 175 mil novos blogs são criados por dia³¹; tais diários virtuais são muito populares no Brasil, elevando nosso país ao 5º país mais blogueiro do mundo³².

Em síntese, o blog, – por ser bastante popular, principalmente entre os jovens – e por ser uma ferramenta de fácil gerenciamento e manutenção, bem como de acesso simples para o usuário, facilitando bastante a interação entre autor e público foi, portanto, a opção mais viável para ser o suporte necessário para a nossa intervenção. Por ser a nossa proposta voltada mais para os adolescentes³³ – idade entre 11 a 14 anos – reconhecemos que precisávamos atentar para essa fase da vida que é muito peculiar - de intensas transformações e conflitos - utilizando um recurso da web que pudesse abranger desde os mais tímidos, enclausurados em si mesmos, até os mais expansivos, mas que, de uma forma geral, todos fossem beneficiados com a oportunidade de (re)pensar sua identidade linguística, enquanto falantes legítimos de uma língua tão heterogênea.

Nossa posição em relação ao uso da tecnologia digital como uma ferramenta de aporte para o trabalho do professor converge com as orientações dos PCN, visto que tais documentos orientam o professor para a prática de um ensino mais reflexivo e mais produtivo, que valorize as variedades linguísticas e aproxime a escola do cotidiano dos alunos, levando o professor a (re)conhecer as múltiplas vivências e identidades que coexistem dentro da sala de aula, o que, por conseguinte, acaba contribuindo para o estímulo da participação crítica do aluno como agente de sua aprendizagem ao utilizar diversas linguagens “como meio para

³¹ Disponível em: <http://clickblog.com.br/blog/2007/01/20/175-mil-novos-blogs-sao-criados-por-dia/>

³² Disponível em: <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/asp0503200398.htm>
<http://www.mundotecnologia.com.br/noticias/brasil-e-o-5%C2%BA-pais-mais-blogueiro-do-mundo>

³³ Os PCN traz orientações aos professores sobre esse período da adolescência em que há um “processo de (re)constituição da identidade” com “transformações corporais, afetivo-emocionais, cognitivas e socioculturais”. Tais transformações podem provocar desajustes que podem interferir em sua autoimagem (Brasil, 1998, p.45).

produzir, expressar e comunicar suas ideias, interpretar e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação” (BRASIL, 1998, p. 55-56).

Sendo assim, demonstraremos a seguir, nossa proposta de intervenção elaborada conciliando a variação linguística e a tecnologia digital numa abordagem reflexiva da Língua Portuguesa no Ensino Fundamental.

3.7 Proposta de intervenção

A experiência em escolas públicas do município, o convívio com alunos oriundos de vários segmentos da sociedade, a dificuldade do ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa, geraram muitas inquietações que foram acumulando ao longo dos anos e que agora vieram à tona pela possibilidade de utilizar uma proposta de intervenção que despertasse a reflexão do aluno sobre a língua em uso. Nas palavras de Bortoni-Ricardo, o docente

que consegue associar o trabalho de pesquisa a seu fazer pedagógico, tornando-se um professor pesquisador de sua própria prática ou das práticas pedagógicas com as quais convive, estará no caminho de aperfeiçoar-se profissionalmente, desenvolvendo uma melhor compreensão de suas ações como mediador de conhecimentos e de seu processo interacional com os educandos. Vai também ter uma melhor compreensão do processo de ensino e de aprendizagem (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 32-33).

Coadunando com a autora, percebemos a necessidade de intervir na práxis pedagógica elaborando um Edublog³⁴ que pudesse ser acessado pelos docentes, alunos e pesquisadores de diversas regiões e/ou países.

Para a elaboração das atividades de intervenção, apoiamo-nos em estudos na área da Linguística/Sociolinguística, tais como Bagno (2007, 2008, 2013), Bortoni-Ricardo (2004, 2005), Cyranka (2007, 2016), Faraco (2015), Marcuschi (2001), Marine; Barbosa (2016), Mattos e Silva (2004), Rojo (2012), Scherre (2005) e Soares (1999); na área das tecnologias digitais voltada para a educação, contemplamos trabalhos como os de Xavier (2016), Dudeney, Hockly e Pegrum (2016), Lévy (1997), Masetto (2000), Moran (2001), Palfrey e Gasser (2011) e Vallin (2016).

Tendo como base tais orientações teóricas, elaboramos e aplicamos as atividades da proposta de intervenção que fomentasse um ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa

³⁴ O Edublog é também chamado de *Blog* educativo porque está mais voltado para a educação, especificamente para o ensino e aprendizagem dentro de um contexto escolar.

pautado pela reflexão. E para atingir o maior número possível de docentes/discentes e interessados em um ensino de Língua Portuguesa mais produtivo é que compartilharemos as atividades aplicadas, utilizando um aporte nas redes sociais, alcançando assim, o aluno em sua sala de aula, mas também fora dela.

A seguir, abrimos uma subseção com informações acerca do produto final elaborado para ser o veículo de comunicação das atividades propostas na intervenção.

3.7.1 O Edublog “O Português nosso de cada dia”

A construção do Edublog “**O Português nosso de cada dia**”³⁵ teve como base os resultados obtidos na primeira aplicação do questionário sobre crenças e atitudes linguísticas e no questionário sobre o uso da tecnologia digital, respondido pelos alunos participantes da pesquisa no início do ano letivo de 2018³⁶. Elaboramos este material na *web* para ser utilizado na intervenção com o objetivo de ampliar a visão dos alunos sobre a variação linguística de forma a contribuir para elevar sua autoestima por meio de atividades que lhes proporcionassem ao mesmo tempo prazer e interesse pela aprendizagem. Sendo assim, o Edublog foi planejado e construído, não para ser um diário virtual, mas, sim, para que o trabalho do professor pudesse ser o mais dialógico possível, que estimulasse os alunos à reflexão e ao mesmo tempo abrisse espaço para que suas vozes também fossem ouvidas, valorizando, assim, o conhecimento que os alunos trazem de sua comunidade de fala, desconstruindo a falsa crença de que só o que está escrito é que tem valor dentro do contexto escolar. Acreditamos que a valorização de todas as variedades linguísticas - inclusive aquelas trazidas pelos alunos - repercute de forma positiva na construção de sua personalidade, reafirmando sua identidade como falante e melhorando, assim, sua integração dentro e fora do ambiente escolar.

Procuramos deixar o Edublog com maior facilidade de navegação, priorizando aspectos que não ocorrem, geralmente, nos manuais didáticos como vídeo e áudio. Partimos da necessidade dos alunos em considerar um estudo de Língua Portuguesa mais atual, com acesso a ferramentas digitais que são tão atrativas para os alunos, como os vídeos e os jogos

³⁵ O Edublog foi construído pela professora pesquisadora para servir de aporte para as atividades de intervenção e é parte integrante da pesquisa do Mestrado Profissional em Letras - Profletras/ UFU. O Edublog está disponível online no seguinte endereço: <https://meuseuportugues.blogspot.com/p/inicial.html>.

³⁶ O questionário sobre Tecnologia Digital encontra-se no final da dissertação (Cf. Apêndice A), mas também está disponível online no seguinte link: https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSf7HP0oZs-bENWj7KrCO_7FdxsFfUI0L6iU46I4-bR_vidhOQ/viewform.

digitais. Pensamos que, a partir dessas atividades propostas, outros professores ou pesquisadores em geral, possam se apropriar mais das ferramentas digitais e construir mais atividades e jogos que despertem o interesse dos alunos para o tema abordado. Os PCN nos orientam para trabalhar com nossos alunos de tal forma que possam apropriar e saber “utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos” (BRASIL,1998, p.8).

Por meio do blog “O Português nosso de cada dia” pretendemos, de forma prática, contribuir com atividades aplicáveis e adaptáveis à maioria dos contextos escolares, gerando assim, a oportunidade de uma aprendizagem mais reflexiva, produtiva e significativa da Língua Portuguesa, contemplando algumas das variações que ocorrem na língua em uso. Seleccionamos, dentre os diversos vídeos disponibilizados na web, alguns exemplos para ilustrar as variações regional, social e estilística, auxiliando, assim, os alunos a compreenderem que a língua é dinâmica e isso é um fenômeno natural que ocorre em qualquer língua em uso. Além disso, disponibilizamos também, dentro das atividades, algumas animações e vídeos que demonstram as variações que ocorreram - e ainda ocorrem – no Português Brasileiro em relação ao Português de Portugal. Sendo assim, a proposta foi elaborada, tendo em vista a necessidade de um material que pudesse ser mais acessível aos professores e que suprisse a lacuna do material impresso nos manuais didáticos que, pelo próprio formato, não abarca sons e vídeos e percebemos, em nossa prática pedagógica, a importância de trabalhar com os alunos, não só aspectos escritos da variação linguística, mas também, a realização dessa variação na voz de seus falantes.

Na proposta, trabalhamos com alguns vídeos pertinentes aos aspectos da variação estilística - por ser uma variação que abarca as questões de “adequado x inadequado” aos diferentes contextos de comunicação – no intuito de contribuir para uma reflexão entre os alunos sobre as escolhas/adequações que fazemos - conscientes ou inconscientes – nas diversas situações de comunicação em nosso dia a dia. Além disso, procuramos propor atividades que abarquem os quatro pilares básicos do ensino de Língua Portuguesa: ouvir, falar, ler e escrever, partindo de situações observadas nos vídeos e também no cotidiano dos alunos – das mais elaboradas às menos elaboradas – do ponto de vista linguístico. Nas palavras de Camacho (2004, p. 52), sobre a adequação da língua

(...) às finalidades específicas do processo de interação verbal com base no grau de reflexão sobre as formas que constituem a competência comunicativa do sujeito falante. O grau de reflexão é proporcional ao grau de formalidade da situação interacional: quanto menos coloquiais as circunstâncias, tanto maior a preocupação formal.

Sendo assim, nossa proposta pretendeu ser um aporte para o professor de Língua Portuguesa na conscientização dos alunos sobre a variação existente na língua em uso. Visamos, portanto, um ensino de Língua Portuguesa que auxilie o aluno a se tornar mais consciente da língua falada todos os dias e que o instigue a prosseguir sua vida escolar (re)construindo seu próprio caminho do conhecimento, fazendo escolhas adequadas rumo a uma experiência inovadora e produtiva, sem se esquecer do principal: a sua identidade enquanto falante do Português Brasileiro.

Pensando nos inúmeros problemas de grande parte das escolas públicas brasileiras – falta de recursos digitais e tecnológicos - elaboramos a intervenção de forma que possa ser executada também por meio dos *smartphones* dos professores e/ou alunos. Assim, nossa proposta de intervenção didática foi estruturada de forma que pudesse atingir os objetivos da pesquisa de um Mestrado Profissional, que tem como parâmetro trazer benefícios aos seus participantes, com enfrentamento do problema local, estimulando a ação/reflexão, mas que também pudesse alcançar alunos de todo o Brasil, numa escala ainda maior.

Na próxima seção nos dedicaremos a descrever os pressupostos e procedimentos metodológicos adotados na condução e aplicação da pesquisa.

4- METODOLOGIA: pressupostos e procedimentos

Na década de 1960, surge uma nova forma de intervenção e investigação, a chamada pesquisa-ação, com uma metodologia participativa e, portanto, muito utilizada em projetos de pesquisa educacional, pois articula a produção de conhecimentos com a ação educativa. De acordo com Thiollent (1985, p.14), a pesquisa-ação

é um tipo de pesquisa social que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação da realidade a ser investigada estão envolvidos de modo cooperativo e participativo.

Acreditamos nessa forma de intervenção e investigação em que pesquisadores e participantes da pesquisa estão envolvidos de modo cooperativo e participativo na resolução do problema detectado. Sendo assim, esta pesquisa foi realizada em uma escola pública municipal, localizada na periferia da cidade de Uberlândia-MG, onde a professora-pesquisadora é docente desde 1992.

Com base nesse tipo de pesquisa, de caráter mais social, que pretendemos contribuir na promoção de ações e transformações de situações da realidade observada dentro da própria escola e, finalmente, socializar os resultados obtidos no Edublog “O Português nosso de cada dia”, como ferramenta educacional para que seja mais abrangente o número de beneficiados, tanto professores e alunos quanto demais pesquisadores.

A seguir, listaremos os procedimentos metodológicos adotados no decorrer da pesquisa, os quais estão divididos em nove partes, sendo elas: 1) revisão documental; 2) revisão bibliográfica; 3) reunião na escola com os pais para apresentação do projeto de pesquisa e assinatura dos termos exigidos pelo CEP; 4) elaboração, aplicação e análise de questionário para mensurar o nível de conhecimento dos participantes em relação às NTIC; 5) aplicação e análise de questionário de crenças linguísticas adaptado do questionário de crenças e atitudes linguísticas elaborado por Santos (2017) e Frasson (2017), sob a orientação da Profa. Dr^a. Talita de Cássia Marine, do Profletras-UFU. Tal questionário foi aplicado em dois momentos distintos: antes do início da aplicação da proposta didática e ao fim da mesma a fim de mensurar quais resultados foram alcançados com a intervenção; 6) criação do Edublog “O Português nosso de cada dia” para servir de suporte para as propostas didáticas e socialização dos resultados; 7) elaboração e aplicação da proposta de intervenção didática elaborada à luz da Sociolinguística Educacional; 8) análise dos resultados oriundos da aplicação da proposta de intervenção didática, por meio da reaplicação e análise do questionário de crenças linguísticas, ao término da intervenção; 9) após defesa da dissertação, haverá a divulgação na web do Edublog “O Português nosso de cada dia” por meio de redes sociais, sites das escolas municipais de Uberlândia, Centro Municipal de Estudos e Projetos Educacionais de Uberlândia (CEMEPE), Universidades, faculdades e escolas em toda a rede nacional.

No que se refere à revisão documental, analisamos os Parâmetros Curriculares Nacionais do 3º ciclo (Ensino Fundamental II), referente ao ensino de Língua Portuguesa e ao uso das tecnologias digitais aplicadas à educação, buscando entender quais são as orientações que esses documentos trazem como proposta de ensino, bem como quais são seus direcionamentos na prática pedagógica no que diz respeito à variação linguística.

Já no que diz respeito à revisão bibliográfica, fizemos uma revisão da literatura relacionada à Sociolinguística, observando suas principais contribuições para o ensino de Língua Portuguesa. Fizemos, também, uma revisão bibliográfica acerca da Tecnologia Digital voltada ao ensino de Língua Portuguesa com suas principais contribuições para um ensino

reflexivo e produtivo, tal como proposto por Travaglia (1996). Cabe ressaltar que a revisão da literatura ocorreu durante toda a realização da pesquisa.

Como se trata de uma pesquisa que envolve seres humanos, a aplicação da pesquisa teve início após a aprovação deste projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFU - CEP³⁷. Após tal aprovação, organizamos o horário com os pais dos alunos, de acordo com o calendário letivo e as reuniões já estipuladas no decorrer do bimestre para prestarmos os devidos esclarecimentos relativos ao projeto e recolhermos as assinaturas do termo de consentimento livre e esclarecido (cf. Anexos). Após tal procedimento, aplicamos um questionário para analisar as crenças linguísticas dos alunos e interpretar os dados coletados sob a ótica da Sociolinguística Educacional. Esse questionário foi uma adaptação do questionário de crenças e atitudes linguísticas, citado anteriormente, e que se encontra no trabalho de dissertação de Mestrado de Santos(2017).

A aplicação do questionário sobre crenças e atitudes linguísticas (cf. Apêndice B), teve como objetivo sondar a concepção de língua, as crenças e atitudes que os alunos têm acerca da Língua Portuguesa ao ingressarem no Ensino Fundamental II. Esse questionário foi elaborado pelas pesquisadoras no *Google Forms* e foi constituído por questões de múltipla escolha e questões dissertativas que foram respondidas online no Laboratório de Informática da escola. Como o estudo é qualitativo, propusemos, inicialmente, colher uma amostra equivalente a aproximadamente 50% (cinquenta por cento) dos alunos de uma sala de 6º ano (15 alunos) da escola, mas decidimos que seria melhor recolher os dados de todos os alunos participantes da pesquisa, visto o interesse demonstrado pelos alunos em participar da pesquisa. Após a autorização do diretor e dos pais dos alunos, bem como da assinatura dos alunos no termo de assentimento para o menor (cf. Anexos) iniciamos a coleta dos dados por meio dos questionários para tal fim.

Aplicamos também um questionário (cf. Apêndice A) para averiguar o conhecimento e o uso das tecnologias digitais por parte dos alunos. Esse questionário também foi elaborado no *Google Forms* pelas pesquisadoras e é constituído por questões de múltipla escolha e questões dissertativas que foram respondidas *online* no Laboratório de Informática da escola. De posse desses dados, analisamos a receptividade dos alunos quanto ao uso de tais tecnologias voltados ao ensino de Língua Portuguesa.

A partir da aplicação desses questionários, fizemos uma análise dos dados coletados com o intuito de elaborar a sequência de atividades da intervenção partindo das reais necessidades dos alunos. A aplicação da proposta foi feita em forma de oficinas e teve a

³⁷Conforme Parecer Consubstanciado do CEP sob nº 2466168 em 12/01/2018.

duração de 24 aulas. Tais atividades foram organizadas no Edublog “O Português nosso de cada dia”, criado para atender o objetivo do projeto da professora-pesquisadora. No Edublog, apresentamos algumas orientações para os professores sobre o ensino de Língua Portuguesa sob o viés da Sociolinguística Educacional, com atividades práticas para o tratamento da variação linguística. Também abordamos, no Edublog, conteúdos sobre as variedades linguísticas, com alguns exemplos para ilustrar as variações geográfica e social e situações em que o preconceito linguístico é abordado e um trabalho mais detalhado sobre a variação estilística, que é o foco de nossa intervenção. Todas as atividades apresentadas no Edublog foram elaboradas para corroborar com a proposta apresentada e auxiliar os professores e futuros professores a um ensino sensível e sem preconceito e que considere a rica bagagem de conhecimento que o aluno traz de sua comunidade.

Após a execução das atividades de intervenção didática, reaplicamos o mesmo questionário que foi aplicado no início da execução do projeto sobre crenças e atitudes linguísticas a fim de averiguarmos, por meio da análise (qualitativa e comparativa) das duas aplicações do questionário, se as crenças linguísticas dos alunos foram modificadas após a aplicação da proposta. Também pretendemos mensurar se houve uma elevação na autoestima linguística dos alunos depois de terem sido submetidos a um ensino da variação linguística mais reflexivo e que demonstrou por meio dos vários recursos utilizados (vídeos, animações, jogos, imagens) que a língua é heterogênea e está em constantes mudanças. Interpretamos os dados coletados a partir da ação do projeto com a finalidade de verificar os pontos fortes e fracos da intervenção realizada para a promoção de um ensino de Língua Portuguesa amparado pelos preceitos da Sociolinguística Educacional e dos recursos das Tecnologias Digitais. É importante destacar também que durante a realização da pesquisa, tomamos todo o cuidado para garantir o sigilo, o anonimato, o respeito pela cultura e pelos valores dos participantes envolvidos.

Os dados coletados por meio da aplicação do questionário de crenças e atitudes linguísticas - antes e depois da proposta de intervenção didática -, bem como a avaliação dos resultados verificáveis após a aplicação dessa proposta foram analisados de forma qualitativa, visando diagnosticar as crenças linguísticas dos alunos e mensurar, a partir da análise das aplicações do questionário, os possíveis impactos da proposta na elevação da sua autoestima linguística. Foram observadas também a participação dos alunos durante a realização das atividades, suas respostas, seus comentários às questões propostas nas oficinas e o envolvimento nas discussões - antes, durante e após as atividades - sobre a heterogeneidade linguística apresentadas no Edublog.

Ao término da defesa desta pesquisa, como produto final oriundo de seu desenvolvimento, faremos a publicação e divulgação do Edublog “O Português nosso de cada dia”, com a intenção de que o material elaborado e disponibilizado possa servir de aporte teórico e prático a outros professores de Língua Portuguesa também interessados em incluir em sua prática de ensino, a elevação da autoestima linguística de seus alunos como ponto de partida para um ensino mais produtivo e eficiente, capaz de atender às necessidades reais do alunado das escolas públicas brasileiras.

No Edublog “O Português nosso de cada dia” apresentamos um conjunto de sugestões práticas para instigar professores e alunos à reflexão sobre o uso real da língua, desconstruindo crenças e preconceitos linguísticos já arraigados desde as séries iniciais. Todas as atividades e materiais disponibilizados no Edublog foram elaborados para ser um instrumento de apoio ao trabalho do professor, levando-o a refletir, junto com seus alunos, sobre a língua materna em uso no Brasil. Entendemos que o trabalho de “reeducação sociolinguística”³⁸ precisa começar pelo próprio professor, em suas crenças e atitudes linguísticas, portanto, destinamos uma aba para ampliar o conhecimento do professor, antes da utilização do Edublog com seus alunos. Embora em nossa proposta de intervenção tenhamos realizado atividades envolvendo os quatro eixos de ensino - leitura, oralidade, produção textual e conhecimentos linguísticos - priorizamos as atividades com a oralidade, visto ser, ainda, o eixo menos trabalhado efetivamente em sala de aula, em grande parte das escolas públicas brasileiras.

As atividades do Edublog foram elaboradas após a aplicação e análise dos resultados coletados nos questionários (sobre as crenças e atitudes linguísticas e sobre a tecnologia digital) para que sejam coerentes com as necessidades dos alunos. Organizamos o bloco de atividades de intervenção para os alunos divididas em 4 partes, sendo a 1ª atividade sobre a Língua Portuguesa no Brasil e no mundo, a 2ª atividade sobre as variações regional, social e estilística, a 3ª atividade foi uma proposta para desenvolver o aluno-pesquisador da língua e a 4ª atividade se constituiu em um grupo de 14 diferentes jogos sobre a Língua Portuguesa,

³⁸ Para BAGNO (2013), o discurso do linguista não pode dispensar outros discursos como os do sociólogo, do antropólogo, do filósofo, do psicólogo, do pedagogo, pois só assim dará conta de abarcar toda a complexidade que envolve o estudo da língua em uso. Para isso, Bagno propõe uma educação nova, uma reeducação com uma reorganização dos saberes linguísticos a que ele denomina de reeducação sociolinguística, a qual “tem que partir daquilo que a pessoa já sabe e sabe bem: falar a sua língua materna com desenvoltura e eficiência”. (BAGNO, 2013, p.177). Para o autor, essa “reeducação sociolinguística” começa pela postura do próprio professor que realmente queira se engajar numa prática docente libertadora e democratizadora: reconhecer a competência linguística e comunicativa dos alunos, ampliando e expandindo essa competência, considerando a língua em sua diversidade, sem as amarras das ideologias arcaicas e preconceituosas sobre a língua que circulam no senso comum: a língua desvinculada do seu uso real, fora das relações sociocomunicativas.

elaborado pelas autoras utilizando o *Software Hotpotatoes*. Sendo assim, construímos no Edublog:

1- uma aba para o professor-pesquisador com

- orientações para o professor em relação a aplicação das atividades elaboradas;
- sugestões com hiperlinks para ampliar as atividades com o aluno, caso o professor queira utilizar.

2- uma aba para o aluno com

- quatro atividades da intervenção didática, que foram divididas em blocos com hiperlink para facilitar a aplicação. São elas:

Atividade 1: A Língua Portuguesa no Brasil e no mundo

Vídeos sobre:

- a história e a evolução da Língua Portuguesa - do latim clássico bárbaro ao galego-português até chegar na Língua Portuguesa como a conhecemos hoje.
- a Língua Portuguesa falada nos países lusófonos.

Atividade 02: Variação da Língua Portuguesa nos aspectos: regional, social e estilístico

Vídeos sobre:

- a variação regional da Língua Portuguesa com alguns exemplos quanto ao sotaque e léxico.
- a variação social da Língua Portuguesa com exemplos sobre o jeito de comunicar de alguns grupos por meio de gírias ou jargões.
- a variação estilística com exemplos sobre a língua escrita e falada, adequação da fala/ escrita aos contextos comunicativos.

Atividade 3: pesquisa

Pesquisa dos alunos na web sobre exemplos das variações: regional, social e estilística.

Atividade 4: jogos

Jogos elaborados com o *Software Hotpotatoes* para trabalhar os aspectos da Língua Portuguesa, em relação à variação linguística, visto no decorrer das atividades. Para facilitar o acesso, distribuimos os jogos em quatro blocos:

- Jogos 1 e 2 (revisão de todo o conteúdo estudado)

São jogos que se referem à revisão geral dos conteúdos estudados no decorrer das atividades de intervenção.

- Jogos 3, 4 e 5 (variação regional)

São jogos sobre a variação regional.

- Jogos 6, 7, 8, 9 e 10 (variação linguística)

Nestes jogos revisitamos as três variações vistas: regional, social e estilística. Utilizamos charges, tirinhas, anúncios, poema, fragmentos de texto, campanha publicitária na elaboração das atividades.

- Jogos 11, 12, 13 e 14 (Provérbios: valorizando a cultura popular)

Nestes jogos, trouxemos a língua em uso, por meio dos provérbios, que fazem parte do cotidiano popular e revela a sabedoria de um povo, muitas vezes, transmitida por meio da oralidade.

Nas próximas subseções, abordaremos o panorama da pesquisa, bem como descreveremos os sujeitos participantes da pesquisa e a coleta de dados.

4.1 O panorama da pesquisa

A pesquisa mencionada na metodologia foi desenvolvida em uma escola da rede municipal da zona sul da cidade de Uberlândia, Estado de Minas Gerais. A escola localiza-se na área periférica da cidade de Uberlândia. Optamos por omitir o nome da escola coparticipante da pesquisa no intuito de manter o anonimato dos participantes, uma vez que essa é a orientação do Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Uberlândia.

A instituição educacional atende as crianças do Conjunto Viviane, Granada, São Jorge, São Gabriel, Santa Mônica, Seringueiras, Shopping Park, Regina, Aurora, Laranjeiras e também do Assentamento Glória. Em função do Zoneamento adotado pelo município, a escola recebe no 1º ano as crianças oriundas do EMEI próximo à escola e das demais escolas de Educação Infantil da região, e no 6º ano as crianças provenientes das escolas do setor Sul da cidade, além das crianças da própria escola.

A escola atende alunos do Ensino Fundamental I e II -1º ao 9º ano- e a Educação de Jovens e Adultos, no período noturno. Funciona em três turnos, possui dezoito salas de aula e atende a aproximadamente 1.700 alunos.

Ao longo de sua história, foram observados diversos avanços, como a melhoria do nível socioeconômico da clientela; menor rotatividade dos profissionais (devido ao maior número de efetivos); a implantação do laboratório de informática em 1999 e instalação da Internet em 2005, a construção da quadra coberta em 2007, a criação da sala multimídia em

2011, a diminuição da violência com maior participação da comunidade, em parceria com a Patrulha Escolar; a formação do Conselho Escolar com representantes de todos os segmentos.

Observamos ainda, que essa unidade de ensino atende famílias oriundas de diferentes setores da cidade e também de diversas regiões do Brasil, visto que os bairros circunvizinhos foram formados, em grande parte, por casas de conjuntos habitacionais do Governo Federal. Há, portanto, uma diversidade socioeconômica e cultural bastante grande entre os alunos.

4.2 Descrição dos sujeitos participantes da pesquisa

A aplicação da proposta ocorreu em uma turma de 6º ano do Ensino Fundamental, em uma escola municipal da periferia de Uberlândia, onde a pesquisadora também é professora efetiva desde 1992.

Dentre as seis turmas do 6º ano - turno da tarde - foi selecionada aquela em que a maioria dos alunos é oriunda da própria escola e, por isso, era uma turma que já estava completa no início do ano letivo e não haveria muito remanejamento (nem entrada e nem saída) dos alunos de uma sala para a outra no decorrer da pesquisa. Todos os pais e/ou responsáveis e alunos tiveram a oportunidade de refletir e a liberdade de decidir pela participação ou não na pesquisa. Na época da assinatura dos termos foram recolhidas as assinaturas de 31 pais ou responsáveis, dentre os 34 pois três entregaram o termo de Assentimento para o Menor sem sua assinatura. Sendo assim, respeitamos suas decisões e deixamos claro que participariam de todos os momentos das atividades, uma vez que as atividades fariam parte da programação do respectivo ano letivo da turma, mas que seus dados não seriam incorporados à pesquisa. Convém ressaltar ainda que mantivemos em sigilo a identificação dos participantes deste estudo, de modo a seguir as normas do CEP. Nos registros usamos a letra A e um número pra manter o total sigilo dos alunos. Também convém mencionar que a escrita e a fala dos alunos foram preservadas, sendo registradas da forma como enunciaram.

Antes de aplicarmos o questionário sobre crenças e atitudes linguísticas, elaboramos algumas perguntas pessoais como idade, com quem mora, onde mora, como é a rua onde mora, o bairro, o que gosta e o que não gosta de fazer, o que gostaria de fazer no futuro e recolhemos para posterior análise socioeconômica dos alunos participantes da pesquisa.

Como os questionários foram aplicados somente em maio, alguns alunos haviam sido remanejados para outras turmas restando apenas 28 alunos dentre os 34 que iniciaram o ano letivo, cujos pais haviam assinado o termo consentindo na participação do menor, conforme

orientações do CEP. Participaram da pesquisa, 10 meninos e 18 meninas, a maioria com 11 anos na época, portanto, não havia repetentes nessa turma.

Quanto ao local de moradia desses alunos, constatamos que 12,5% moram no bairro em que localiza a escola, enquanto que a maioria (53,1%) mora nos bairros da região do São Jorge, que fica no entorno da escola.

4.3 A coleta de dados

A pesquisa teve início alguns meses após a aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) - UFU em 12/01/2018, conforme Parecer nº 2466168 mencionado anteriormente. O ano letivo na escola coparticipante iniciou em 16 de fevereiro e nas duas semanas posteriores iniciamos a escolha da turma para participar da pesquisa, bem como o recolhimento das assinaturas dos alunos no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e dos pais e/ou responsáveis no Termo de Assentimento para o Menor.

No dia da aplicação do 1º questionário (20/05/2018), quatro alunos haviam faltado, portanto só recolhemos os dados de 24 alunos. Na aplicação do questionário sobre Tecnologia Digital, no dia 21/05/2018 havia 27 alunos, portanto 3 alunos a mais.

O questionário de crenças e atitudes linguísticas (cf. Apêndice) foi aplicado em dois momentos distintos do ano letivo de 2018. Esses dois questionários³⁹, aplicados antes e após a intervenção, não sofreram nenhuma alteração nos dois momentos da aplicação. O questionário aplicado foi elaborado no Google Formulário⁴⁰ e consistia em 26 perguntas de múltipla escolha e algumas com espaço para que o aluno justificasse sua escolha. O intuito desse questionário foi conhecer quais crenças e atitudes os alunos participantes da pesquisa têm em relação à Língua Portuguesa, após esses anos de escolaridade, para elaborarmos atividades de intervenção que pudessem contribuir para um ensino mais reflexivo.

A segunda aplicação do questionário foi realizada em setembro, após a intervenção, com o objetivo de verificar se seriam observadas ou não mudanças significativas nas respostas dos alunos e, em caso afirmativo, quais seriam elas, por isso, optamos por utilizar as mesmas perguntas que foram utilizadas no primeiro questionário.

³⁹ Adaptado do questionário elaborado pela professora orientadora Prof.^a Dr.^a Talita de Cássia Marine e pelas orientandas de mestrado: Carla Beatriz Frasson e Romilda Ferreira Santos Vieira.

⁴⁰ O termo em Inglês é *Google Forms* e é uma ferramenta do navegador *Google* que possibilita qualquer usuário criar formulários *online* e acompanhar as respostas, em tempo real. O aplicativo coleta, armazena e analisa as informações, transformando-as em gráficos.

O próprio aplicativo (Google Formulário) construiu os gráficos com as informações coletadas nos dois questionários isoladamente, nos permitindo analisar os dois momentos da aplicação e construirmos assim, um gráfico comparativo, sendo que, cada gráfico corresponde a mesma pergunta nos dois momentos da aplicação.

As atividades foram realizadas no Laboratório de Informática da escola, equipado com 20 computadores que funcionam regularmente com acesso à internet e kit multimídia com Notebook, DataShow, caixa de som, fones de ouvidos. Os dois questionários tanto o de Crenças e atitudes linguísticas quanto o de Tecnologias digitais (cf. Apêndices) foram aplicados aos alunos, respectivamente, nos dias 21 e 22 de maio do ano de 2018. As atividades que podiam ser realizadas em duplas foram feitas dessa forma, mas aquelas cujas respostas eram individuais optamos por trabalhar alternando os usuários nos computadores disponíveis. Os alunos foram conduzidos ao Laboratório de Informática para responderem ao 1º questionário sobre crenças e atitudes linguísticas. As orientações foram bem claras e simples para não interferir no resultado, portanto, deixamos claro a eles que deveriam ser bem sinceros, sem a interferência da professora pesquisadora para não influenciar sua opinião. A maioria dos alunos demonstrou entusiasmo em participar da pesquisa, principalmente quando souberam que todas as atividades seriam aplicadas no Laboratório de Informática - sala de aula muito apreciada - e que para essas atividades não seriam usados o livro didático e nem o caderno de Língua Portuguesa.

Passaremos, a seguir, ao relato da proposta de intervenção, abarcando as primeiras impressões da pesquisadora. Em seguida, abriremos algumas subseções para apresentar o perfil dos participantes, a coleta dos dados do questionário sobre tecnologia digital, a proposta de intervenção bem como a ferramenta digital utilizada para a sua execução, o Edublog “O Português nosso de cada dia”. Após isso, faremos a descrição e análise das atividades executadas ao longo da proposta de intervenção, a análise dos dois questionários de crenças e atitudes linguísticas aplicados no início e ao término da proposta e finalmente, faremos uma análise geral da proposta de intervenção.

5. RELATO DA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO E PRIMEIRAS IMPRESSÕES DA PESQUISADORA

Como professora tenho refletido nesses vinte e oito anos de profissão sobre a minha prática pedagógica. Ao voltar ao ambiente acadêmico, cursando o Mestrado Profissional em Letras (Profletras), pude verificar o quanto temos obtido êxito em resultados de pesquisas no âmbito da Educação, no entanto, em termos de prática pedagógica, dentro do ambiente escolar, mais precisamente na sala de aula, o resultado dessas pesquisas ainda têm sido aplicados de forma bastante tímida, salvo algumas exceções.

Estudiosos e pesquisadores como Coelho (2015), Faraco & Zilles (2017), Bortoni-Ricardo (2005), Bagno (2013), dentre outros, têm discutido sobre os avanços que estão ocorrendo no ensino/aprendizagem da Língua Portuguesa, no entanto, o que ainda se observa em sala de aula, na maioria das escolas brasileiras, perpassa uma lacuna entre a teoria e a prática, conforme pesquisas apresentadas no âmbito do Profletras, como a de Barbosa et al (2016), em relação ao trabalho mais reflexivo sobre a Língua Portuguesa em uso.

Conforme dados coletados em nossa pesquisa e também em outros estudos, como o de Santos (2017), a Língua Portuguesa ainda é considerada uma disciplina difícil para a maioria dos nossos alunos. Ainda há um grande preconceito em relação ao uso das variantes linguísticas e isso consideramos bastante recorrente na fala e nas atitudes dos alunos em sala de aula. São considerações como essas que nos levaram a refletir sobre como efetivamente trazer para a sala de aula os resultados de pesquisas tão robustas. Apesar de tantos avanços nos estudos da Sociolinguística Educacional, por exemplo, ainda percebemos que muito tem que ser feito para diminuir essa distância entre o que o aluno sabe de sua língua materna e o que ele precisa aprender para se (re)conhecer, de forma efetiva em seu dia a dia, como um legítimo falante da Língua Portuguesa.

Diante de reflexões como estas, concordamos com Freire (2000, p.43) ao ressaltar que “na formação permanente dos professores, um momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática”. E é pensando nisso que pretendemos, ao longo dessa proposta, colocar um pouco da reflexão gerada sobre a prática no contexto escolar.

Tendo em vista essas considerações, apresentamos no decorrer da proposta, ainda que de forma mais simplificada, algumas concepções teóricas, no entanto, salientamos que, para um maior aprofundamento das teorias aqui vinculadas, orientamos a verificação da bibliografia no final da dissertação.

Partindo, portanto, das inquietações que permeiam o ambiente escolar e grande parte dos professores, principalmente os de Língua Portuguesa, pensamos numa proposta de intervenção que abordasse algumas das variações linguísticas - a geográfica, a social e a estilística – e que pudéssemos utilizar a tecnologia digital para ampliar o conhecimento dos alunos, visto que a utilização de recursos digitais como vídeo, som, imagens como ferramenta pedagógica em sala de aula, geralmente, é muito bem recebida pelos alunos.⁴¹

As atividades de intervenção foram iniciadas somente no início do 2º semestre, visto que por causa das avaliações bimestrais do 2º bimestre juntamente com os eventos da festa junina e o recesso bem próximo não teríamos tempo suficiente para aplicar as atividades, sem interrupção.

Inicialmente, organizamos um cronograma para 20 aulas divididas em 4 atividades, mas no decorrer da aplicação, percebemos que não seria possível e que esse tempo seria extrapolado, visto que alguns vídeos precisariam ser retomados por alguns contratempos como queda de energia, interrupção de internet, falta de professores e consequentemente, a indisponibilidade do laboratório de Informática, dentre outros. Além disso, alguns alunos que a princípio não queriam comentar os assuntos abordados, por timidez e/ou também porque não entendiam muito o tema, passaram a demonstrar bem mais interesse pelo assunto à medida que as atividades iam sendo aplicadas. Quando começaram a perceber a riqueza que há na língua que usamos, as variações que coexistem em diversos aspectos no decorrer da história, passaram a fazer mais perguntas e a tecer seus comentários.⁴²

Percebemos que os alunos estavam bastante inseguros ao iniciar as atividades, muitos não queriam expor sua opinião, nem oralmente, nem por escrito e, quando participavam, suas respostas eram bem superficiais ou simplesmente repetiam, com outras palavras, o que o colega havia acabado de falar, ou ainda, ficavam fazendo perguntas sem conexão com o tema que estávamos trabalhando. Diante disso, tivemos que interferir e orientá-los sobre a seriedade do que estávamos fazendo, explicando-lhes que a participação de cada um era muito importante na execução do trabalho e que cada contribuição deles a respeito da língua em uso seria considerada. Depois disso, as dúvidas começaram a surgir, mas as perguntas eram feitas de forma desordenada, sem que se respeitasse o turno de fala do outro. Novamente, foi

⁴¹ Entendemos que permear o ensino de Língua Portuguesa utilizando os recursos digitais não pode ser apenas um modismo, precisa realmente agregar mais valor à aprendizagem. Nesse sentido, é importante que o professor saiba apropriar das ferramentas digitais disponíveis na escola ou de uso dos alunos de forma que não seja apenas a substituição do quadro e giz, mas que seja um recurso a mais para despertar o interesse e estimular a reflexão.

⁴² Os comentários, perguntas e respostas dos alunos estão transcritos de forma mais fidedigna possível às suas expressões orais e escritas em uso.

necessário interromper as atividades para lembrá-los de pontos importantes já trabalhados: a importância de sinalizar com a mão levantada o desejo de falar e/ou comentar a fala do colega, respeitando e aguardando a vez de falar, praticando assim, a escuta atenta, mesmo que a opinião do outro seja contrária à sua. Contudo, ficou evidente o pouco hábito que os alunos têm em participar de uma aula mais interativa, voltada para uma discussão em grupo, que utiliza sua fala como prática social no domínio escolar.

Na próxima seção, descreveremos o que foi realizado durante o processo de intervenção desta pesquisa, analisando os dados coletados por meio das atividades orais e escritas dos participantes.

5.1 Análise dos dados e discussão dos resultados

Na subseção 5.1.1, apresentaremos o perfil dos participantes da pesquisa. Já na subseção 5.1.2 abordaremos alguns dados coletados do questionário sobre tecnologia digital aplicado aos alunos por considerarmos importantes para uma intervenção que tem como aporte um recurso da web. Na sequência, apresentaremos na subseção 5.1.3 a proposta de intervenção, bem como a ferramenta digital utilizada para a sua execução, o Edublog “O Português nosso de cada dia”. Em seguida, faremos a descrição e análise das atividades executadas ao longo da proposta de intervenção na subseção 5.1.4. Depois, realizaremos, na subseção 5.1.5, a análise do questionário de crenças e atitudes linguísticas aplicado no início e ao término da proposta de intervenção. Finalmente, na subseção 5.1.6, faremos uma análise geral da proposta de intervenção, destacando os pontos que julgamos mais relevantes, tanto positivos quanto negativos, para que sirvam de subsídio para outros professores-pesquisadores.

5.1.1 Perfil dos participantes da proposta

Como já mencionado anteriormente, a aplicação da proposta ocorreu em uma turma de 6º ano do Ensino Fundamental, em uma escola municipal da periferia de Uberlândia, onde a pesquisadora também é professora desde 1992.

Dentre as seis turmas do 6º ano do turno da tarde, foi selecionada aquela em que a maioria dos alunos é oriunda da própria escola e, por isso, era uma turma que já estava completa no início do ano letivo e não haveria muito remanejamento (nem entrada e nem saída) dos alunos de uma sala para a outra no decorrer da pesquisa. Todos os pais e/ou

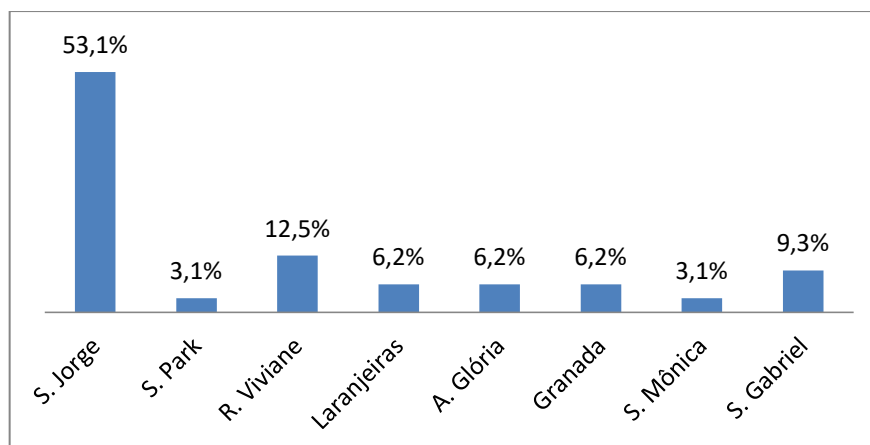
responsáveis e alunos tiveram a oportunidade de refletir e a liberdade de decidir pela participação ou não na pesquisa. Dos 34 alunos, somente 3 não participaram da pesquisa porque seus pais não assinaram o Termo de Assentimento para o Menor e, sendo assim, respeitamos suas decisões e deixamos claro que participariam de todos os momentos das atividades, uma vez que as atividades fariam parte da programação do respectivo ano letivo da turma, mas que seus dados não seriam incorporados à pesquisa. Convém ressaltar ainda que mantivemos em sigilo a identificação dos participantes deste estudo, de modo a seguir as normas do CEP.

Nos registros dos dados coletados usamos a letra A (de Aluno), seguido de um número para identificarmos os alunos preservando, assim, suas identidades. Também convém mencionar que a escrita e a fala dos alunos foram preservadas, sendo registradas da forma como enunciaram, conforme já mencionado anteriormente. Antes de aplicarmos o questionário sobre crenças e atitudes linguísticas, elaboramos algumas perguntas pessoais como idade, com quem mora, onde mora, como é a rua onde mora, o bairro, o que gosta e o que não gosta de fazer, o que gostaria de fazer no futuro e recolhemos para posterior análise socioeconômica dos alunos participantes da pesquisa.

Como já foi mencionado, os questionários foram aplicados somente em maio de 2018 e alguns alunos haviam sido remanejados para outras turmas. Diante disso, optamos por trabalhar com todos os alunos da sala, mas recolhíamos apenas os dados dos alunos cujos pais haviam assinado no início do ano letivo o termo consentindo a participação do menor, conforme orientações do CEP. No dia da aplicação do 1º questionário (20/05/2018), quatro alunos haviam faltado, portanto só recolhemos os dados de 24 alunos que responderam ao questionário, sendo nove meninos (37,5%) e quinze meninas (62,5%). Em relação à faixa etária, a maioria tinha 11 anos na época (79,2%). Na aplicação do questionário sobre Tecnologia Digital, no dia 21/05/2018 havia 27 alunos, portanto, 3 alunos a mais.

No gráfico 01, abaixo, podemos verificar os bairros oriundos dos alunos que participaram da pesquisa.

Gráfico 01: Bairro dos participantes



Fonte: Autoria própria

Constatamos que 12,5% moram no bairro em que localiza a escola, enquanto que a maioria (53,1%) mora no bairro São Jorge, que fica no entorno da escola⁴³. No entanto, pudemos verificar também, que temos alunos dos bairros Shopping Park, Residencial Viviane, Granada, Laranjeiras, Santa Mônica, São Gabriel e também do Assentamento Glória, conforme pode ser observado.

5.1.2 Análise dos dados do questionário sobre Tecnologia Digital

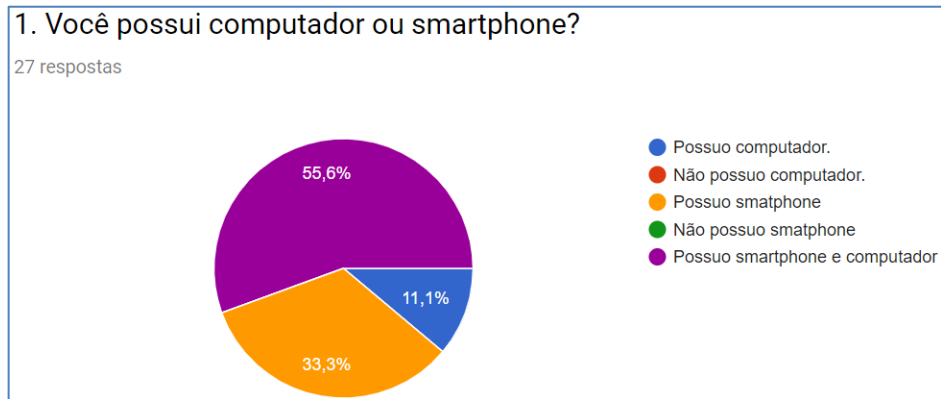
O questionário sobre Tecnologia Digital⁴⁴ foi elaborado utilizando a ferramenta *Google Forms* e teve o intuito de averiguar o conhecimento e o uso das tecnologias digitais por parte dos alunos, bem como a receptividade deles quanto ao uso de tais tecnologias voltados ao ensino de Língua Portuguesa. Esse questionário foi constituído por 20 questões de múltipla escolha e espaço para justificar algumas respostas. Segue alguns gráficos referentes às questões que julgamos ser mais relevantes para nossa análise, visto que abordaram aspectos da tecnologia digital ligados diretamente ao uso e interesse dos alunos participantes da pesquisa e alvo de nossa intervenção didática.

⁴³ Grande parte dos alunos mora próximo ou no entorno da escola e sempre estudaram nessa mesma escola, mas alguns vieram de bairros mais distantes, mais periféricos e carentes em termos de infraestrutura socioeconômica e cultural, como é o caso do bairro Shopping Park, localizado bem distante da escola e o Assentamento Glória, que é uma área às margens da BR-050, em Uberlândia, que pertencia à Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e em 2012 foi ocupada por mais de 15 mil famílias ligadas ao Movimento Sem Teto do Brasil (MSTB). Disponível em: < <https://g1.globo.com/mg/triangulo-mineiro/noticia/governo-de-mg-recebe-oficialmente-terreno-do-assentamento-gloria-para-regularizacao-em-uberlandia.ghtml> >. Acesso em 28 janeiro 2019.

⁴⁴ Questionário elaborado pelas autoras, utilizando o *Google Forms* e está disponível online no link: https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSf7HP0oZs-bENWj7KrCO_7FdxFUI0L6iU46I4-bR_vidhOQ/viewform.

O gráfico 02 abaixo se refere à pergunta 01 do questionário sobre Tecnologia digital “Você possui computador ou smartphone?”. Percebemos, analisando os dados, que os alunos possuem tais recursos digitais de uma forma bastante significativa. Vejamos:

Gráfico 02: Pergunta 01 do questionário sobre Tecnologia Digital



Fonte: Autoria própria

Vimos, portanto, que a maioria dos alunos participantes da pesquisa (55,6%) possui computadores e smartphones, 33,3% só possuem smartphones, e 11,1% só possuem computador, como pode ser visto no gráfico acima. Isso demonstra que, pelo menos nesta turma, os alunos têm bastante acesso às tecnologias digitais.

Quando perguntados se conseguem ficar um dia inteiro sem acessar as redes sociais, obtivemos os seguintes dados:

Gráfico 03: Pergunta 03 do questionário sobre Tecnologia Digital

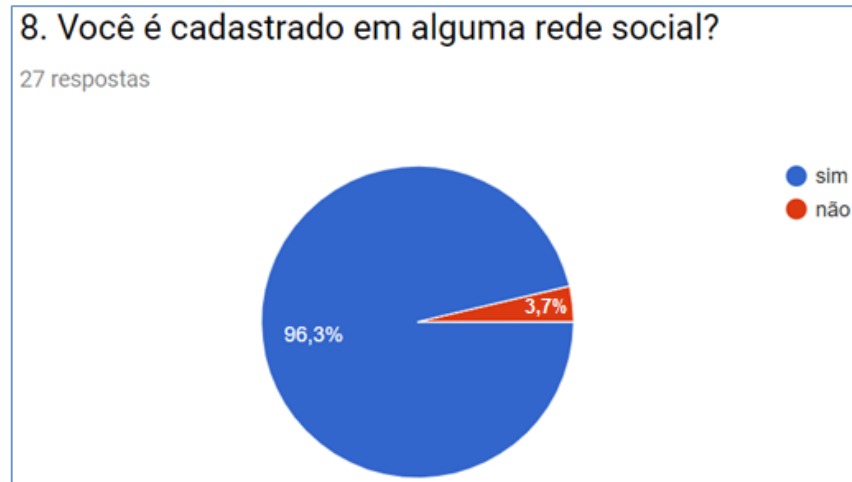


Fonte: Autoria própria

Como podemos perceber no gráfico acima, 66,7% dos participantes da pesquisa acessam diariamente suas redes sociais, enquanto que apenas 29,6% conseguem ficar um dia inteiro sem verificar suas redes sociais. Isso demonstra o quanto os alunos estão conectados e o quanto eles precisam de orientação para aproveitar melhor essas incursões no mundo da *web*.

A pergunta “Você é cadastrado em alguma rede social?”, também demonstra o quanto os alunos estão envolvidos com as redes sociais, conforme o gráfico abaixo:

Gráfico 04: Pergunta 08 do questionário sobre Tecnologia Digital

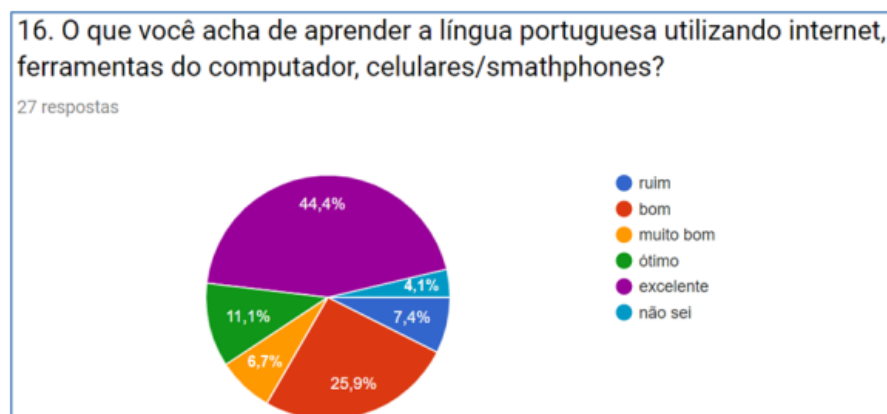


Fonte: Autoria própria

A maioria, 96,3%, dos alunos estão cadastrados em redes sociais como Facebook, Instagram, WhatsApp, Snapchat, Youtube, Twitter, conforme as respostas apresentadas na justificativa desta pergunta. Apenas 3,7% não estão cadastrados em nenhuma rede social. Como demonstraram já possuírem conhecimento e bastante interesse pelas redes sociais, aproveitamos essas informações para desenvolver nossa proposta de intervenção, partindo de situações que fazem parte do cotidiano da maioria dos alunos.

Diante da próxima pergunta, conforme gráfico 05, “O que você acha de aprender a Língua Portuguesa utilizando internet, ferramentas do computador, celulares/smartphones?”, percebemos a grande aceitação dos alunos diante do uso da tecnologia digital para o ensino/aprendizagem da Língua Portuguesa. Isso podemos verificar observando os dados abaixo:

Gráfico 05: Pergunta 16 do questionário sobre Tecnologia Digital

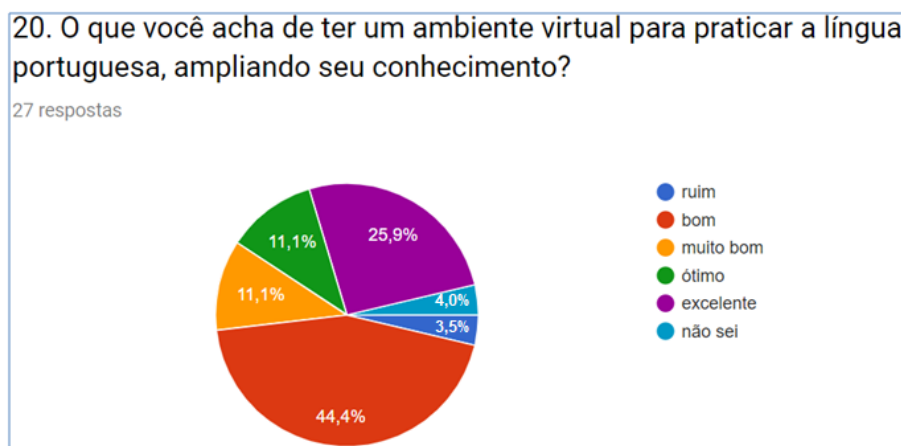


Fonte: Autoria própria

Temos, portanto, os seguintes resultados: 44,4% consideraram excelente, 25,9% bom, 11,1% ótimo e 6,7% muito bom, enquanto que 7,4% responderam que seria ruim e 4,1% não souberam responder. Analisando esses dados, percebemos o quanto os alunos gostariam de aprender mais sobre sua língua materna utilizando as ferramentas digitais disponíveis nos computadores ou em seus smartphones.

A pergunta do gráfico 06 “O que você acha de ter um ambiente virtual para praticar a Língua Portuguesa, ampliando seu conhecimento?”, obtivemos os seguintes dados: 44,4% consideraram bom, 25,9% acharam excelente, 11,1% (muito bom), 11,1% (ótimo), 3,5% acharam que é ruim e 4% não souberam responder. Podemos verificar tais dados no gráfico abaixo:

Gráfico 06: Pergunta 20 do questionário sobre Tecnologia Digital



Fonte: Autoria própria

Após a aplicação e análise do questionário, verificamos junto aos alunos sobre 3,5% deles considerarem “ruim” o uso de um ambiente virtual para praticar a Língua Portuguesa e responderam que muitos alunos não respeitam as orientações e vão ficar atrapalhando “quem quer aprender”. Da mesma forma que no gráfico 05, uma porcentagem de 7,4% também consideraram “ruim” pela mesma justificativa e acrescentaram que muitos colegas não sabem utilizar a internet para aprender, apenas para ficar “zoando” com os outros. Mais uma vez, entendemos então, a importância de um trabalho de conscientização com esses alunos sobre o uso das redes sociais de forma mais produtiva e que trate o outro com urbanidade.

Analisando os dados coletados nos gráficos anteriores, podemos confirmar alguns aspectos sobre o uso da Tecnologia Digital que são pertinentes para a nossa pesquisa. Dentre eles, podemos destacar o grande interesse dos alunos pelas ferramentas da *web*, principalmente as redes sociais, o amplo uso que já fazem dessas ferramentas *online* fora do ambiente escolar e que, de uma forma ou outra, já conseguem se relacionar uns com os outros

utilizando tais recursos. Diante disso, percebemos que a inclusão da tecnologia digital nas aulas de Língua Portuguesa poderá contribuir para despertar a vontade de ampliar o conhecimento desses alunos em relação à sua língua materna.

Partindo do pressuposto de que só aprendemos algo quando temos interesse, podemos perceber que um ensino mais produtivo e reflexivo precisa incorporar aspectos que fazem parte do cotidiano dos alunos como as redes sociais, por exemplo. Vários estudiosos têm mencionado que o professor precisa utilizar em seu ensino, ferramentas mais interessantes que gere expectativas em seus alunos. Um desses estudiosos, Xavier (2016, p.11), considera que a escola está ultrapassada em seus métodos e que precisa “falar a linguagem da juventude, dialogar com os estudantes pelos mesmos dispositivos de comunicação que eles utilizam, se quiser mesmo que estudem e aprendam os conteúdos escolares que podem prepará-los para a vida em sociedade”. Assim também pensamos e entendemos que os alunos que temos hoje não pensam da mesma forma que aqueles que tivemos a alguns anos atrás. Portanto, se nossos alunos mudaram, nós, professores, precisamos acompanhar essa mudança e aproveitar um “elo” em comum que temos com esses adolescentes e jovens de hoje: a tecnologia. Aproveitar esses recursos da *web*, dentro da sala de aula, que tanto agradam os alunos lá fora, é agregar mais valor ao ensino de Língua Portuguesa que queremos lhes proporcionar.

5.1.3 Apresentação da proposta no Edublog “O Português nosso de cada dia”

A escolha por uma ferramenta digital mais acessível para armazenar as atividades da proposta foi planejada, como já mencionado, pensando no professor e em seu cotidiano bastante corrido. Acreditamos que para auxiliar o professor nessa tarefa de trabalhar com a variação linguística precisávamos ser o mais objetivo possível e facilitar o acesso do professor a esses materiais. Sabemos que muitas escolas públicas ainda não são equipadas com laboratórios de Informática, nem com computadores em sala de aula, muitas vezes até possuem *data-show*, mas com pouca conexão com a Internet. Pensando nessas muitas realidades pelo Brasil afora é que elaboramos nossa proposta de intervenção num ambiente virtual que favorecesse tanto o acesso do aluno quanto do professor. Para isso, entendemos ser o blog uma ferramenta bastante útil e de fácil acesso, podendo, inclusive, da forma como foi elaborado, ser acessado por meio de *smartphones* dentro da sala de aula pelos alunos e professores, caso não haja na escola um Laboratório de Informática adequado.

Quando aplicamos os questionários, principalmente o de Tecnologia Digital percebemos o quanto os recursos digitais estão presentes no cotidiano dos alunos e o quanto

eles gostam e têm prazer em acessar as redes sociais. Sendo assim, tivemos mais convicção de que os recursos digitais como o blog, por exemplo, poderiam sim, ser uma ferramenta bastante útil para o professor como aporte para o trabalho com a variação linguística em sala de aula, de forma mais significativa.

Pesquisando sobre os jogos de Língua Portuguesa na internet percebemos a ausência de material disponível elaborados para o ensino da Língua Portuguesa que abordasse a questão da variação linguística coerente com os pressupostos da Sociolinguística Educacional. E aí o trabalho árduo começou... Como elaborar jogos que pudessem ser executados diretamente dentro do Edublog e que fossem específicos nesse trabalho com a variação da língua? Vários *softwares* livres foram pesquisados, mas não funcionavam dentro do Edublog, quando inseridos na página *html*. Até que optamos por trabalhar com o *Hotpotatoes*⁴⁵ e fazer as devidas modificações para que pudesse ser executado dentro do nosso Edublog. Então tivemos que fazer alguns ajustes tanto no Edublog quanto no *software Hotpotatoes* para que fosse utilizado de forma mais adequada, tanto pelo professor que já está familiarizado com o uso da tecnologia digital em sala de aula quanto para aquele que tem mais dificuldade em trabalhar com as ferramentas digitais. E o resultado, acreditamos, ficou coerente com a proposta educacional de combinar tecnologia digital com a abordagem da variação linguística na sala de aula.

O Edublog foi elaborado para ser utilizado como uma estratégia motivadora para o ensino da variação linguística, reunindo em um só local na *web* e de fácil acesso, um conjunto de recursos de multimídia (vídeos, áudios, animações digitais, imagens, jogos), interação e comunicação, bem como acesso às informações com *links* para ampliar o conhecimento do professor sobre o tema abordado. Tudo isso visando enriquecer e minimizar a lacuna do material impresso nos manuais didáticos. A iniciativa de se fazer essas atividades foi com a intenção de contribuir para uma maior reflexão dos alunos sobre a heterogeneidade da Língua Portuguesa, utilizando para tal, de recursos que despertassem a atenção dos alunos, visto que, geralmente, nas aulas tradicionais há pouco envolvimento por parte do aluno nas atividades com a língua. Percebemos isso, na fala de alguns alunos ao ouvirem os sotaques de falantes da Língua Portuguesa dos países lusófonos. Ficaram admirados por observarem a Língua Portuguesa sendo pronunciada de formas tão diversas:

⁴⁵ O *Hot Potatoes* é um programa gratuito de origem canadense que conta com um conjunto de seis ferramentas de autoria e foi desenvolvido pela *University of Victoria*. Suas ferramentas possibilitam a criação de exercícios variados, como por exemplo, palavras cruzadas, múltipla escolha, associações entre colunas e funcionam online ou off-line. Disponível em:

< <http://webeduc.mec.gov.br/webquest/hotpotatoes.php> >. Acesso em: 10 setembro 2018.

A2: “Nem parece sê o Português que a gente fala... (rsrs) parece mais outra língua...”.

A11: “...mais quando a gente presta mais atenção... ixi... é o Português nosso mesmo...”.

A22: “... é muito top!”.







Como já dissemos, as atividades do Edublog foram elaboradas após a aplicação e análise dos resultados coletados nos questionários (sobre as crenças e atitudes linguísticas e sobre a tecnologia digital). Os dados coletados nos apontaram de que forma deveríamos conduzir as atividades de acordo com as reais necessidades dos alunos. Sendo assim, construímos no Edublog uma aba para o professor com opção para um cadastro *online* para receber, totalmente grátis, em seu *e-mail*, automaticamente, um documento em *pdf* com orientações bem práticas para auxiliá-lo na aplicação das atividades propostas. Há também um *link* com sugestões de *sites* que consideramos importantes para ampliar sua leitura sobre o ensino da Língua Portuguesa mais sintonizado com as orientações dos PCN e dos pressupostos sociolinguísticos. Também acrescentamos alguns *links* úteis para auxiliá-lo a enriquecer suas aulas de Língua Portuguesa, de forma a contemplar a heterogeneidade da língua que usamos. As quatro atividades da proposta de intervenção estão na aba para o aluno e foram distribuídas em blocos com *hiperlinks* para facilitar a realização. A última aba intitulada “Sobre” foi elaborada para compartilhar informações acerca do projeto e sobre o currículo das pesquisadoras.

5.1.4 Aplicação da proposta e análise dos resultados

No primeiro momento, apresentamos a proposta de intervenção para os alunos de forma a estimulá-los na participação de todo o processo, com mais desenvoltura, sendo espontâneos, sem a preocupação em ter seus dados coletados para uma pesquisa. Explicamos que, antes da aplicação do questionário sobre crenças e atitudes linguísticas, não poderíamos expor todo o trabalho que seria executado para não interferir na coleta de dados.

Apresentamos o Edublog, com seu menu e funcionamento e como seriam feitas as atividades no decorrer da intervenção. Antes de iniciarmos as atividades no Edublog, exploramos alguns ícones que aparecem para que os alunos ficassem atentos, pois seriam usados para chamar a atenção para algum aspecto relevante que queríamos destacar no decorrer da intervenção, tal como pode ser observado abaixo:

Quadro 01: Ícones utilizados nas atividades da proposta de intervenção

	<p>Quando aparecer este ícone significa que teremos um vídeo e que é muito importante estar atento às explicações. Não é o momento de conversar, nem dispersar.</p> <p>Fique de olho!</p>
	<p>A partir das perguntas teremos um momento de reflexão sobre aspectos da língua que serão abordados nesta seção. É o momento de preparar para ter o que dizer.</p> <p>Para começo de conversa...</p>
	<p>São colocadas aqui algumas dicas relevantes sobre o tema abordado.</p> <p>Fica a dica!</p>
	<p>Aqui serão colocadas as principais ideias discutidas nesta seção.</p> <p>Organizando ideias</p>
	<p>Este é o momento para você digitar sua opinião, seus comentários sobre os tópicos abordados nesta seção ou unidade.</p> <p>Diga aí...</p>
	<p>Este é o momento onde você vai se concentrar na pesquisa proposta.</p> <p>Foco na pesquisa</p>

Fonte: Autoria própria

Após a visualização do Edublog “O Português nosso de cada dia” e explicações sobre como iríamos proceder no andamento das atividades, passaremos à descrição de como foi executada cada uma das 4 atividades elaboradas para a intervenção.

Atividade 01 - A Língua Portuguesa no Brasil e no mundo

Duração prevista: 06 aulas de 50 minutos

Levantamos alguns questionamentos iniciais sobre a Língua Portuguesa, como por exemplo: “De onde a nossa língua vem? Onde ela é falada?”, mas a não ser os comentários de

pouquíssimos alunos, os demais não souberam ou não quiseram opinar. No início estavam bastante preocupados em falar algo “errado”, pois diziam que a pesquisa ia para a UFU e lá todo mundo fala “certinho”. Alguns sussurraram, bastante desconfiados: “Iiiii fessora, não sei quais nada de Portugueses”, e outro “é mesmo... a professora lá... lá... (ah... desse trem aí), vai falá que nós é burro memo”.⁴⁶

Diante das perguntas abaixo, tentei alavancar uma discussão sobre o tema:

- Você sabe qual é a origem da Língua Portuguesa?
 - Em quais lugares essa língua é falada?
- Somente um aluno respondeu que achava que era falada só no Brasil e em Portugal.
- Você já ouviu falar em Português Brasileiro?
 - Como está a situação atual da Língua Portuguesa no mundo?
 - Por que a Língua Portuguesa varia de um lugar para outro?
 - O que são países lusófonos?

Diante dessa última pergunta, caíram na gargalhada, pois nunca tinham ouvido essa palavra.

- Como é a Língua Portuguesa falada em Portugal? E no Brasil? Tem variações?

Mostrei um mapa do mundo no *Datashow*, pois percebi que estavam confundindo estados com países e também estavam com dificuldades para entenderem a localização dos continentes. Aproveitei para trabalhar um pouco de Geografia, mostrando a trajetória da Língua Portuguesa desde Portugal, emergindo do latim falado e se expandindo para outros continentes como América, Ásia e África, por meio da expansão marítima e da colonização portuguesa.

Também percebi que alguns poucos não sabiam o que era *link*, nem *hiperlink*, nem *blog*, então aproveitei o momento para trabalhar com eles algumas palavras próprias do ambiente virtual, já pensando na atividade 02 onde seria ampliada essa questão da variação social com jargões de diversas áreas. Mencionei que teríamos na atividade 02 mais informações sobre isso.

Os três primeiros vídeos mostrados foram elaborados com o programa *Powtoon*⁴⁷ e estão disponíveis na internet.

⁴⁶Os comentários fazem parte das anotações de campo feitas pela professora-pesquisadora e foram escritos de forma a ser o mais fiel possível às expressões orais utilizadas pelos alunos.

⁴⁷ *Powtoon* é um software para criar apresentações animadas e vídeos animados de explicação. Os alunos acharam bem interessante e tiveram curiosidade em conhecer, pois mencionei que eles poderiam usar para construir seus vídeos. Para maiores informações acessar o site: <https://www.powtoon.com>

No 1º vídeo “A história da Língua Portuguesa”⁴⁸, abordamos um pouco da história da nossa língua, desde o latim clássico (língua oficial do antigo Império Romano) até o latim vulgar (usado pelas pessoas do povo, que eram consideradas não cultas/ menos escolarizadas e mais pobres). Sendo que, este último deu origem à Língua Portuguesa.

Após as discussões sobre o 1º vídeo, mostramos algumas palavras e expressões que vieram do latim e continuam sendo usadas até hoje, como por exemplo, a expressão “Curriculum Lattes” e aproveitamos para abrir a aba “Sobre” do Edublog que traz o endereço do currículo tanto da professora, quanto da orientadora. Ficaram interessados em saber sobre o que significa “Professora Doutora”, teceram vários comentários, ficaram empolgados.

Exploramos também outras expressões em latim e vocábulos muito usados atualmente para que pudessem verificar que a tal língua “morta” não está tão morta assim.

O 2º vídeo “A evolução da Língua Portuguesa”⁴⁹ aborda o latim bárbaro, ao galego-português até chegar na Língua Portuguesa.

Comentamos sobre a evolução da Língua Portuguesa, em alguns fragmentos de textos. Observamos um trecho do poema “Os Lusíadas”⁵⁰ do grande escritor português, Luís Vaz de Camões (1524-1580), que é considerada a obra mais importante da Literatura Portuguesa, que celebra os feitos marítimos e guerreiros de Portugal. Outro fragmento analisado foi um trecho da carta de Pero Vaz de Caminha escrita ao rei de Portugal, D. Manuel, contando sobre a nova terra descoberta, o Brasil. Também observamos um dos primeiros anúncios publicitários impressos no Brasil, já em 1808, mas que ainda mantinha a grafia das palavras do Português arcaico. Algumas variações no léxico foram percebidas pelos alunos como, por exemplo, vocábulos que perderam ou ganharam acento, troca e perda de letras, palavras desconhecidas e algumas construções que já caíram em desuso etc.

Neste 3º vídeo sobre “A História da Língua Portuguesa no Brasil”⁵¹ traz um breve comentário sobre a nossa língua desde o descobrimento, em 1500, com a colonização do Brasil e a influência da língua indígena, o tupi. Comentamos sobre o tráfico dos negros da África para cá, também vindo mais contribuições de outras línguas para o Português. Após a independência do Brasil, em 1822, o Brasil passou a receber imigrantes vindos da Europa (italianos, espanhóis, alemães), o que resultou em uma maior diversidade linguística dentro de nosso país. Comentamos sobre algumas palavras que incorporamos da língua indígena, como

⁴⁸ Vídeo extraído em: <<https://www.youtube.com/watch?v=OQdlOs8RyHk>>. Acesso em: 14 agosto de 2018.

⁴⁹ Vídeo extraído em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QZpdvWFDUT4>>. Acesso em: 14 agosto de 2018.

⁵⁰ Disponível em: <<https://www.portalsaofrancisco.com.br/obras-literarias/a-carta-em-sua-ortografia-original>>. Acesso em: 14 agosto de 2018.

⁵¹ Vídeo extraído em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9NkhCB23RwQ&t=4s>>. Acesso em: 14 agosto de 2018.

abacaxi, catapora, gambá, pipoca, mandioca e outras da língua africana, tais como farofa, fubá, camundongo, caçamba, caçula, cafuné.

Passamos em seguida, à sequência da atividade no Edublog que aborda o que são países lusófonos, a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, denominada CPLP⁵². Localizamos no mapa os países lusófonos, bem como a trajetória dos navegantes portugueses até esses lugares. Em seguida, anunciamos que no próximo vídeo teríamos a oportunidade de ouvir a Língua Portuguesa sendo falada nesses diversos países lusófonos. Os alunos ficaram bastante interessados e curiosos em ouvir a fala dos apresentadores dos diversos jornais desses países.

Neste 4º vídeo⁵³ ouvimos os âncoras (expliquei que eram os principais apresentadores) de telejornais de vários países onde a Língua Portuguesa é a língua oficial. No início riram muito pois disseram que não estavam entendendo nada, acharam muito engraçado, alguns disseram que já tinham ouvido, outros que nunca tinham ouvido a Língua Portuguesa falada fora de nosso país.

Em seguida, prosseguimos com a sequência da atividade do Edublog. Pedimos para se direcionarem aos computadores que já estavam preparados para a atividade e clicarem em cada bandeira dos países que compartilham a Língua Portuguesa para conhecerem um pouco mais sobre cada um. Muitos citaram alguns países que participaram de Copas mundiais, mas não souberam informar a classificação. Como o tempo já estava bastante esgotado, não foi possível prolongar com os comentários.

Na aula seguinte, alguns alunos comentaram que somente Brasil e Portugal, dentre os países lusófonos, participaram da Copa do Mundo de 2018.

Finalizamos a atividade 1 do Edublog com algumas curiosidades sobre a atual situação da Língua Portuguesa no mundo, conforme exposto por Carlos Alberto Faraco (2016, p.344; 360). Alguns insinuaram que parecia nome de um treinador de futebol, outros disseram que era um jogador de futebol, ao que eu esclareci: “Ele não é nem treinador, nem jogador de futebol, mas cabeceia, faz dribles: é professor doutor, escritor e um grande artilheiro das palavras!” Eles acharam fascinante a comparação. Foi um momento de descontração, de “quebra-gelo”.

Junto aos alunos, discutimos algumas informações sobre a Língua Portuguesa trazida por Faraco, como, por exemplo, o fato de que:

⁵² Disponível em: <https://www.cplp.org/>.

⁵³ Vídeo extraído em: <https://www.youtube.com/watch?v=0bWwrs_SyGA>. Acesso em: 05 agosto de 2018.

- é a língua hegemônica (soberana) em apenas dois países: Portugal e Brasil;
- é a língua oficial de nove países (Portugal, Brasil, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Timor-Leste, Guiné Equatorial e Macau (Região Administrativa Especial da República Popular da China desde 1999);
- é falada em comunidades de imigrantes em vários lugares do mundo: Estados Unidos, Canadá, Venezuela, África do Sul, França, Alemanha, Luxemburgo, Japão, Paraguai e Austrália;
- é falada em pequenas comunidades remanescentes da colonização portuguesa como Goa (Índia) e o norte do Uruguai;
- há um crescimento da aprendizagem da Língua Portuguesa como língua estrangeira em alguns países como Argentina, Uruguai, China estimulados por interesses políticos e econômicos em suas relações comerciais com o Brasil.

A seguir, perguntamos se dentro do território brasileiro, falamos de forma diferente, se há variações na forma de falar entre uma região e outra. Alguns citaram conhecidos, familiares que moram em outras regiões e que falam diferente:

A6: “Minha vizinha é lá do Norte e ela fala bem engraçado... não intendo nada... dia desses ela falô pra minha mãe que precisava trocar o “vrido da janela”... ela sempre fala assim...”

A12: “Na minha rua tem uma baiana... ela fala “arretado” o tempo todo...”

Muitos outros participaram com comentários orais, mas devido ao tempo, foi necessário encerrar pois disse a eles que ainda tínhamos a oportunidade de tecer alguns comentários escritos no próprio Edublog.

No 5º vídeo, vimos uma reportagem sobre “A variação da língua, no sotaque e no léxico, em algumas regiões do Brasil”⁵⁴.

Comentamos sobre o vídeo que assistimos, mostrando algumas entrevistas com pessoas de diferentes lugares do Brasil. Os alunos observaram que, a depender da região, um mesmo objeto recebe nomes bem diferentes e que o sotaque (a pronúncia) também muda de estado para estado.

Concluimos que a língua em uso tem muitas variações e isso mostra que ela é dinâmica, heterogênea e flexível! Expliquei cada conceito dizendo que algo que é dinâmico, é algo que não está parado, que se movimenta, assim como o A23 no recreio. Para explicar o significado de “heterogênea”, disse a eles que era algo não uniforme, que é constituído por “vários diferentes”, como era ali em nossa sala, em que havia alunos de diversos aspectos

⁵⁴ Vídeo extraído em: <<https://youtu.be/iu4ra9tkFWM>>. Acesso em: 05 agosto de 2018.

físicos, ou seja, era uma sala heterogênea. Para explicar “flexível”, disse que era algo que sofria adaptações, mudanças, como foi o caso da A13 que precisou mudar de escola e está se adaptando aqui na escola.

Na sequência, lemos um trecho escrito por Faraco (2016, p.9):

"As línguas são fascinantes (...). Mudam constantemente no eixo do tempo, e estas mudanças não se dão nem para melhor, nem para pior; as línguas não melhoram, mas também não decaem - elas simplesmente mudam"

Ao finalizar os blocos da atividade 01, percebi o quanto estavam mais tranquilos e com mais segurança em participar das discussões orais. No entanto, ao pedir que comentassem no Edublog suas opiniões, percebi que sentiram dificuldade em expor sua opinião e comentar a opinião dos colegas, de forma respeitosa. Alguns alunos apenas copiaram a escrita do outro, outros se mostraram muito superficiais, e a maioria teve dificuldade, pois sabia que o que escrevessem seria publicado, apesar da publicação ser anônima.

Pedi que escrevessem sobre algum aspecto que mais havia lhes chamado a atenção em relação às questões discutidas até o momento (História da Língua Portuguesa no Brasil e no mundo, a evolução da Língua Portuguesa) e que também teriam a liberdade de opinar sobre o comentário do colega, mas de forma respeitosa, sem ofender.

Obtivemos alguns comentários⁵⁵, retirados do Edublog, dentre eles:

A28: “eu achei muito interessante as aulas, e aprendi muitas coisas que eu não sabia”.

A16: “eu achei que a aula foi muito importante me ajudou a ver de onde vem a língua”.

A14: “eu achei bom as aulas de liguas e eu nao sabia q nossa ligua veio do latim”.

A21: “As aulas me ajudaram muito, nesse saite eu descobri muitas coisas da Língua Portuguesa”.

A22: “Então isso me ajudou muito , e muito top eu não sabia que tinha outros países que fala português”.

A26: “eu gostei muito de saber porque me ajudou a saber da onde veio a origem do portugues aprendi muito”.

⁵⁵ Os comentários retirados do Edublog “O Português nosso de cada dia” foram copiados de forma a preservar a grafia dos alunos. Disponível no Edublog <http://meuseuportugues.blogspot.com/p/atividade1.html>.

A27: “o que achei mais legal foi poder ter a oportunidade de poder ouvir os diferentes sotaques de cada país falante do português, também descobri os nomes dos países que falam português”.

A18: “estou achando as aulas muito boas, e o que eu mais achei interessante a quantidade de línguas que o Brasil fala (150)”.

A17: “adorei a aula, vai me ajudar muito em português, já que sou horrível na matéria”.

A11: “Eu gostei por que eu não sabia que outros países falavam um pouco de português. Eu só sabia o português, mas é legal que eu estou sabendo que eu sei que outros países que falam nossa língua”.

Diante desses comentários dos alunos no Edublog, percebemos que estavam refletindo sobre a língua e que as poucas aulas já ministradas estavam despertando os alunos para um olhar mais amplo sobre a sua língua materna.

Atividade 02 - Variação linguística: você sabe o que é isso?

Duração prevista: 06 aulas de 50 minutos

Iniciamos a atividade 02, tecendo algumas considerações sobre as aulas da atividade 1. Sobre os comentários que foram colocados no Edublog⁵⁶. Fizemos isso em alguns minutos para iniciar logo com o bloco da atividade 02, pois estavam bastante agitados para ver quais as novidades teríamos nesta atividade. O Edublog não permanecia público quando encerrávamos a aula para que os alunos não acessassem sem as devidas orientações. Inicialmente, pensamos em deixar o Edublog acessível para o público, em todos os momentos, mas ao começar a aplicação da intervenção, verificamos que não seria possível, pois os alunos poderiam visualizar de forma desordenada o conteúdo, interferindo no processo de andaimagem⁵⁷ que levaria a uma reflexão mais construtiva da realidade linguística. Em nossa intervenção,

⁵⁶ Os alunos perguntaram o que era um Edublog. Expliquei a eles que um Edublog é também chamado de *Blog* educativo porque está voltado para a educação, pode ser para o professor ou para o aluno. Nesse caso aqui, é para ambos. O objetivo de um Edublog é enriquecer o conhecimento dos alunos de uma forma que despertem o interesse deles com uma ferramenta que a maioria já domina e usa em seu cotidiano. Mencionei também o *Vlog*, cujo foco está nas postagens de vídeos que são hospedados em locais como o *YouTube* e o *Flog* que são as publicações de fotos hospedadas no Instagram, Flickr, Picasa, dentre outros. Disponível em: <<http://configurandomundo.com/o-que-voce-vai-criar-um-vlog-flog-ou-blog>>. Acesso em: 10 setembro 2018.

⁵⁷ Segundo Bortoni-Ricardo (2006), o conceito de andaimagem/andaimes se refere a um “auxílio visível ou audível que um membro mais experiente de uma cultura pode dar a um aprendiz, sendo assim, o trabalho de “andaimagem” é “mais frequentemente analisado como uma estratégia instrucional no domínio da escola mas, de fato, pode ocorrer em qualquer ambiente social onde tenham lugar processos de sociabilização”. Em sala de aula, segundo a autora, os andaimes “assumem a forma de prefácios a perguntas, complementação do turno, canais de retorno, expansões, reformulações etc, que dão aos alunos oportunidade para reconceptualizações”. De acordo com a autora, em inglês o termo é *Scaffoldin* e foi introduzido pelo psicólogo norte-americano Jerome Bruner (1983), “cujo principal interesse são as formas institucionais pelas quais a cultura é transmitida”.

podemos perceber o processo de andaimagem - apoio fornecido ao aluno nesse processo de aprendizagem - quando partimos do conhecimento de mundo dos alunos, provocando a sua reflexão por meio de discussões antes da exibição do vídeo, tecendo comentários e entrelaçamos o conteúdo visto com estudiosos da área da linguística e sociolinguística. O papel do professor, como mediador da aprendizagem, promove o ativamento desse conhecimento prévio, predispondo o aluno para uma melhor compreensão do tema exposto, atribuindo, assim, mais sentido ao texto. Procuramos, em todas as atividades, promover a participação dos alunos tanto nos questionamentos, quanto nos compartilhamentos de informações e descobertas.

Na sequência, pedi aos alunos para refletirmos juntos sobre esse pequeno texto:

“A língua em uso varia e essas variações são estudadas por pesquisadores da língua com o intuito de explicar o motivo da ocorrência de determinadas transformações. As variações não são aleatórias, não ocorrem por acaso, existem regras que são seguidas por quem usa a variedade, seja ela mais formal ou menos formal. Há explicações científicas comprovadas para cada variação da língua e são usados vários critérios para determinar tais variações.

Neste estudo abordamos três tipos de variações: a geográfica, que se refere às variações decorrentes de espaços geográficos diversificados, a social, que são variações a partir de critérios sociais como grau de escolaridade, faixa etária, sexo/gênero e, por último, a variação estilística, que diz respeito às escolhas que fazemos ao usar a língua, tanto na modalidade oral quanto escrita, dependendo do contexto da comunicação”.

(Fragmento de texto elaborado pelas autoras)

Alguns alunos recordaram que havíamos assistido um vídeo (na atividade 1) que abordava um pouco da variação geográfica. Este comentário foi importante, pois percebi que estavam atentos e que realmente as aulas estavam sendo produtivas e que o entusiasmo não se dava apenas por estarem fora da sala de aula, tendo aulas no Laboratório de Informática.

Mencionei a pesquisadora Izete Coelho, mostrando o livro que ela escreveu. Sempre levava alguns dos livros utilizados para a elaboração da proposta para que os alunos pudessem manuseá-los. Disse a eles que, segundo aquela autora, algumas variações são decorrentes de fatores internos da língua como, por exemplo, a ordem das palavras numa frase, as classes de palavras envolvidas na variação, enquanto outras variações estavam ligadas a aspectos mais externos da língua, como grau de escolaridade, faixa etária, dentre outros. Acharam que esses pesquisadores são muito inteligentes, que sabem “tudo de Português” para escrever

“esse tantão de coisa num livro”, “eles nem entende o que a gente fala e escreve”. Aproveitei a oportunidade para lhes dizer que não existe ninguém que sabe tudo; há sempre uma área que a pessoa domina mais do que outra e que ao escrever, muitas vezes fazemos muitos rascunhos até chegar ao nível que consideramos adequado para quem vamos direcionar nossa escrita e que nas próximas aulas iríamos falar sobre isso. Aproveitei para falar, de forma prática, sobre as mudanças ocorridas no Edublog (aspectos visuais, escrita etc.) para que ficasse mais claro para os alunos que sempre estamos aprendendo e a importância de pensar em quem vai ler ou ver o nosso trabalho, seja ele mais ou menos acadêmico.

Em seguida, prosseguimos a atividade com a exibição de vídeos sobre a variação regional. Os três primeiros vídeos fazem parte de uma das séries de reportagens exibidas no Jornal Hoje que mostra os sotaques de algumas regiões do Brasil.

No 1º vídeo⁵⁸ a reportagem é sobre os sotaques de falantes de algumas regiões como Porto Alegre e Maranhão, cidade de São Paulo, Minas Gerais e Cuiabá. Nesse vídeo observamos alguns comentários sobre o jeito mineiro de encurtar as palavras, o prolongamento do fonema /r/ na cidade de São Paulo. Além disso, comentamos também sobre o mapa criado pelos pesquisadores sobre as capitais do Brasil que usam o pronome “tu”, como Porto Alegre, por exemplo, que foi considerada a campeã.

No 2º vídeo⁵⁹ temos uma reportagem demonstrando a forma como é realizado o som do fonema /r/ em algumas regiões do Brasil como em Minas Gerais e a cidade de Piracicaba, em São Paulo. Os alunos gostaram de saber que o fonema /r/ que falamos em Minas Gerais é considerado o legítimo sotaque brasileiro – original - enquanto as outras pronúncias do fonema /r/ foram incorporadas à nossa língua pelo contato com a pronúncia dos povos imigrantes que vieram para nosso território, conforme explicou a reportagem.

Já no 3º vídeo⁶⁰ temos o som do fonema /s/ em algumas regiões do Brasil e o mapa dos sotaques criado por pesquisadores para averiguar qual capital pronunciava o fonema /s/ mais chiado e, comprovadamente a cidade do Rio de Janeiro foi a campeã. Os alunos se interessaram em verificar a diferença existente entre os sotaques em relação a esse fonema. Percebemos o quanto os alunos estavam interessados em ouvir as diferenças de sotaque e refletir sobre a variedade de uso da Língua Portuguesa de acordo com cada região. Foi bastante gratificante proporcionar aos alunos esse contato com a língua em uso pelas regiões do Brasil. Se o trabalho tivesse terminado aqui, já me sentiria realizada por verificar que

⁵⁸ Vídeo extraído em: <<https://www.youtube.com/watch?v=HwHfkuRCflc>>. Acesso em: 03 julho de 2018.

⁵⁹ Vídeo extraído em: <https://www.youtube.com/watch?v=C65Au_PrpZ4>. Acesso em: 05 julho de 2018.

⁶⁰ Vídeo extraído em: <<https://www.youtube.com/watch?v=CP8hO2bSBC4>>. Acesso em: 05 julho de 2018.

grande parte dos alunos estava refletindo sobre a Língua Portuguesa e comentando uns com os outros sobre suas percepções e descobertas em relação à heterogeneidade da língua e apropriando de termos que até então eram totalmente desconhecidos por eles.

Após os comentários sobre o conteúdo de cada vídeo, mostrei aos alunos o *site* <https://www.localingual.com/>,⁶¹ onde ouvimos a fala de pessoas de vários países lusófonos e de várias regiões do Brasil. Já havia preparado e testado os microfones para que eles pudessem gravar uma homenagem à cidade de Uberlândia, visto que estava próximo o aniversário (31 de agosto) e toda a escola estava envolvida em alguma atividade nesse sentido. Organizei com o professor que iria assumir a turma em seguida para que alguns grupos de alunos pudessem permanecer no Laboratório de Informática a fim de facilitar o trabalho de gravação dos áudios. Trabalhamos com poucos alunos de cada vez para que cada aluno pudesse ser acompanhado em seu próprio ritmo. Os alunos selecionaram as informações solicitadas pelo *site*, digitaram a mensagem em Língua Portuguesa, em seguida, utilizando o *Google Tradutor*, fizeram a tradução para a Língua Inglesa conforme a especificação do *site*. A figura abaixo mostra o *layout* da tela usada para a gravação da voz dos alunos:

Figura 01: Tela do site para gravação do áudio

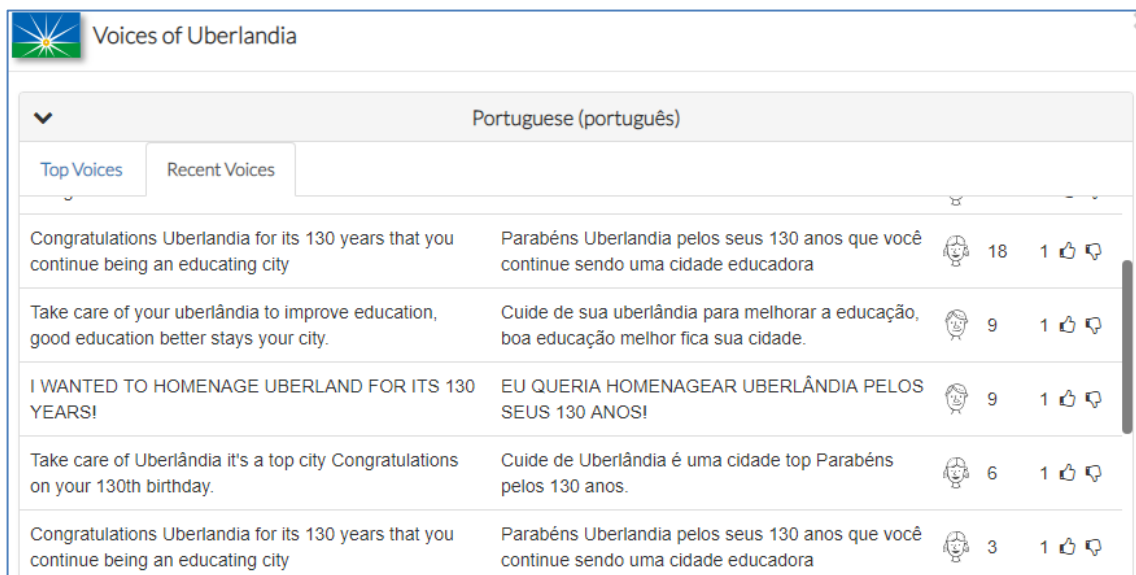
Fonte: <https://localingual.com/?ISO=BR&Region=B1>

⁶¹ O site [Localingual Site externo](https://www.localingual.com/) é um mapa mapa-múndi interativo e colaborativo online que permite ao usuário conhecer dialetos, expressões e sotaques do mundo todo. Foi idealizado e desenvolvido por David Ding, ex-engenheiro de softwares da Microsoft e disponibilizado para o público desde 8 de janeiro de 2017, com mais de 18 mil gravações. Qualquer pessoa pode contribuir gravando e enviando áudios pela própria plataforma, de acordo com a sua cidade. Informações retiradas do site: < <http://www.educacao.sp.gov.br/noticia/aprenda-pronuncia-correta-de-acordo-com-regiao-de-cada-pais/>>. Acesso em 15 dezembro 2018.

É uma ótima ferramenta para ouvir o som de diversas vozes do mundo, mas como não tem um moderador, não há um controle mais rigoroso sobre a veracidade das informações gravadas, portanto, não foi possível usá-lo de forma mais científica para um estudo sociolinguístico.

Em seguida, treinaram a mensagem escrita por eles para gravar e salvar no *site*. Muitos tiveram grande dificuldade porque são mais tímidos, outros perceberam que estavam lendo sem pontuação e/ou entonação adequadas e pediam para efetuar novamente a gravação, antes de salvar o arquivo de *áudio*, mas no final, todos conseguiram fazer suas gravações e ficaram muito satisfeitos com o resultado do trabalho. Na aula posterior a essa, reunimos todos os alunos da turma para que pudessem ouvir suas falas, arquivadas no site, conforme demonstra o *layout* da figura 02 abaixo.

Figura 02: Tela para a visualização dos projetos gravados no *site*



Fonte: <https://localingual.com/?ISO=BR&Region=B2>

Foi um momento bem interessante, pois alguns disseram que nunca tinham ouvido a própria voz gravada e assim, passaram a perceber a própria voz. Esses foram alguns depoimentos coletados nos comentários:

A10: “Ai qui vergonha... nunca gravei minha voz... mas saiu bem bonitinha...rsrs”

A27: “Eu falo desjeito mesmo???”

A3: “Professora, passa o nome desse site pra eu mostrar lá em casa...”

A1: “Creeeedo... ficô tão isquisita!!!”

A5: “Véi... qui top!!!”

Percebemos pelas fisionomias e comentários que ficaram bastante orgulhosos das frases elaboradas e disponibilizadas no *site*. Muitos quiseram copiar o *link* do site para mostrarem às suas famílias o resultado do trabalho. Após tecermos algumas discussões sobre o resultado do trabalho, os alunos puderam entrar no *site* e navegar pelo mapa interativo para ouvir e ler as mensagens gravadas e também, conhecer um pouco mais da língua falada não só no Brasil, mas também em outros países de outros continentes. Aproveitamos o trabalho de

gravação de voz para levantarmos algumas discussões com os alunos sobre o uso da língua em determinadas situações como é o caso de uma gravação de voz para disponibilizar na *web*. Usamos essa situação como um mote para as próximas discussões de reflexão sobre a língua em uso.

Iniciamos a aula, levantando algumas questões para reflexão que estão no Edublog “O Português nosso de cada dia”: há diferença na fala das pessoas com idades diferentes? Por quê? O que vocês acham?

Percebemos que alguns comentavam com os colegas, mas estavam com vergonha de falar para toda a turma:

A4: “Acho que sim... tipo... minha vó fala de um jeito estranho...”

A3: “...a minha num intendo nada quiela fala... num sei... ela fala quié gíria do tempo dela...”

Aproveitamos esses comentários para discutir um dos aspectos da variação social referente à faixa etária do falante. E em seguida, continuamos com a próxima pergunta: Pessoas com mais condições financeiras falam melhor do que as mais pobres? Por quê?

A3: “Ah é verdade...tipo... o povo mais rico fala bem melhor que quem é pobre...”

Professora: Vocês acham isso mesmo???

Pelas fisionomias percebemos que os alunos sentiram constrangidos por pensarem dessa forma. Então, continuamos as discussões, abordando as outras questões que estão no Edublog a fim de despertá-los para assistir o próximo vídeo que seria sobre a variação social: Como é a linguagem que você usa ao comunicar com seus familiares? E com seus amigos? É a mesma? Vocês acham que existe um jeito certo de falar? Por quê?

Alguns alunos relataram que em casa falam diferente em relação aos amigos porque os pais, principalmente as mães, ficam “peganupé” brigam, falando que “isso é conversa de maloqueiro, bandido...”. Vejamos o comentário de um dos alunos:

A7: “Minha mãe sempre fala... cê tá na escola pra quê minino? Aprendi a falá direito! Falanu assim nem emprego vai consegui...”

A pergunta seguinte “A Língua Portuguesa que você está aprendendo na escola é a mesma que você usa no seu dia a dia?”, percebemos que fez os alunos se calarem por um tempo, buscando uma resposta mais adequada. Muitos balançaram a cabeça afirmativamente, mas não quiseram explicar. Somente um dos alunos fez comentário a essa pergunta, cabe destacá-lo abaixo:

A19: “... é e não é ...tipo assim... é uma forma diferente de falá a mesma coisa...”

Percebemos que essas reflexões estavam em processo de construção e que precisaríamos gastar mais tempo para consolidá-las. Na exibição do próximo vídeo, deixamos claro que muitas respostas seriam respondidas.

O 4º vídeo intitulado “Nossa Língua - Gírias e expressões”⁶² exibido aos alunos se refere à variação social onde a língua reflete as “características sociais dos falantes”(grau de escolaridade, nível socioeconômico, sexo/gênero, faixa etária), conforme nos explica a linguista Izete Coelho (2015, p.40). A reportagem do vídeo é sobre o jeito de comunicar de alguns grupos por meio de gírias ou jargões. Explicamos o que era um jargão, que se refere ao vocabulário próprio de alguns grupos de profissionais como advogados, juristas, médicos, etc. Também comentamos que tanto as gírias quanto os jargões são usados para facilitar a comunicação entre as pessoas de um mesmo grupo. Quando comentamos sobre as gírias, ficaram bem à vontade pois disseram que “de gíria nós sabi tudo”. Percebemos que alguns alunos ficaram bastante à vontade enquanto outros demonstraram um certo preconceito com algumas gírias usadas pelos alunos.

Apresentamos outros vídeos para demonstrar essa variedade linguística na fala de alguns grupos sociais: skatistas, policial, bandido, advogados e até um tradutor de gírias. Os alunos gostaram muito e identificaram as falas usadas por pessoas de sua comunidade local, principalmente os mais jovens. Aproveitaram para demonstrar que entendiam bastante de gírias, mas percebi que, ao pedir para escreverem as gírias que usavam no dia a dia, tiveram dificuldade. Isso nos levou a refletir que, embora os alunos estivessem um pouco mais à vontade em relação à sua fala, o mesmo não estava acontecendo com a escrita. Ainda estavam tendo muita dificuldade em escrever por acharem que não sabiam escrever a Língua Portuguesa da forma “correta”.

Destacamos algumas gírias citadas pelos alunos nos comentários que estão no Edublog:

A18: “eu conheço várias gírias como parça , tamo junto”.

A8: “Eu conheço algumas gírias que eu falo, são: mano, vei, eai,cara, parça, fi, brother, bão, bagui, irmão, trem, boy e etc”.

A9: “Sim eu conheço varias gírias como: mano, vei, bagui, brod, parça, fi, bão, cara, trem, eai,boy e etc.”.

Ao questionar sobre a pouca participação nesses comentários alguns alunos demonstraram que a gíria ainda é vista como uma linguagem de bandido. Nesse momento

⁶² Vídeo extraído em: < <https://www.youtube.com/watch?v=XAY1HQbYTPc> >. Acesso em: 05 julho de 2018.

aproveitamos para falar um pouco sobre adequação da fala às várias situações de comunicação e já preparando para o próximo tópico que aborda a questão da variação estilística.

De acordo com diversos estudiosos da língua, a variação estilística tem a ver com os papéis sociais que a pessoa desempenha na comunicação, referindo, portanto, ao uso individual da língua. De acordo com o nível de formalidade que a situação exige, será usada uma linguagem mais monitorada ou menos monitorada conforme nos explica Izete Coelho (2015, p. 46), Carlos Alberto Faraco (2017, p.201), Stella Maris Bortoni-Ricardo (2005, p.132), Marcos Bagno (2013, p.79).

Este foi o momento onde apresentei os dois novos estudiosos da variação linguística: Bortoni-Ricardo e Bagno, onde destaquei o conceito de adequação, linguagem mais monitorada e menos monitorada.

Antes de exibir o vídeo, perguntei como é a língua que a gente fala em nosso dia a dia. Se tem um jeito certo ou errado de falar. O que eles achavam disso?

Percebemos nos olhares que essas reflexões estavam “mexendo” com eles, pois pela primeira vez, em muitos anos escolares estavam estudando a Língua Portuguesa de forma mais reflexiva, que estavam sendo estimulados a pensar sobre aspectos da língua em uso que até então era algo desconhecido para eles. Passamos então a exibir o 5º vídeo “A língua que a gente fala”⁶³ em que aborda a língua falada em nosso dia a dia.

Após a exibição do vídeo, tecemos algumas considerações sobre a importância da comunicação entre as pessoas, o esforço de se fazer entender, adequando a língua às diversas situações de comunicação, sejam elas com mais formalidade ou menos formalidade.

Relembramos que no vídeo da aula anterior a jornalista Sandra Annenberg perguntou para o Evaristo como ele pronunciava determinada palavra e o Evaristo responde que no trabalho ele fala de um jeito e em ambientes mais familiares ele fala de outro. Segundo Bortoni-Ricardo, isso acontece porque a fala em eventos públicos são diferentes da fala em eventos privados. Em contextos mais familiares, realizamos a linguagem menos elaborada, com um “mínimo de atenção à forma da língua” (BORTONI-RICARDO, 2004, p.62) e em eventos que requer mais atenção, um tratamento mais cerimonioso, realizamos a língua de uma forma mais monitorada, com uma maior atenção ao que estamos falando ou escrevendo.

Em seguida, falamos sobre o 6º vídeo⁶⁴, que seria o próximo a ser assistido, e que fazia parte da série Palavra Puxa Palavra da MultiRio, produzido para demonstrar algumas das variações da Língua Portuguesa.

⁶³ Vídeo extraído em: < <https://www.youtube.com/watch?v=RKVX84QyOWQ> >. Acesso em: 07 julho de 2018.

⁶⁴ Vídeo extraído em: < https://www.youtube.com/watch?v=_Y1-ibJcXW0 >. Acesso em: 07 julho de 2018.

Comentamos alguns aspectos abordados no vídeo que demonstram que as pessoas não falam o tempo todo da mesma forma, há variação na realização da língua e essas escolhas que fazemos vai depender do contexto da comunicação. No 7º vídeo⁶⁵ vimos também que essa variação ocorre entre a fala e a escrita, como foi abordado pelo CEEJA (Centro Estadual para Educação de Jovens e Adultos) em que demonstrou as diferentes situações comunicativas que envolvem o uso da escrita, em alguns contextos de uso, bem como os ajustes necessários na produção para tornar o texto mais formal.

A seguir, reafirmamos que a fala e a escrita apresenta muitas variações, não permanece de uma mesma forma o tempo todo, precisam ser adequadas ao meu interlocutor para haver entendimento. Explicamos que na fala espontânea, a adequação é feita no momento da transmissão da mensagem, enquanto que na escrita temos mais tempo para organizar melhor a mensagem que queremos transmitir, até mesmo reescrevendo trechos tornando-os mais claros, mais compreensíveis para o leitor e que todos nós, ao escrever textos mais formais, precisamos utilizar de rascunhos. Os grandes escritores escreviam seus textos em rascunhos, antes de publicá-los, como é o caso do famoso escritor João Guimarães Rosa. Nesse momento, mostramos um fragmento do rascunho da obra "Grande Sertão: Veredas"⁶⁶ que está no Edublog. Pelos sorrisos e comentários percebemos que foi uma descoberta importante para muitos deles. Como a fala de um aluno: “Eu achei que fazer rascunho era pra quem não sabia escrevê!”.

Para fechar este momento, pedi que alguns voluntários fizessem a leitura dos tópicos para reflexão e explicassem o que haviam entendido, caso pudessem:

“Há uma NORMA (regra) que descreve a língua, mas como a língua em uso é heterogênea, dentro da norma considerada mais formal (cult) há variações e na norma considerada menos formal (popular) também há variações. É por isso que precisamos fazer adequações no uso da língua dependendo das situações de comunicação.

A língua que usamos, tanto a escrita quanto a falada, é muito rica e reflete quem nós somos: a nossa identidade.

Não falamos/escrevemos sempre do mesmo jeito, em todas as situações de comunicação. Dependendo do lugar, da pessoa com quem falamos, da situação usamos a língua de forma diferente, desde situações de falas mais espontâneas, com menos monitoramento até aquelas situações onde a fala precisa ser mais planejada, que exige mais atenção com mais monitoramento, segundo a pesquisadora Stella Maris Bortoni-Ricardo

⁶⁵ Vídeo extraído em: < <https://www.youtube.com/watch?v=IDbvMCrlvfA>>. Acesso em: 07 julho de 2018.

⁶⁶Disponível em: <http://www.elfikurten.com.br/2016/05/2016-60-anos-grande-sertao-veredas-de.html>.

(2004, p.62). Da mesma forma também ocorre na escrita: uma lista de compras será menos monitorada do que uma resposta de uma prova em sala de aula ou um texto que será exposto na escola. Num jornal, por exemplo, podemos encontrar numa mesma folha gêneros textuais diferentes: artigo, crônica, previsão de horóscopo, charge, tirinha, etc. Portanto, podemos perceber que existe uma "fala espontânea e escrita espontânea, como também existe fala formal e escrita formal", conforme nos orienta o famoso estudioso da língua chamado Marcos Bagno (2013, p. 89).

Na língua oral mais espontânea é muito comum as repetições, a quebra na sequência de ideias, o uso de vocábulos de apoio na conversação como: né, tá, entendeu, hum, mas, atualmente, com o uso da internet, as diferenças entre a língua oral e escrita têm diminuído. Veremos sobre isso um pouco mais adiante, no próximo link.

A variedade culta é geralmente associada às camadas mais ricas da sociedade, cujos falantes têm mais escolaridade, têm um salário melhor e vivem nas cidades, conforme declara Coelho (2015, p.15).

Como a língua é heterogênea, existem várias normas que a descreve. Existe a norma considerada culta, em que há variações em seu uso e são mais monitoradas e prestigiadas socialmente. Por outro lado, existem algumas normas consideradas menos formais, chamadas normas populares, que também apresentam variações em seu uso e são consideradas desprestigiadas e por conta disso, seus falantes acabam sofrendo preconceito linguístico.”

Como já era esperado, os alunos ficaram envergonhados de explicar o que haviam acabado de ler, mas então pedi que se outro aluno quisesse explicar era só levantar a mão para eu passar a ele a palavra. Neste momento, queríamos que os alunos relembassem um pouco mais sobre o momento de falar e de ouvir, respeitando os turnos de fala. O que geralmente é difícil de acontecer quando ficam mais empolgados com o assunto. Fiquei bastante surpresa com as explicações, pois demonstraram um pouco mais de maturidade no respeito com a fala do colega, diferentemente de momentos anteriores.

Li essa frase em voz alta e pedi que permanecessem em silêncio, pensando sobre ela: "Todo falante da língua é um camaleão linguístico" (FARACO, 2017, p.202). Abordamos a questão explicando que o camaleão, por ser um animal que muda de cor de acordo com o ambiente em que está e que faz isso para sobreviver, assim também o falante é capaz de adequar sua fala, sua expressão linguística ao contexto de comunicação em que se encontra, se é um ambiente mais ou menos formal, se o interlocutor é mais ou menos jovem, se é alguém mais íntimo ou um desconhecido. São tantas características e propósitos de

comunicação que, verdadeiramente, conforme Faraco compara o falante é um camaleão linguístico ao fazer adaptações para conseguir se fazer entender nos múltiplos ambientes em que se encontra. Usei essa frase para consolidar o aprendizado sobre a adequação da língua e também, como um mote para trabalhar a questão do preconceito linguístico que seria o próximo vídeo a ser exibido na semana seguinte.

Iniciamos a aula com o 8º vídeo, que é uma animação sobre o preconceito linguístico,⁶⁷ ou melhor, comportamentos que geram o preconceito linguístico.

Discutimos sobre o conteúdo do vídeo e vimos que o preconceito linguístico⁶⁸ está atrelado ao preconceito social. Expliquei aos alunos que Marcos Bagno (2013, p. 73-116) escreveu um livro sobre alguns mitos que existem em torno da língua que faz com que nós falantes pensamos que existe um jeito certo de falar e todos os outros são errados, que a norma culta é a única que possui regras, que falamos sempre do mesmo jeito. Mencionei que muitas palavras e expressões da norma popular são extremamente importantes para seus falantes e não podem e nem devem ser desvalorizadas pelos falantes da norma culta, pois isso é um preconceito linguístico e precisa ser combatido!

Acharam bem interessante ter um livro escrito sobre isso, mas pelas fisionomias pude perceber que ainda não estavam totalmente convencidos de que não existe jeito “errado” de falar. Percebia os risinhos quando algum aluno falava uma palavra considerada “errada”, mesmo que alguns repreendessem dizendo que estávamos estudando exatamente sobre isso. Com relação às repreensões, compreendemos que esses participantes manifestaram uma consciência, ainda que discreta, sobre a questão da variação da língua em uso. Quando diziam que “estamos estudando exatamente sobre isso”, demonstraram que não é bom o aluno ficar corrigindo a fala do outro e reconheceram que cada um tem o seu jeito de falar, que isso é normal dentro de uma determinada comunidade de fala. Isso demonstrou uma atitude de tolerância, de respeito com o outro. Todas essas situações demonstram que o preconceito linguístico é algo que precisa ser trabalhado e combatido desde as séries iniciais. Ao tecermos essas considerações, corroboramos com Bortoni-Ricardo sobre a importância do professor trabalhar de forma consciente “a pluralidade cultural e a rejeição aos preconceitos linguísticos são valores que precisam ser cultivados a partir da educação infantil e do ensino fundamental” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 35).

⁶⁷ Vídeo extraído em: <https://www.youtube.com/watch?v=hfpfFQ_NVgg>. Acesso em: 08 julho de 2018.

⁶⁸ *Preconceito Linguístico*: qualquer crença sem fundamento científico acerca das línguas e de seus usuários, como, p.ex., a crença de que existem línguas desenvolvidas e línguas primitivas, ou de que só a língua das classes cultas possui gramática, ou de que os povos indígenas da África e da América não possuem línguas, apenas dialetos. (Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, verbete preconceito)

Analisando os comentários de alguns alunos, percebemos que muitos têm noção de que a língua varia, de que não existe “certo X errado”, enquanto outros nunca haviam ouvido falar em variação da língua:

A21: “Muitas das pessoas sofrem preconceito linguísticos por conta do sotaque diferente, mas na verdade não existe certo e errado. Eu aprendi vários sotaques diferentes em cada região”.

A29: “gostei muito da aula, e foi bastante informativo pois não sabia dessas variações linguísticas”.

A12: “muitas coisas eu nao sabia”.

A16: “Aprendi muio sobre gírias, aprendi a falar mais sobre formalidade aprendi que cada lingua tem sua formalidade e cada uma se encaixa a sua”.

A8: “eu achei bem legal e interessante aprender as gírias porque eu não sabia muito sobre elas e tem muita gente que não entende o que as pessoas falam”.

A7: “Aprendi muito sobre preconceito linguístico, muitas pessoas julgam as outras pela maneira que as outras falam”.

A27: “O que eu achei mais interessante foi saber que há jeitos diferentes de falar de acordo com a pessoa com quem se fala, como por exemplo ,eu falo com meu colega de forma diferente que eu falo com o diretor da escola”.

A9: “Achei muito legal e interessante, gostei muito de ver os sotaques, ver como as pessoas falam em lugares diferentes, gostei bastante.”

Os alunos do 6º ano passaram no mínimo cinco anos ouvindo que precisavam falar certo, escrever certo, ficar calado, etc. e isso só será combatido com a formação de professores com conhecimento dos pressupostos sociolinguísticos e que percebam a necessidade de trabalhar atividades que desconstruam as falsas crenças relacionadas ao aprendizado da Língua Portuguesa, baseado no ensino de nomenclaturas que mais nos afastam da língua que usamos do que ensinam.

Mais uma vez, podemos constatar que crenças e atitudes linguísticas dos alunos estão imbricadas ao meio social em que vivem e convivem diariamente e que, para serem modificadas, precisam de uma intervenção contínua por parte do professor, para desmitificar as crenças e preconceitos arraigados que influenciam diretamente na forma de pensar e agir desses alunos e de toda a comunidade da qual participa. O professor é um verdadeiro semeador que, ao lançar suas sementes, não sabe se germinarão ou não, mas continua com sua

missão de semear, esperançoso de que uma ou outra semente vai produzir e dar uma boa colheita. Lembrei da parábola do semeador no livro de Mateus 13: 4-8⁶⁹, que diz:

“Certo homem saiu para semear. Quando estava espalhando as sementes, algumas caíram na beira do caminho, e os passarinhos comeram tudo. Outra parte das sementes caiu num lugar onde havia muitas pedras e pouca terra. As sementes brotaram logo porque a terra não era funda. Mas, quando o sol apareceu, queimou as plantas, e elas secaram porque não tinham raízes. Outras sementes caíram no meio de espinhos, que cresceram e sufocaram as plantas. Mas as sementes que caíram em terra boa produziram na base de cem, de sessenta e de trinta grãos por um.”

Tal qual este semeador da parábola, não sabemos quais sementes vão produzir, mas continuamos semeando e um dia, poderemos contemplar o fruto da nossa semeadura em um ou outro aluno e isso é muito gratificante por saber que tivemos participação nesse cultivo.

Antes de iniciarmos o próximo bloco de atividades, colocamos a figura abaixo, que faz parte das atividades propostas no Edublog “O Português nosso de cada dia”, para discutirmos sobre alguns conceitos vistos até agora: preconceito, adequado x inadequado, questionando-os sobre situações onde é adequado usar esta ou aquela palavra ou expressão, como por exemplo os vocábulos do internetês, o uso de gírias, palavras muito formais em ambientes bastante informais. Observamos a figura:

Figura 03: Atividade 02 – variação estilística



Fonte: imagens Google

Em seguida, tecemos alguns comentários sobre a figura apresentada e os alunos relembrou de um trabalho desenvolvido na escola no ano anterior sobre o combate ao bullying⁷⁰. Reforçamos que a falta de respeito com a fala do outro gera sim, o bullying, pois

⁶⁹ Disponível em: <https://www.bibliatodo.com/pt/a-biblia/nova-traducao-na-linguagem-de-hoje/mateus-13>>. Acesso em: 06 dezembro 2018.

⁷⁰ O projeto sobre o Bullying foi desenvolvido por alunos do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), que cursavam Licenciatura em Computação no Instituto Federal do Triângulo Mineiro (IFTM) - Uberlândia Centro e supervisionado pela atual professora-pesquisadora. O projeto surgiu da necessidade de um trabalho para a conscientização e sensibilização dos alunos da escola co-participante da pesquisa diante de problemas recorrentes de agressões verbais e físicas relacionadas à prática do Bullying. Adaptamos uma peça de teatro do livro “Bullying: Se Correr o Bicho Pega”, de João Pedro Roriz, tendo entre o

machuca, fere emocionalmente... traz consequências negativas para o resto da vida e que esses anos escolares deveriam ser os melhores da vida do aluno e por conta desse preconceito, muitos alunos têm se tornado tímidos, com baixa autoestima, tristes, e passam a acreditar que aquilo que falam dele é a verdade e nem querem ir para a escola, porque acham que são inadequados, que não se encaixam nesse ambiente.

Depois prosseguimos a aula observando outras charges disponíveis no Edublog. A sala foi dividida em grupos menores e percebemos pela interação entre os colegas que estavam mais participativos, com comentários mais pertinentes sobre o assunto. Após esse pequeno momento, socializamos as discussões, com uma palavra que representasse o que o grupo havia discutido.

Prosseguimos com a aula e analisamos algumas palavras abreviadas do internetês que estão no Edublog. Ao perguntar se todos conheciam todas aquelas palavras, concordaram que sim e um dos alunos disse que uma das palavras era um palavrão, então me desculpei e disse que ia retirá-la, pois havia passado sem que eu percebesse. Aproveitei a situação para reforçar a questão do adequado e inadequado dentro de alguns contextos.

Perguntei aos alunos se haviam vivenciado ou presenciado alguma situação em que não houve comunicação, entendimento da mensagem para que compartilhassem conosco. Alguns se mostraram interessados em falar, mas quando pedi que seria uma tarefa escrita no Edublog, percebi que ficaram mais inibidos, muitos não quiseram expor. Apenas um dos comentários pude aproveitar, o qual está transcrito abaixo:

A11: “meu eu falei uma historia para que eu estava na roça e eu felei que e peguei no tronco para a cobra e a cobra tentou me atingi so que acertou no tronco”

Quando analisei este comentário perguntei por que ele usou a palavra “tronco” e não “pau”, achei interessante pois o aluno disse que não era adequado pois se referia a um “palavrão”. Disse a ele que tinha usado a palavra “meu” e é uma gíria, enquanto ele argumentou que estava escrevendo como ia falar para os colegas e na fala com os colegas é adequado o uso de gírias. Concordei.

Atividade 03 - Laboratório da língua: atividades de pesquisa⁷¹

Duração prevista: 04 aulas de 50 minutos

elencos alguns alunos praticantes e outros vítimas de agressões. Após um árduo trabalho de sensibilização, colocamos agressores e vítimas trabalhando juntos no palco, vivenciando o que causavam às suas vítimas.

⁷¹ Alguns exemplos de variação linguística pesquisados pelos grupos de alunos estão no Apêndice D.

Expliquei para os alunos que um pesquisador é como um garimpeiro: vai pegar muitas pedrinhas, mas o foco é selecionar as preciosidades, aquilo que é mais importante e que na internet, muitas vezes nos perdemos porque tem muitas informações, sites não confiáveis, muitos atrativos para desviar nossa atenção, mas se queremos concluir com êxito a pesquisa precisamos estar focados naquilo que queremos garimpar, ou seja, boas informações. Orientei que iriam procurar na internet exemplos de variação regional, social ou estilística e que formariam pequenos grupos⁷² para facilitar o trabalho. Orientei que poderiam pesquisar estes exemplos de variação linguística em anúncios, memes, charges, tirinhas, músicas, vídeos. Mencionei o cuidado com o conteúdo, revendo os conceitos de adequado e inadequado dentro do contexto acadêmico. Passei algumas informações sobre como pesquisar na internet, quais tipos de sites possuem conteúdo mais confiável e também como construir uma apresentação no Powerpoint com o resultado de sua pesquisa. No início da pesquisa, achei que os alunos estavam bastante perdidos, procurando material que eu já havia colocado no Edublog, então disse a eles que a pesquisa era deles, que eu havia feito esse papel de garimpar na internet o material como professora, mas que agora era a vez deles de se colocarem na posição de alunos-pesquisadores. Colocamos no Apêndice alguns exemplos “garimpados” na *web* pelos alunos-pesquisadores.

Apesar das dificuldades, os grupos de alunos conseguiram finalizar o trabalho, mas cremos que há muito ainda que fazer para que ao ingressarem no 6º ano os alunos desenvolvam suas habilidades como pesquisadores. Precisamos considerar que os alunos não têm o hábito de fazer pesquisas e tendem a reproduzir as práticas habituais de copiar/colar as informações ou como foi inicialmente nesta atividade, buscaram na internet os mesmos exemplos que estavam no Edublog “O Português nosso de cada dia”.

Ao término dessa atividade, percebemos o quanto os alunos têm dificuldade e precisam ser auxiliados pelo professor nessas pesquisas *online*, conforme destacamos alguns comentários:

A12: “... eu não sabia disso tudo, sempre ficava meio perdido nas pesquisas”.

A16: “Também aprendi muito tipo... como escolher os sites, nem sabia disso...”.

⁷² Consideramos muito importante, nesta análise, expor a grande dificuldade que os alunos têm para trabalhar em grupo. Geralmente, não conseguem planejar o trabalho para que todos tenham sua participação, o que ocorre com frequência é um ou dois alunos fazer o trabalho sozinhos, enquanto os demais apenas ficam olhando ou até mesmo atrapalhando com brincadeiras e conversas paralelas. Para evitar esses problemas recorrentes, organizamos os alunos em grupos de apenas três participantes, mas mesmo assim, percebemos a falta de habilidade dos alunos na prática da pesquisa, mesmo com a intervenção da professora, alguns grupos só conseguiram finalizar a pesquisa extrapolando bastante o tempo disponível.

A27: “... gostei muito da aula... foi bastante informativo, não sabia fazê pesquisa, agora sei”.

A1: “achei bem legal procurar essas coisa na internet... gosto de música, de vídeo”.

Verificamos com essa atividade de pesquisa, que precisamos como professores, dar mais oportunidade para que os alunos aprendam a serem pesquisadores (re)fazendo atividades que envolvam a pesquisa e que utilizem as ferramentas digitais ao seu alcance - com as devidas orientações e acompanhamento nessa estratégia de andaimagem - como já foi mencionada anteriormente, de forma mais produtiva. Entendemos também, que nossos alunos precisam desenvolver a habilidade de refletir, de (re)pensar sobre suas ações, não só no mundo real, mas também, no virtual.

Outro aspecto que julgamos pertinente acrescentar aqui, apesar de não ser o foco de nossa intervenção, mas se refere diretamente à atividade de pesquisa trabalhada no Edublog é o trabalho em grupo. cremos que esse tipo de atividade precisa perpassar por todas as áreas, não só dentro da disciplina Língua Portuguesa, para que os alunos se familiarizem com essa atividade, desenvolvendo habilidades para resolver problemas, encontrar soluções, utilizar sua voz num tom adequado, como argumento. Muitas vezes, percebemos que nossos alunos precisam dessas oportunidades para aprender a refletir em conjunto, ouvindo, argumentando, defendendo suas opiniões até chegar num consenso sobre a melhor forma de resolver a questão proposta. Esse é um processo contínuo dentro de uma sala de aula e todos precisam sentir a responsabilidade na busca e no registro das respostas quando estão engajados num trabalho em grupo.

Reforçamos ainda que uma atividade de intervenção, em salas tão heterogêneas como as nossas, possa ser realizada mais no início do ano letivo para que haja oportunidade e um tempo maior de reflexão sobre a prática pedagógica.

Atividade 04 - Jogando também aprendo

Duração prevista: 04 aulas de 50 minutos

Como já foi mencionado anteriormente, a elaboração desses jogos surgiu da necessidade de material mais adequado que abordasse a variação da língua de uma forma reflexiva e sem preconceito. Procuramos, dentre os vários jogos de Língua Portuguesa, disponíveis na *web*, aqueles que pudessem contribuir com o ensino da variação linguística de acordo com os pressupostos da Sociolinguística Educacional, mas, com raras exceções, o material selecionado não contemplava tais aspectos. Para dirimir esse problema, elaboramos

alguns jogos e aplicamos como parte final da intervenção. Foram elaborados 14 jogos⁷³, sendo 13 com o *Software Hotpotatoes*, enquanto um dos jogos foi elaborado utilizando o caça-palavras *online*⁷⁴. Para facilitar o acesso, distribuímos os jogos em quatro blocos:

Jogos 1 e 2, abordam a revisão de todo o conteúdo estudado e foram aplicados para trazer à memória dos alunos alguns aspectos discutidos no decorrer das atividades de intervenção.

Jogos 3, 4 e 5 se refere à variação regional⁷⁵.

Jogos 6, 7, 8, 9 e 10 propomos um trabalho com a variação linguística, revisitando as três variações vistas - regional, social e estilística - utilizando charges, tirinhas, anúncios, poema, fragmentos de texto, campanha publicitária.

Jogos 11, 12, 13 e 14 abordamos os Provérbios para valorizar a cultura popular. Nestes jogos, trouxemos a língua em uso, que faz parte do cotidiano popular e revela a sabedoria de um povo, muitas vezes, transmitida por meio da oralidade.

Como percebemos, no decorrer da realização dos jogos, os alunos demonstraram bem interessados pela atividade, competindo entre os grupos, para ver quem mais acertava as respostas. Apesar de não ser o tipo de jogo que usualmente jogam, percebemos que a interação com o computador é algo que desperta o interesse dos alunos pela atividade e é isso que precisamos despertar nos alunos: a vontade de aprender. Em seus estudos, Xavier (2016, p. 11), sugere que o professor troque a exposição tradicional de suas aulas por inovações tecnológicas que “têm sido apresentadas como ferramentas mais interessantes, eficazes e sintonizadas com as expectativas dos estudantes contemporâneos”.

Os comentários dos alunos refletem o quanto se sentiram mais estimulados para a aprendizagem quando acionamos algum recurso digital, como os jogos digitais por exemplo:

A17: “Muito top... adorei a aula... nem parece que tô estudando português...”

A02: “Aê fessora... agora cê falô minha língua!”

A03: “Noooossa! Vô aprendê jogano?! Nem acredito!”

A05: “Véi... aprendi muito mais aqui do que na aula copiano...”

A01: “Gostei muito, professora... brigadão!!!”

⁷³ Todos os jogos estão disponíveis no Edublog: <https://meuseuportugues.blogspot.com/p/atividade4.html>.

⁷⁴ O *software* para montar o caça-palavras é gratuito e está disponível em: http://www.hufersil.com.br/exemplo/caca_palavras/. Acesso em: 08 junho 2018.

O caça-palavras foi elaborado neste *software* e disponibilizado no Edublog “O Português nosso de cada dia” para ser executado pelos alunos. O jogo aborda um resumo das atividades 01 e 02 da intervenção didática.

⁷⁵ Antes dos jogos, propomos um desafio entre meninos e meninas para verificar quem estava mais atento ao que foi estudado sobre a variação regional.

Percebemos, não só pelos comentários dos alunos, mas também pela postura dentro da sala, o quanto estavam interessados na realização da atividade. Como ficou registrado pela fala de um dos alunos com seu parceiro de jogo: “A aula aqui voa!”.

Finalizamos, neste momento, a descrição e análise das atividades elaboradas para a proposta de intervenção. Realizaremos, na próxima subseção, a apresentação e análise comparativa dos questionários de crenças e atitudes linguísticas aplicados no início e ao término da intervenção.

5.1.5 Descrição e análise dos questionários de crenças e atitudes linguísticas

Após todas as observações feitas ao longo da aplicação das atividades da proposta de intervenção, passaremos à análise dos questionários, os quais nos ajudaram a compreender melhor as crenças e atitudes linguísticas dos alunos participantes da pesquisa. O questionário de crenças e atitudes linguísticas (cf. Apêndices) foi aplicado em dois momentos distintos do ano letivo de 2018, conforme mencionamos anteriormente. Esses dois questionários⁷⁶, aplicados antes e após a intervenção, não sofreram nenhuma alteração nos dois momentos da aplicação. O questionário aplicado foi elaborado no Google Formulário⁷⁷ e consistia em 26 perguntas de múltipla escolha e algumas com espaço para que o aluno justificasse sua escolha. O intuito desse questionário foi conhecer quais crenças e atitudes os alunos participantes da pesquisa têm em relação à Língua Portuguesa, após esses anos de escolaridade, para elaborarmos atividades de intervenção que pudessem contribuir para um ensino mais reflexivo.

A segunda aplicação do questionário foi realizada em setembro, após a intervenção, com o objetivo de verificar se seriam observadas ou não mudanças significativas nas respostas dos alunos e, em caso afirmativo, quais seriam elas, por isso, optamos por utilizar as mesmas perguntas que foram utilizadas no primeiro questionário.

Ao reaplicamos o mesmo questionário de Crenças e atitudes linguísticas para averiguar se houve uma melhora significativa ou não nas crenças e atitudes dos alunos após as atividades de intervenção sobre a variação da Língua Portuguesa, ficamos surpresos com

⁷⁶ Adaptado do questionário elaborado pela professora orientadora Prof.^a Dr.^a Talita de Cássia Marine e pelas orientandas de mestrado: Carla Beatriz Frasson e Romilda Ferreira Santos Vieira.

⁷⁷ O termo em Inglês é *Google Forms* e é uma ferramenta gratuita do navegador *Google* que possibilita qualquer usuário criar formulários online e acompanhar as respostas, em tempo real. O aplicativo coleta, armazena e analisa as informações, transformando-as em gráficos. O questionário de Crenças e atitudes linguísticas está disponível online no link: <https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSfakEJEt2V69MHg-KS2UgIA6H-eWob-I5OJkbVzYJkLjOfBw/viewform>, mas encontra-se também no final da dissertação (cf. Apêndice B).

algumas respostas, enquanto outras já eram esperadas. Contudo, percebemos a importância de um trabalho mais contínuo no decorrer de todo o ano letivo.

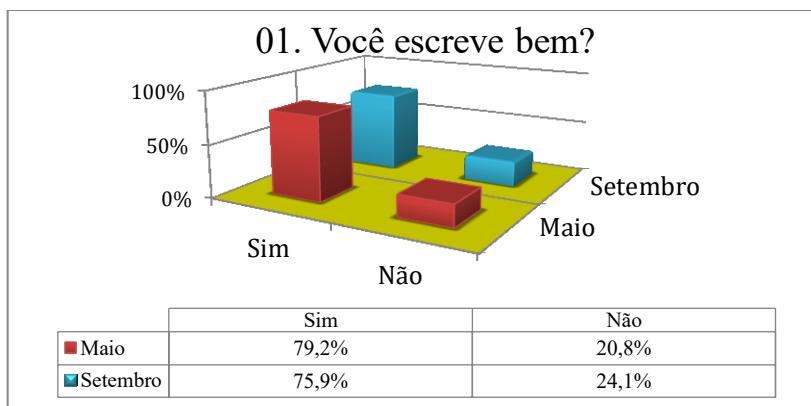
O próprio aplicativo (Google Formulário) construiu gráficos com as informações coletadas nos dois questionários isoladamente, nos permitindo analisar os dois momentos da aplicação e construirmos, assim um gráfico comparativo, sendo que, cada gráfico corresponde a mesma pergunta nos dois momentos da aplicação.

Iniciaremos, portanto, a análise das perguntas.

Considerando a ordem da numeração dos gráficos em todo o trabalho, salientamos que o gráfico 07 corresponde a análise da pergunta número 1 do questionário de crenças e atitudes linguísticas, o gráfico 08 se refere à pergunta número 2 e, assim, sucessivamente.

O gráfico abaixo representa os dados coletados da pergunta “Você escreve bem?”, em que percebemos que houve uma pequena queda do percentual entre os dois momentos da aplicação dos questionários (maio e setembro), mas continua demonstrando que os alunos acreditam que escrevem bem (75,9%). Vejamos:

Gráfico 07: Pergunta 01 do questionário de crenças e atitudes linguísticas



Fonte: Autoria própria

Refletindo sobre esses dados, acreditamos que possivelmente, os alunos ao entrarem no 6º ano, acreditam que já dominam a língua escrita muito bem, pois no 1º bimestre há muita revisão do que foi visto nos anos anteriores, mas a partir do 2º bimestre, adentrando no 2º semestre, se deparam com um conteúdo novo, mais aprofundado, com uma exigência maior na escrita textual e então, muitos têm suas notas reduzidas e isso os leva a acreditar que não sabem escrever. A mudança de um único professor para todas as disciplinas (1º ao 5º ano) para vários professores (6º ano) gera muitas inquietudes, estão acostumados a se reportar a um professor, mas agora as aulas possuem vários professores, cada um com uma atitude diferente, isso os leva a terem mais receio de expor suas ideias, opiniões, tanto na fala quanto na escrita.

Isso podemos verificar na fala de alguns alunos, durante as aulas, representando a opinião de grande parte deles⁷⁸:

A21: “A fessora do ano passado era mais legal, de boa. Agora... esse ano... nós tem até medo de perguntá as coisa prus professô...”

A16: “... alguns né...”

A11: “... falam que a gente num aprendeu nada até agora... como passamu de ano? Fala que nós num sabe nem lê ... e muito meno iscrevê...”

Observando os dados obtidos no gráfico e os comentários desses alunos, percebemos o quanto ainda mantém a falácia de que a escrita representa a Língua Portuguesa ideal, “correta”. O valor dado à escrita como ideal estão intrinsecamente relacionados às crenças que os alunos têm a respeito da língua que utilizam. E isso é reforçado por muitos professores que acreditam que saber ler e escrever é não ter “desvios” da norma padrão. Isso demonstra que, apesar de todo o trabalho envolvendo a “desconstrução” desse mito do “certo X errado”, ainda se mantém a crença de que a escrita representa a Língua Portuguesa correta.

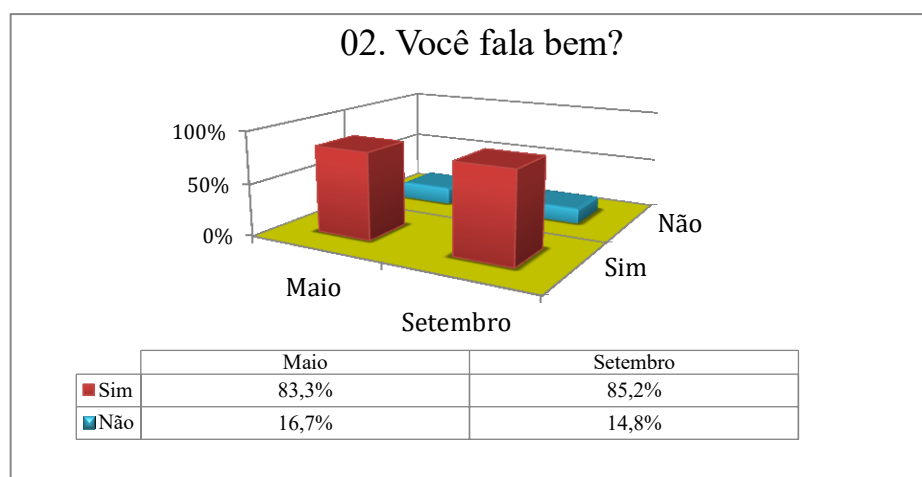
Nas observações feitas durante as aulas, percebemos o quanto os alunos demonstravam crenças negativas em relação à sua escrita, por ainda não dominarem as convenções ortográficas se sentiam incapazes de escrever de forma adequada ao contexto. Nesse momento, relembramos a importância de um ensino na perspectiva sociolinguística e da Pedagogia culturalmente sensível⁷⁹, não só na Língua Portuguesa, mas em todas as disciplinas. É por isso que buscamos proporcionar aos nossos alunos um ensino linguístico que valoriza a heterogeneidade da língua em uso, que legitima a identidade de seus falantes, reconhecendo as variedades da língua como algo enriquecedor e não depreciador.

Observando os dados do gráfico 08 abaixo, podemos perceber que para a pergunta “Você fala bem?”, houve uma discreta melhora, significando que em relação à fala, houve um reforço da autoestima linguística desses alunos, enquanto falantes da Língua Portuguesa.

⁷⁸ Procuramos ser o mais fiel possível às expressões orais utilizadas pelos alunos em seus comentários no decorrer das atividades.

⁷⁹ De acordo com Frederick Erickson (1987), essa proposta pedagógica consiste no esforço por parte da escola em reduzir as dificuldades de comunicação entre professores e alunos, considerando a heterogeneidade cultural desses alunos.

Gráfico 08: Pergunta 02 do questionário de crenças e atitudes linguísticas

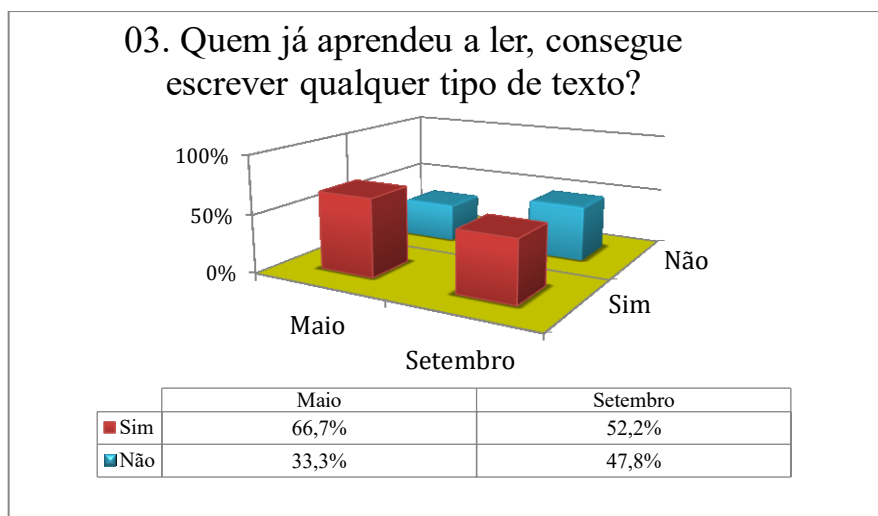


Fonte: Autoria própria

Percebemos que a maioria considera que fala bem, percentual de 85,2%. A melhora, apesar de tímida, nos revela que o caminho para uma mudança da crença negativa sobre a língua em uso perpassa pelo conhecimento heterogêneo e dinâmico na perspectiva linguística. No entanto, os dados demonstram que, apesar da ligeira queda, ainda temos 14,8% dos alunos acreditando numa crença bastante negativa em relação à sua língua falada. Cremos que o tempo ainda foi insuficiente para desarraigar a falsa crença de que não sabem ler, escrever e falar. Sendo assim, fica evidente a necessidade de um trabalho voltado para a variação da língua em toda a educação básica, mas principalmente, quando esses adolescentes iniciam essa nova etapa no Fundamental II, caracterizada pela transição da infância para a vida adulta, onde se configura a construção da sua identidade (cf. BRASIL, 1997).

Os dados coletados da pergunta 03 do questionário de crenças e atitudes linguísticas “Quem já aprendeu a ler, consegue escrever qualquer tipo de texto?”, expostos no gráfico abaixo, demonstra que houve uma melhoria mais significativa em relação à adequação da língua em torno de 14,5% entre os dados coletados nos dois momentos, antes e após a aplicação da intervenção.

Gráfico 09: Pergunta 03 do questionário de crenças e atitudes linguísticas

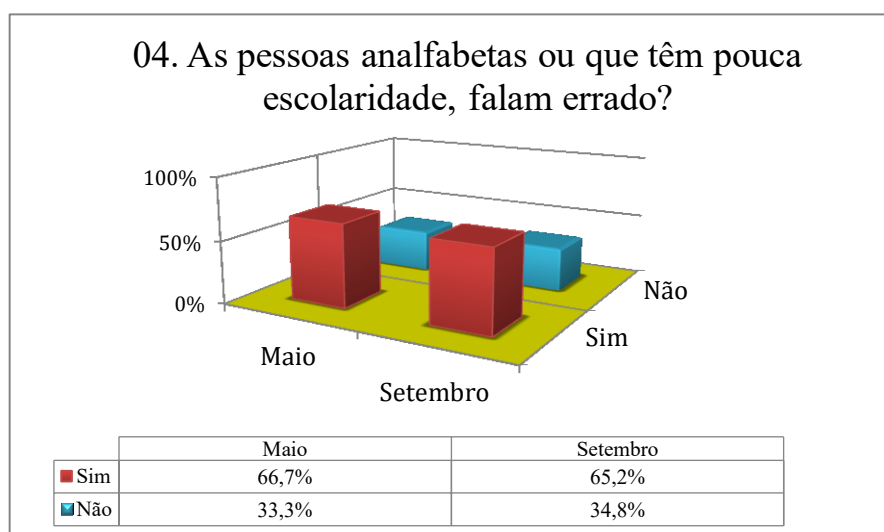


Fonte: Autoria própria

Esse resultado demonstra que os alunos reconhecem a necessidade de adequação da variedade linguística às diferentes situações de comunicação escrita. Portanto, nesse sentido, o trabalho de intervenção desenvolvido colaborou para que os alunos pudessem refletir sobre a adequação da língua, mas por outro lado, revela também, que ainda temos mais da metade dos alunos (52,2%) que ainda não reconhecem que também a escrita precisa ser adequada aos diferentes contextos de interação social. Reconhecemos a grande necessidade de dar continuidade ao trabalho variacionista da língua, de forma efetiva, como parte do currículo escolar ao longo do ano letivo e desde as séries iniciais da Educação Básica.

Isso também podemos verificar, nos dados coletados da pergunta abaixo “As pessoas analfabetas ou que têm pouca escolaridade, falam errado?”

Gráfico 10: Pergunta 04 do questionário de crenças e atitudes linguísticas

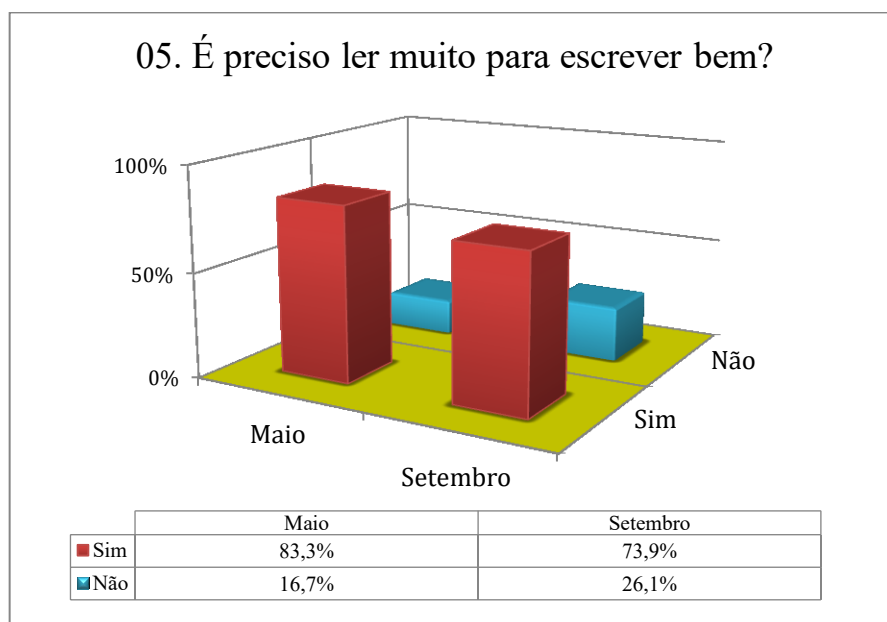


Fonte: Autoria própria

Percebemos o preconceito linguístico arraigado nesses alunos em relação às variedades estigmatizadas da língua. A análise deste gráfico demonstra que o tempo da intervenção foi insuficiente para sanar o preconceito que os alunos ainda têm sobre a língua em uso, e que foi reforçado desde as séries iniciais por um ensino da gramática normativa que considera como certa apenas a variedade culta da língua. Isso demonstra, como já dissemos anteriormente, a necessidade de um trabalho contínuo de conscientização acerca da heterogeneidade linguística, visto que houve apenas uma pequena melhora.

A pergunta 05 do questionário de crenças e atitudes linguísticas “É preciso ler muito para escrever bem?” revela a falsa crença de que a escrita é a modalidade ideal da língua, desconsiderando assim, a variação e a adequação da língua em uso, tanto na forma escrita quanto a falada. Podemos observar isso nos dados abaixo:

Gráfico 11: Pergunta 05 do questionário de crenças e atitudes linguísticas

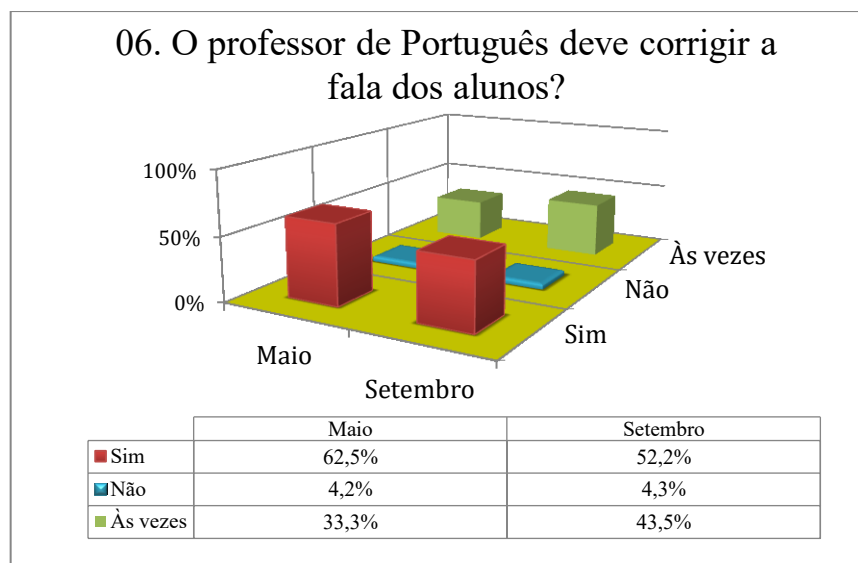


Fonte: Autoria própria

Houve uma melhoria de quase 10% nesse percentual, portanto esses dados revelam a importância de um trabalho com a Língua Portuguesa baseado nos pressupostos sociolinguísticos. Entendemos que, apesar da intervenção ser aplicada em pouco tempo conseguiu despertar uma reflexão positiva sobre alguns aspectos da língua em uso, o que para nós, se tornou bastante gratificante. O que almejamos, como professores de Língua Portuguesa, é um trabalho com a língua materna tendo em vista sua heterogeneidade que perdure por todo o ano letivo.

Em relação à pergunta nº 06 “O professor de Português deve corrigir a fala dos alunos?” obtivemos os seguintes dados, conforme o gráfico abaixo:

Gráfico 12: Pergunta 06 do questionário de crenças e atitudes linguísticas

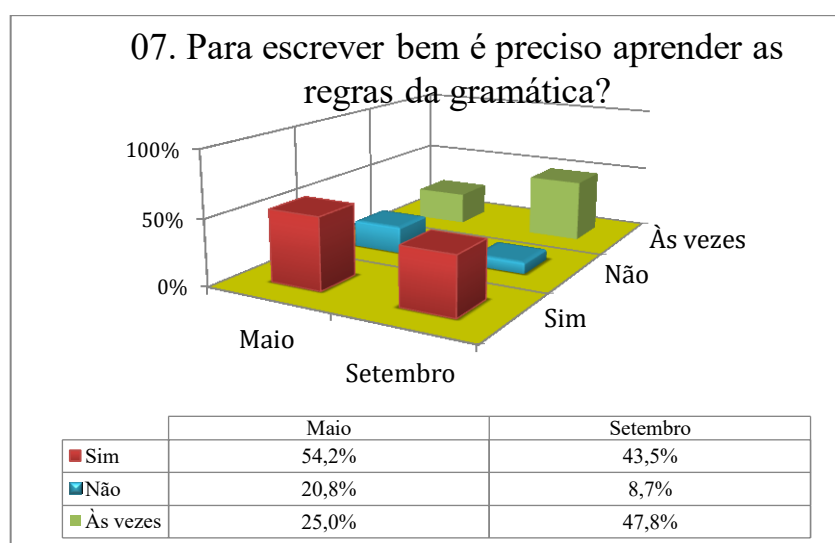


Fonte: Autoria própria

Percebemos, por meio desses dados, que houve reflexão sobre a língua em uso. Entretanto, consideramos necessário um trabalho mais prolongado com os alunos para levá-los a um patamar de reflexão que supere as crenças negativas adquiridas no decorrer desses anos escolares com o ensino de língua envolto por regras gramaticais e nomenclaturas de uma norma que está restrita ao mundo ideal. Ainda, permanecem com a visão distorcida de que a escola, na função do professor, deve corrigir/consertar a fala do aluno, desconsiderando assim, as variedades linguísticas que existem em toda língua em uso.

Os dados do gráfico a seguir se referem a pergunta 07 “Para escrever bem é preciso aprender as regras da gramática?”.

Gráfico 13: Pergunta 07 do questionário de crenças e atitudes linguísticas



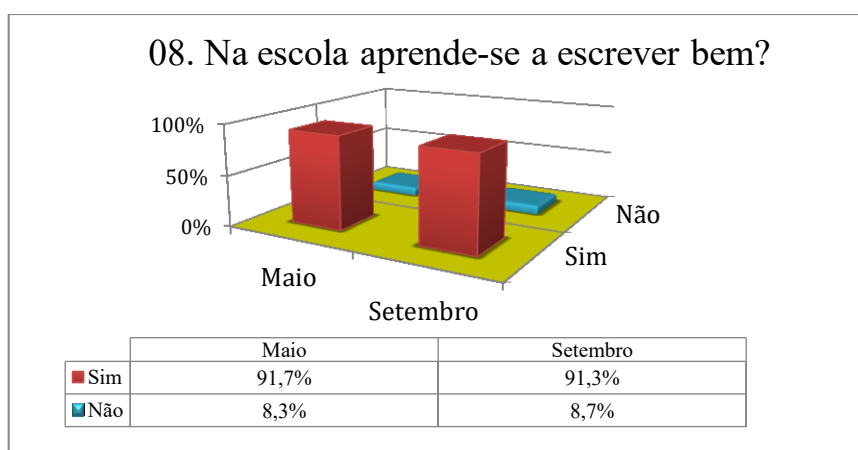
Fonte: Autoria própria

Como podemos perceber, houve uma melhoria - mais de 10% - que estão desconstruindo o mito de que norma culta é sinônimo de regras gramaticais. Apesar disso, os dados revelam, também, que os alunos ainda acreditam que sabem pouco sobre sua própria língua (43,5%), atrelando o fato de escrever bem ao domínio das regras gramaticais, reforçando, portanto, o mito de que só a norma padrão possui regras, conforme salienta Bagno (2013, p. 94). No entanto, 47,8% dos alunos percebem que a língua escrita também precisa ser adequada aos diferentes contextos comunicativos, isso demonstra que estes alunos compreenderam que em alguns momentos precisamos usar um estilo mais formal, enquanto em outros, usamos um estilo mais informal, fazendo assim, as adequações necessárias. Isso foi possível verificar nas discussões após a aplicação do questionário.

A pergunta a seguir “Na escola aprende-se a escrever bem?” demonstra o quanto tem perpetuado nos bancos escolares a doutrina do erro. O percentual de 91,3% que responderam “sim” chega a ser amedrontador para o papel do professor de Língua Portuguesa. Bagno (2013, p.91-92) considera que colocar a escrita como ideal é um erro que precisa ser combatido pois “se originou, sem dúvida, do preconceito dos primeiros gramáticos contra a língua falada e de sua atitude de hipervalorização da escrita literária antiga, tomada como única forma ‘correta’ de uso da língua.”

Continuando esta análise podemos perceber, observando o gráfico abaixo, o quanto o ensino na escola está ligado à escrita “correta”.

Gráfico 14: Pergunta 08 do questionário de crenças e atitudes linguísticas



Fonte: Autoria própria

Os dados coletados nas duas perguntas 08 e 09, revelam que os alunos percebem a escola como o lugar da escrita “certa”, esquecendo a importância da heterogeneidade da língua, reproduzindo o conceito estereotipado de que só a norma culta representa a boa escrita e que a fala do professor precisa ser realizada de acordo com as regras da gramática,

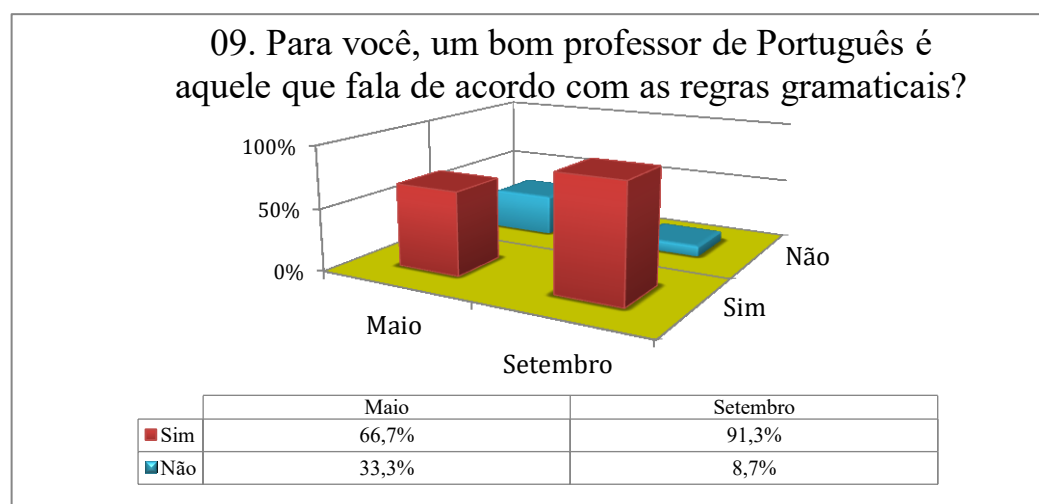
demonstrando assim, a crença arraigada de que há uma forma “certa” ou “errada” de falar ou escrever. Estes conceitos de “certo X errado” dentro da concepção de ensino da língua precisam ser desconstruídos dando lugar aos conceitos de “adequado X inadequado” a determinadas situações comunicativas. E nesse sentido, podemos dizer que há uma necessidade de incluir na escola todas as variedades linguísticas, inclusive aquelas estigmatizadas. De acordo com os preceitos da Pedagogia Culturalmente Sensível⁸⁰, mencionados por Bortoni-Ricardo, a sala de aula precisa ter ambientes de aprendizagem

onde se desenvolvam padrões de participação social, modos de falar e rotinas comunicativas presentes na cultura dos alunos. Tal ajustamento nos processos interacionais é facilitador da transmissão do conhecimento, na medida em que se ativam nos educandos processos cognitivos associados aos processos sociais que lhes são familiares. (BORTONI-RICARDO, 2005, p.128)

Portanto, há uma necessidade de mudança de postura entre todos os envolvidos no processo educacional – professores, alunos e pais – para que, de fato, possa haver o desenvolvimento de uma pedagogia sensível às diferenças.

Os dados abaixo da pergunta nº 09 “ Para você, um bom professor de Português é aquele que fala de acordo com as regras gramaticais?”, reitera o que já foi mencionado sobre a necessidade de mudança de postura em relação ao ensino de Língua Portuguesa na escola.

Gráfico 15: Pergunta 09 do questionário de crenças e atitudes linguísticas



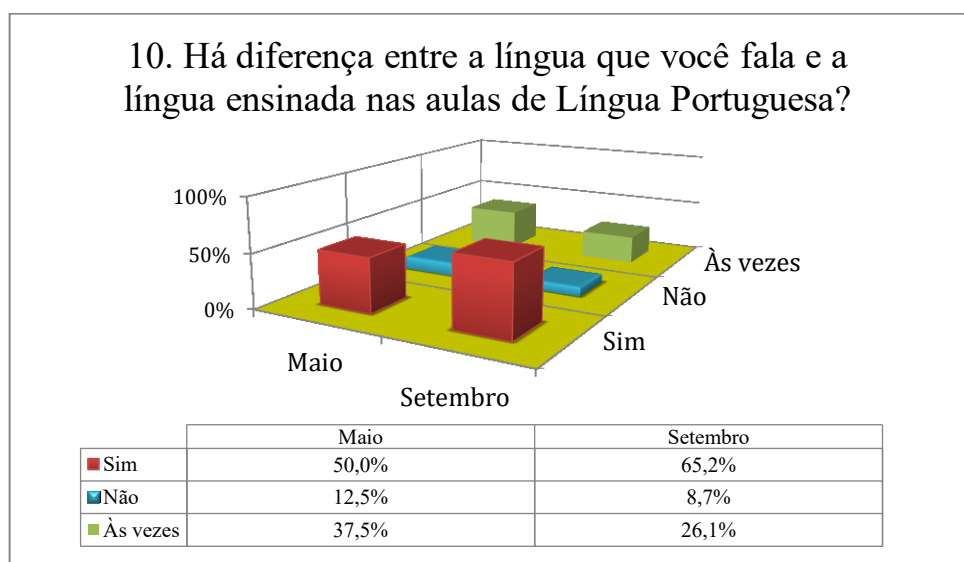
Fonte: Autoria própria

⁸⁰ Conforme já mencionado, o conceito de pedagogia culturalmente sensível foi traduzido por Bortoni-Ricardo da proposta pedagógica “*A culturally responsive pedagogy*” de Frederick Erickson (1987) e tem como foco a vida no interior das escolas e a relação entre a sociabilização das crianças no lar e nas escolas. Tal proposta considera que a escola precisa incluir a heterogeneidade cultural dos alunos como forma de reduzir as dificuldades de comunicação entre eles e seus professores.

Mais uma vez, percebemos a importância de uma reeducação sociolinguística na formação dos professores - não só de Língua Portuguesa - para “desconstruir” esse paradigma de que existe alguém que consegue falar de acordo com as regras gramaticais postuladas pela gramática normativa. Observando esses dados do gráfico, percebemos que, para a grande parcela dos alunos (91,3%), o bom professor de Português deve falar de acordo com as regras gramaticais. Conversando com os alunos sobre as respostas dadas, foi possível verificar que entenderam que o professor de Português deve conhecer as regras gramaticais para saber usá-las em contextos mais formais de fala, mas não o tempo todo⁸¹.

Nessa próxima pergunta “Há diferença entre a língua que você fala e a língua ensinada nas aulas de Língua Portuguesa?”, percebemos pelas respostas que a língua ensinada na escola ainda é vista como sendo somente a língua escrita e, portanto é considerada diferente da língua falada, usada pelos alunos⁸².

Gráfico 16: Pergunta 10 do questionário de crenças e atitudes linguísticas



Fonte: Autoria própria

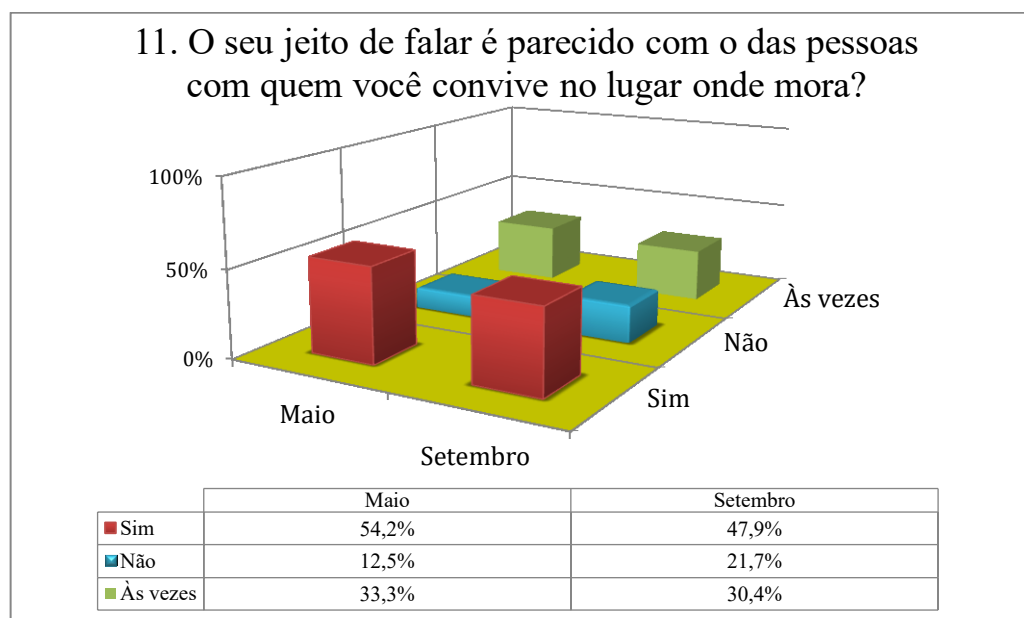
Analisando esse gráfico, podemos perceber que perpetua a crença de que a língua ensinada na escola é diferente da língua falada pelos alunos, isso demonstra que há um trabalho árduo a ser feito no intuito de “desconstruir” ainda, em alguns aspectos, essa visão de língua homogênea, que desvaloriza a heterogeneidade linguística e não considera os graus de monitoramento.

⁸¹ Percebemos, na discussão dos dados com os alunos, que esta pergunta não ficou compreendida em toda sua totalidade e como não foi feito nenhum esclarecimento durante a aplicação do questionário, estamos considerando a argumentação dos alunos.

⁸² Nas discussões, após a aplicação do questionário, os alunos argumentaram que nas aulas de Língua Portuguesa o foco é a escrita mais monitorada e, portanto diferente da língua falada por eles em seu cotidiano. Portanto, não reconheceram aqui, a heterogeneidade da língua em graus de monitoramento.

“O seu jeito de falar é parecido com o das pessoas com quem você convive no lugar onde mora?” esta é a pergunta 11 do questionário e seus dados demonstram que 47,9% dos alunos acha que sim, conforme os dados coletados abaixo:

Gráfico 17: Pergunta 11 do questionário de crenças e atitudes linguísticas

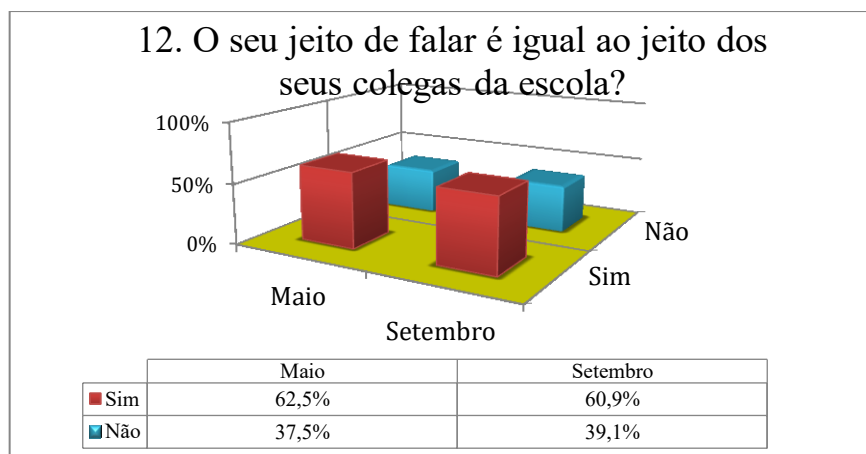


Fonte: Autoria própria

Esses dados nos revelam que os alunos participantes da pesquisa reconhecem o uso das variantes linguísticas (47,9%) e que às vezes (30,4%) precisam adequar seu modo de falar conforme discussões posteriores à aplicação do questionário. Enfim, percebem as diferenças na língua tendo como parâmetros os critérios sociais como grau de escolaridade, faixa etária, gênero, comunidades de fala. No entanto, em discussões posteriores à aplicação do questionário, declararam que recebem mais influências no jeito de falar das redes sociais que interagem em seu cotidiano e dos amigos do que de seus familiares.

Apesar da grande influência das redes sociais na vida desses alunos, percebemos com os dados abaixo, que há uma identificação com seus pares, que consideram o seu jeito de falar igual aos dos outros adolescentes de sua escola, em torno de 60,9%, acreditam que sim.

Gráfico 18: Pergunta 12 do questionário de crenças e atitudes linguísticas

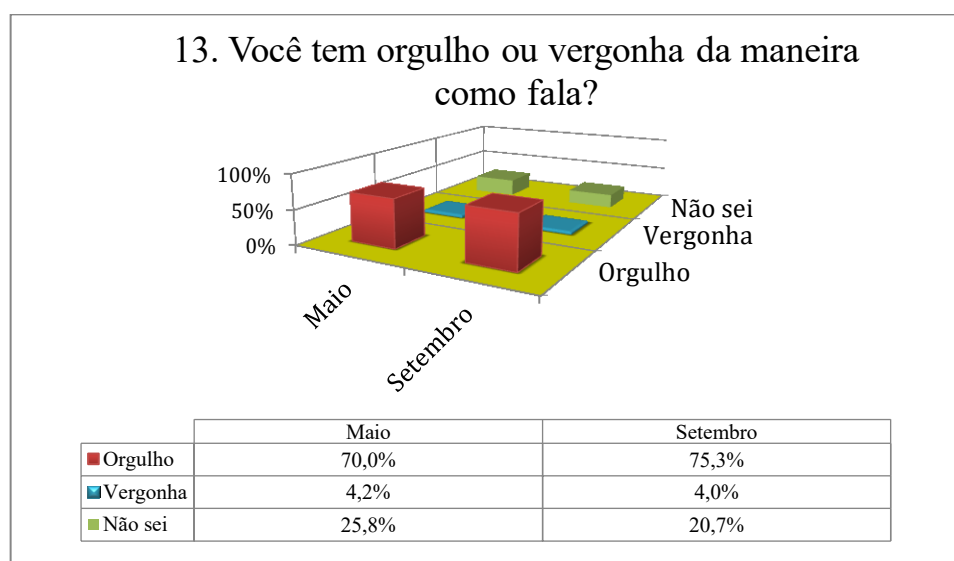


Fonte: Autoria própria

Isso demonstra a necessidade que os alunos têm de pertencer a um determinado grupo. Nos dois questionários aplicados percebemos que não houve muita variação, que continuam identificando sua fala com a do grupo que têm maior proximidade. Sendo a linguagem uma característica que identifica determinados grupos, percebemos que esses adolescentes, pelo menos a maioria, busca essa aceitação social se aproximando de seus pares, reforçando assim sua identidade.

A pergunta 13 “Você tem orgulho ou vergonha da maneira como fala?” demonstra pelos dados alcançados abaixo, que apesar, do pequeno percentual de aumento, há ainda aquela parcela (20,7%) que não souberam opinar, ou seja, ainda não conscientizaram de que são falantes legítimos de uma língua que se constitui heterogênea.

Gráfico 19: Pergunta 13 do questionário de crenças e atitudes linguísticas

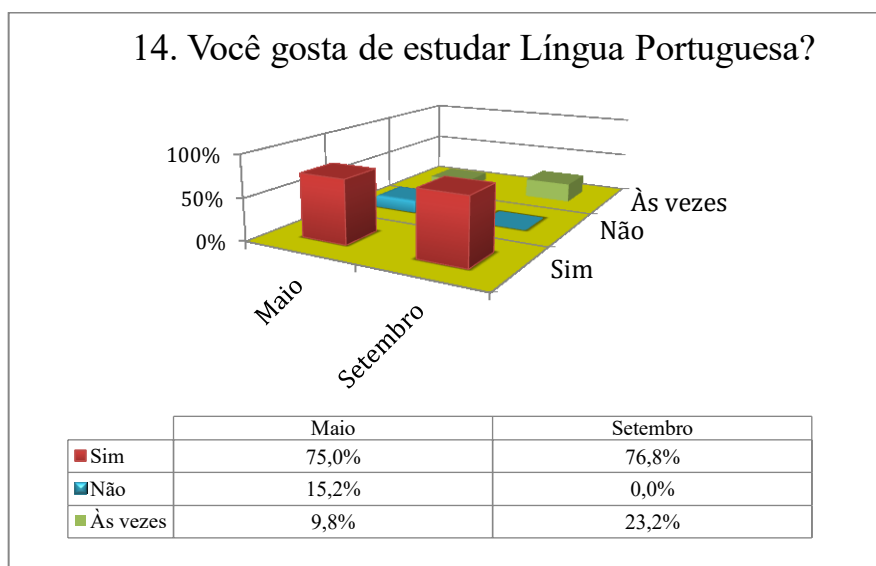


Fonte: Autoria própria

É importante salientarmos que apesar do pequeno aumento percentual (pouco mais de 5%), isso foi significativo tendo em vista o curto período de tempo da intervenção. O número daqueles que tinham vergonha de sua fala permanece praticamente o mesmo, não melhorou nem piorou. E em relação àqueles que não sabiam opinar também houve um pequeno decréscimo. No entanto, esses dados nos revelam a importância de refletir sobre a língua em uso, mesmo que para isso, precisamos tirar nossos alunos de sua zona de conforto. Se antes (conforme a fala de alguns alunos) não haviam sequer refletido sobre ter orgulho ou vergonha da sua fala, agora já estão pensando sobre isso, e provavelmente, com a continuidade de um ensino pautado pelos pressupostos da sociolinguística teríamos uma melhora ainda bem mais significativa nesses dados. Vemos aqui, uma grande oportunidade de um trabalho em que esses alunos possam estar inseridos em ambientes de aprendizagem onde possam (re)conhecer as diversas possibilidades de uso da língua materna, ampliando assim, sua competência comunicativa para adequar sua fala aos diversos contextos. Por meio de conversas informais com os alunos, após a aplicação do último questionário, percebemos que apesar da grande porcentagem de alunos terem orgulho da língua que falam, relataram que muitas vezes, não sabem o que dizer, nem como dizer diante de situações mais formais e isso os inibe. Provavelmente, esse é o motivo dos mais de 20% que não souberam/quiseram opinar.

O próximo gráfico se refere à pergunta de nº 14 “Você gosta de estudar Língua Portuguesa?”. Pelos dados apresentados, percebemos que a maioria respondeu afirmativamente a essa pergunta, como podemos constatar no gráfico abaixo.

Gráfico 20: Pergunta 14 do questionário de crenças e atitudes linguísticas



Fonte: Autoria própria

Vimos que houve um aumento bem tímido no nº de alunos que responderam que gostavam de estudar Língua Portuguesa, mas se analisarmos a porcentagem daqueles que não gostavam (15,2%) na 1ª aplicação do questionário, podemos verificar que, com a intervenção, nenhum aluno declarou não gostar (0,0%). No entanto, aqueles que responderam “às vezes” aumentou 13,4%. De acordo com as discussões posteriores à aplicação, alegaram que responderam “às vezes”, porque da forma tradicional, “só com o livro e o caderno” não gostavam, mas desse jeito diferente passaram a gostar.

Temos consciência do árduo trabalho que ainda temos pela frente em relação à prática de um ensino permeado pelos pressupostos da Sociolinguística, mas corroboramos com as afirmações de Barbosa, que a substituição do atual modelo de ensino, distante da realidade dos alunos, por um

modelo mais moderno, democrático e atento à diversidade sociocultural e linguística do Brasil será lento, sobretudo porque romper com a tradição causa resistência a muitos segmentos da sociedade. Entretanto, temos de fazer deste momento, em que, ao que parece, os tempos da sociolinguística em sala de aula são chegados, a oportunidade de transcender às discussões teóricas já iniciadas há décadas e levar para sala de aula práticas de ensino-aprendizagem sintonizadas com estas teorias e já sugeridas, por exemplo, em documentos oficiais, como os Parâmetros Curriculares Nacionais, publicados no final da década de 1990. (BARBOSA et al, 2016)

Ilustrando nossas considerações, transcrevemos as respostas de alguns alunos, nas justificativas:

A24: “Sim, aprendo coisas diferentes, formas de falar diferentes, vários significados para uma só palavra etc”.

A16: “porque tem algumas coisas que são legais”.

A22: “por que é muito bom aprender sobre as coisas a agente não sabia que existia”.

A13: “porque eu gosto de vídeo, de internet... do outro jeito é chato”.

A26: “é chato... muito chato...porque não gosto de ficar copiando muito trem”.

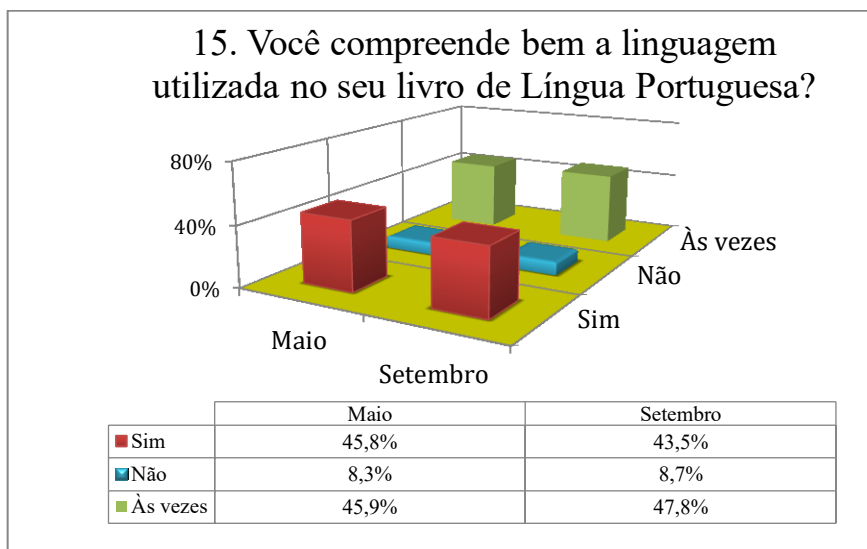
A23: “Porque a gente tem que aprender a Língua Portuguesa melhora a nossa leitura, ajuda a gente escrever melhor e mais outras coisas que a Língua Portuguesa ajuda. Ela ajuda muito mesmo na sua vida”.

A11: “Porque cada vez que a gente estuda, mais aprendemos o nosso português”.

Muitas vezes, os alunos dizem não gostar de estudar Língua Portuguesa porque o que estão estudando não é significativo para eles, é “chato” (como costumam dizer). Cabe ao professor, contribuir com um ensino menos “chato”, que proporcione a esses alunos um contato com a língua materna de forma mais rica, que não tenta descartar o que ele já sabe como falante, mas que acrescente experiências que enriqueçam o seu domínio da língua materna.

O gráfico 21 apresenta os dados coletados da seguinte pergunta: “Você compreende bem a linguagem utilizada no seu livro de Língua Portuguesa?” Percebemos pelos dados abaixo que quase a metade dos alunos disseram que compreendem (43,5%).

Gráfico 21: Pergunta 15 do questionário de crenças e atitudes linguísticas



Fonte: Autoria própria

Como podemos observar, não houve grandes alterações nos resultados apresentados nos dois questionários. É preocupante que o material disponível aos alunos seja visto dessa forma, ou seja, somente a metade dos alunos compreendem bem a língua utilizada no livro didático, enquanto que quase 10% dos alunos dizem não compreender, enquanto outra metade “às vezes” entende, “às vezes” não entende. Como esses alunos vão gostar de aprender Língua Portuguesa se o único material disponível, que é o livro didático, não conseguem entender? Pelos comentários dos alunos, percebemos isso:

A8: “eles falam muitos sinônimos que eu nunca ouvi falar na minha vida”.

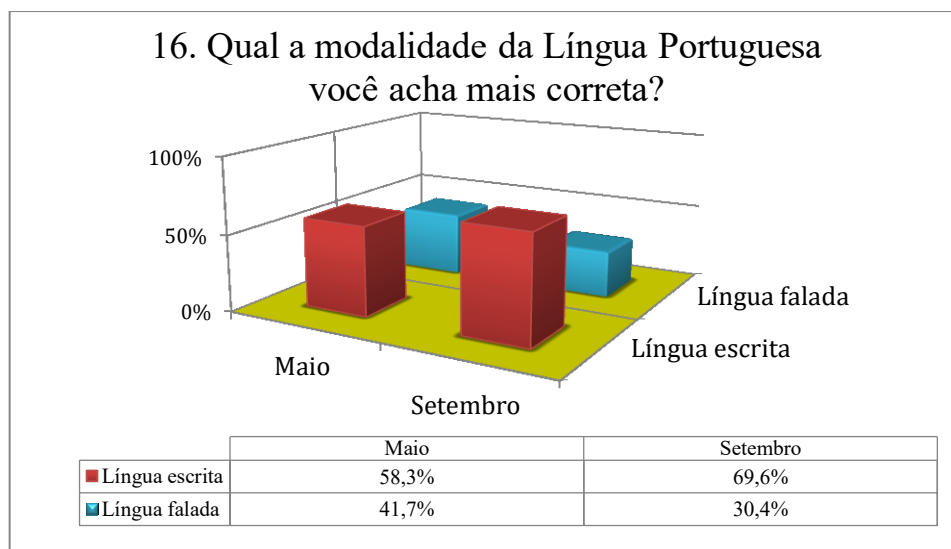
A13: “as palavras são formais”.

A7: “Porque tem vezes que eu não entendo o que o livro está indicando”.

Percebemos, portanto, a necessidade de abordar, em sala de aula, todas as variedades da língua, não só a variedade culta, trazendo assim, o ensino da Língua Portuguesa para mais perto de seus legítimos falantes.

Podemos perceber, de uma forma inquietante, que o velho mito de que a língua escrita é a ideal, a mais “correta” continua sendo a crença da maioria de nossos alunos, refletindo assim, um preconceito sobre a língua falada., como podemos verificar nos dados abaixo.

Gráfico 22: Pergunta 16 do questionário de crenças e atitudes linguísticas



Fonte: Autoria própria

Apesar dos esforços para introduzir um ensino linguístico mais heterogêneo, que não priorize esta modalidade em detrimento de outra, percebemos que o tempo não foi suficiente para desconstruir a crença de “certo e errado” no uso da língua.

Elencamos abaixo, as justificativas dos alunos registradas no questionário. Os alunos que registraram que acham mais correta a língua falada:

A6: “porque nois fala”.

A11: “Porque na minha opinião a gente mais fala do que escreve”.

A12: “Porque tenho diviculdade de escrever”.

Os alunos que opinaram ser a língua escrita a mais correta:

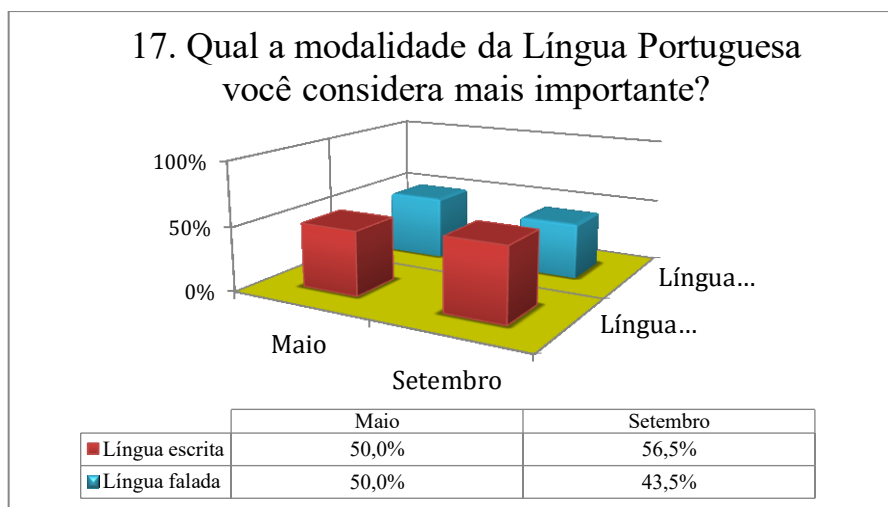
A20: “porque na fala agente fala de qualquer jeito agora na escrita não”.

A23: “Porque na fala, a gente fala um pouco errado. E na escrita a gente escreve as palavras mais certa”.

Podemos averiguar, com bastante clareza, a dicotomia entre língua escrita X língua falada, destacando o falso mito de que a língua falada representa o caos, a falta de regras, sem “organização gramatical” e que “só a escrita tem gramática”. (BAGNO, 2013, p. 88).

Da mesma forma, que mencionamos anteriormente, podemos perceber a falácia entre fala e escrita nos dados coletados do gráfico 23 abaixo.

Gráfico 23: Pergunta 17 do questionário de crenças e atitudes linguísticas



Fonte: Autoria própria

Analisando todos esses gráficos, até agora, podemos pensar naquele ditado que diz “Água mole em pedra dura tanto bate até que fura”, pois é exatamente assim que uma crença negativa será desarraigada de nossos alunos. Observando esses dados e reiterando o que mencionamos na análise anterior, percebemos o quanto a língua falada e a escrita ainda são vistas de forma opostas, em que a língua falada é menos importante, lugar de caos, sem regras, enquanto que a língua escrita representa o que é certo, o melhor, regido por regras, mais organizado e planejado. Além do mais, consideram que, por meio da aprendizagem da língua escrita, terão a oportunidade de progressão social, podemos perceber isso na justificativa dos alunos ao escolher a língua que é mais importante: falada ou escrita. Selecionamos alguns comentários dos alunos que consideram a língua escrita mais importante:

A8: “por que a maioria das pessoas tem que fazer o enem se quiser algo na vida e nele tem que fazer uma redação”.

A11: “Porque não acho que escrever seja fácil, então acho mais importante”.

A17: “porque tem que escrever certo em cartaz e livro e etc”.

Os comentários abaixo se referem aos alunos que consideram a língua falada mais importante:

A13: “porque a falada você fala todo o dia”.

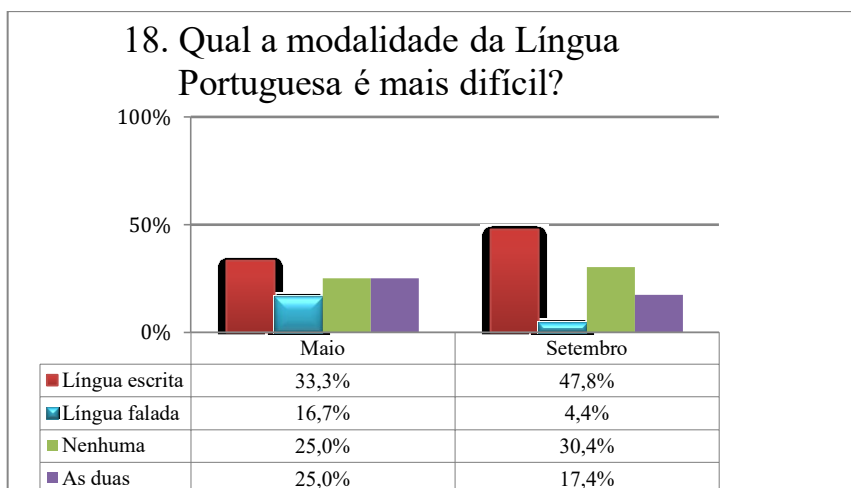
A20: “porque agente fala do jeito que quiser”.

A23: “Porque a gente tem que falar as coisas mais certas com a língua formal para falar com as pessoas direito”.

Todas essas informações coletadas, tanto os dados do gráfico quanto os comentários, nos levam a perceber que o ensino da Língua Portuguesa precisa estar vinculado ao uso real e, portanto, heterogêneo da língua.

Os dados coletados da pergunta nº 18 “Qual a modalidade da Língua Portuguesa é mais difícil?” nos remete também, a uma visão de língua escrita idealizada pelo senso comum.

Gráfico 24: Pergunta 18 do questionário de crenças e atitudes linguísticas



Fonte: Autoria própria

Este é um dado bastante interessante, pois entrelaçando com outros gráficos, percebemos que, apesar dos alunos pesquisados considerarem a língua escrita mais difícil (gráfico 18), a consideram também mais importante (gráfico 17) e também a mais correta (gráfico 16), revelando aqui o quanto o trabalho do professor, não só de Língua Portuguesa, precisa ser planejado de forma a atribuir mais valor à modalidade oral da língua, que raramente é trabalhada na escola de forma mais efetiva.

Mesmo considerando a língua escrita mais difícil, os alunos pesquisados entendem a necessidade de estudar a Língua Portuguesa, como podemos verificar no gráfico 22, mais adiante. Isso demonstra o valor atribuído à língua escrita em detrimento à língua falada, como podemos perceber em algumas justificativas dos alunos sobre a escolha da modalidade escrita, como a mais difícil da língua:

A12: “Porque tem muitas regras”.

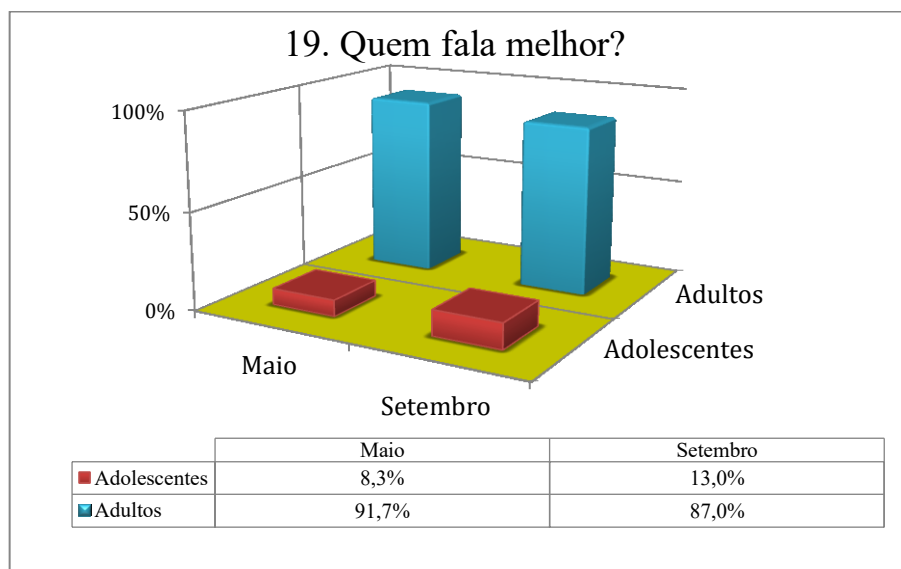
A13: “porque você tem que escrever formalmente”.

A22: “porque agente e acostumado a usar mais a língua falada”.

Em relação a isso podemos reafirmar que há uma falsa crença, permeada de mitos e superstições, de que a língua escrita é mais difícil porque possui regras, está atrelada à gramática, enquanto que na língua falada, como já foi mencionado, não há regras.

Em relação à variação social, percebemos, conforme dados do gráfico 25 abaixo, que ainda permanece a crença negativa relacionada às variedades linguísticas.

Gráfico 25: Pergunta 19 do questionário de crenças e atitudes linguísticas



Fonte: Autoria própria

Considerando todo o trabalho que foi feito sobre a variação social, percebemos que houve uma pequena conscientização sobre a questão do pior/melhor em relação à fala dos adolescentes x adultos. Considerando que são variedades diferentes da língua, cada um com seu respectivo valor, no entanto, o resultado acima demonstra ainda o preconceito impregnado de que “gírias”, “internetês” por exemplo, representam o “caos” na língua, como podemos verificar nas justificativas dos alunos:

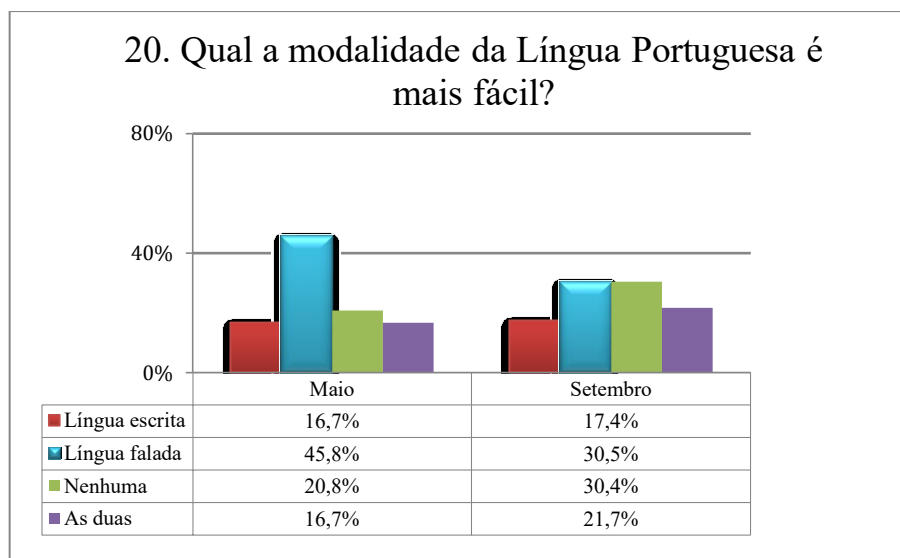
A10: “Os adolescentes falam muitas gírias”.

A11: “Porque eles já estudaram, então alguns sabem mais coisas”.

Por esses dados podemos verificar que há uma crença negativa de que a variedade linguística que mais se aproxima da norma culta é a ideal, desconsiderando assim, o valor de todas as variedades linguísticas em uso.

A pergunta abaixo, de certa forma já foi contemplada no gráfico 24, mas optamos por incluí-la também, aqui no *corpus* do texto.

Gráfico 26: Pergunta 20 do questionário de crenças e atitudes linguísticas



Fonte: Autoria própria

Como podemos perceber, analisando os dois gráficos relativos a maio e setembro, a língua falada teve uma queda de 15,3% enquanto a língua escrita permaneceu praticamente da mesma forma. Verificamos com isso, que se antes da aplicação da intervenção 45,8% dos alunos consideravam que a língua falada era mais fácil, após a intervenção entenderam que a “língua falada também tem suas regras”, como foi mencionado por um dos alunos e está sujeita às mesmas regras da Língua Portuguesa, de acordo com o grau de monitoramento necessário para cada situação de comunicação.

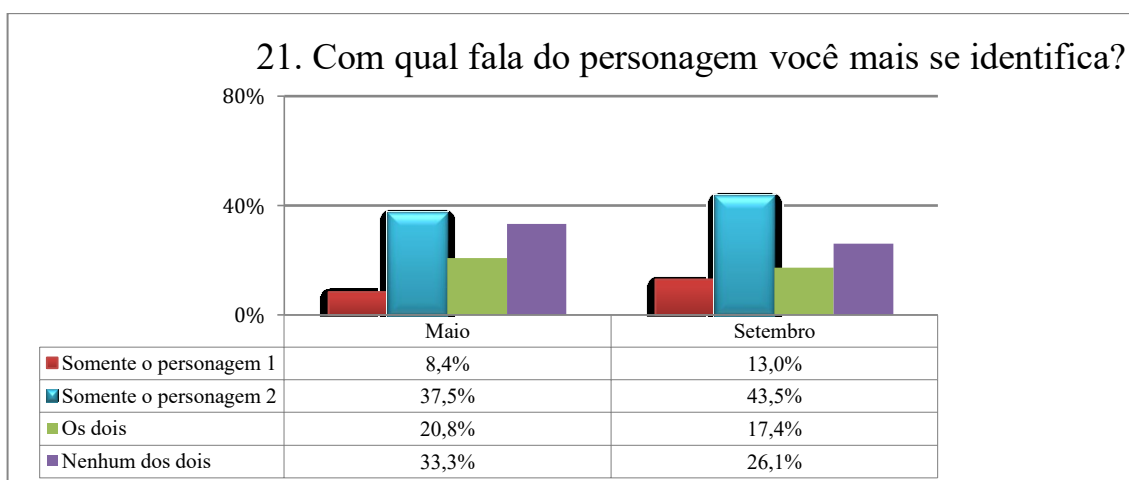
A figura 04 abaixo se refere ao enunciado da pergunta 21 “Com qual fala do personagem você mais se identifica?”

Figura 04: Referente à pergunta 21 do questionário de crenças e atitudes linguísticas



Fonte: Imagens Google

Gráfico 27: Pergunta 21 do questionário de crenças e atitudes linguísticas



Fonte: Autoria própria

Analisando os dados obtidos nas duas aplicações, podemos perceber que os alunos reconhecem a questão da variação regional da língua e que percebem ser a fala do personagem 2 (nordestino) mais próxima de sua realidade como falante. Ao perguntar sobre essa questão, os alunos reconheceram que falam dessa forma, em seu cotidiano: “memo, ingraçado, home, mulhé, nós”, ou seja, sua fala é mais próxima daquela usada pelo nordestino, considerada menos monitorada, do que com a do gaúcho, considerada mais monitorada.

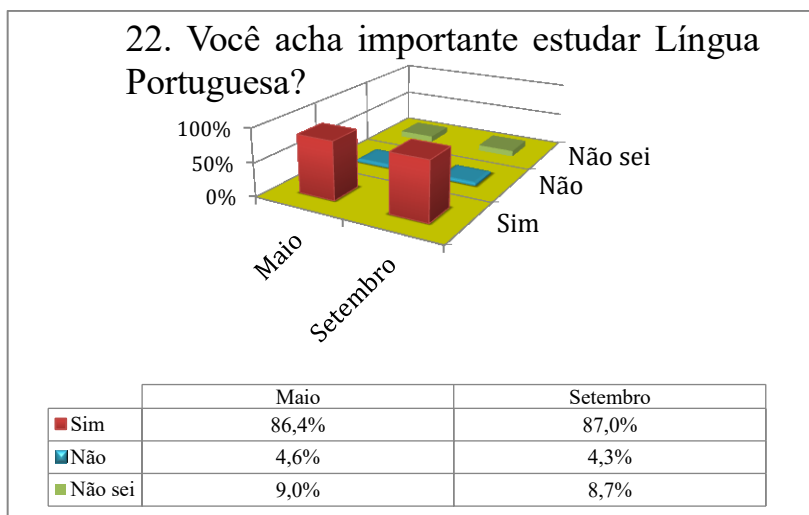
Ao longo das discussões promovidas no decorrer da aplicação das atividades de intervenção verificamos que os alunos estavam associando o estudo da Língua Portuguesa à aprendizagem da ortografia, das regras gramaticais, da nomenclatura, sempre numa abordagem da noção de “certo ou errado”. Isso podemos verificar por meio dos dados coletados no gráfico 28 abaixo em resposta à pergunta “Você acha importante estudar Língua Portuguesa?”

Figura 05: Referente à pergunta 22 do questionário de crenças e atitudes linguísticas



Fonte: Imagens Google

Gráfico 28: Pergunta 22 do questionário de crenças e atitudes linguísticas



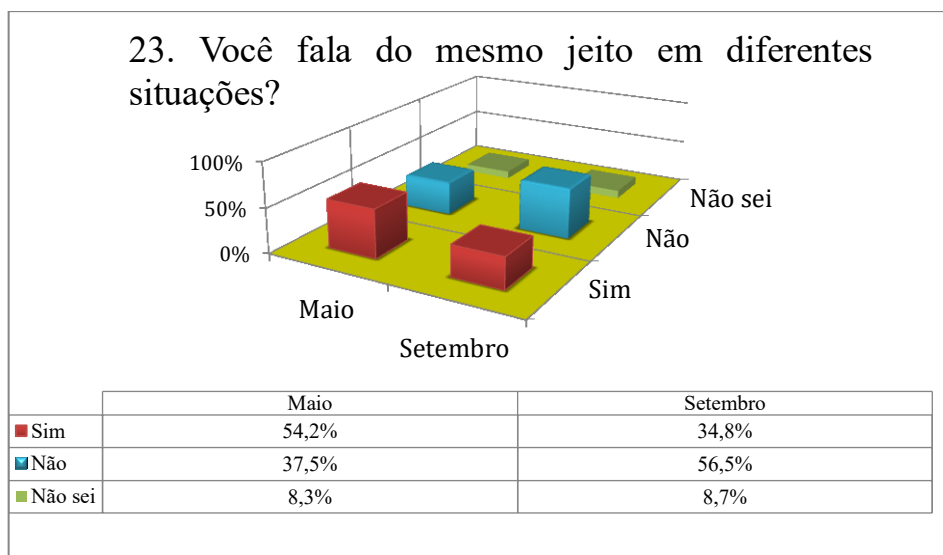
Fonte: Autoria própria

Apesar de considerarem o estudo da Língua Portuguesa difícil, principalmente a modalidade escrita, continuam achando importante esse estudo, principalmente, como já vimos anteriormente, pela possibilidade de ascensão social. Isso nos demonstra que o professor deve investir num trabalho que contribua para a ampliação da competência linguística dos alunos e não só percebem a necessidade de estudar a língua, mas possam ter prazer nessa aprendizagem e, isso, só será possível, com um ensino de Língua Portuguesa

reflexivo e de forma efetiva no decorrer de todo o ano letivo. Além disso, percebemos que a utilização dos recursos digitais atraem a atenção dos alunos para a aprendizagem.

A pergunta 23 elaborada no questionário “Você fala do mesmo jeito em diferentes situações?” foi elaborada para verificar se os alunos consideravam os graus de monitoramento da variação estilística.

Gráfico 29: Pergunta 23 do questionário de crenças e atitudes linguísticas



Fonte: Autoria própria

Pelos dados coletados, nos dois momentos da aplicação, verificamos que houve bastante conscientização de que “não existe falante de estilo único”, que é um dos postulados da Sociolinguística, como nos adverte Bagno:

Mesmo uma pessoa plenamente analfabeta dispõe de recursos linguísticos e de competência comunicativa para monitorar sua fala de acordo com o grau de maior ou menor formalidade que detecta nos eventos de interação verbal em que se engaja (BAGNO, 2013, p. 79).

Percebemos, por meio desses resultados apresentados que os alunos estão adquirindo uma consciência maior da variação estilística e da necessidade de adequar a fala de acordo com o contexto de uso. O primeiro questionário aplicado em maio, 54,2% dos alunos responderam que falavam do mesmo jeito em situações diferentes, em contrapartida, na aplicação do segundo questionário, em setembro, apenas 34,8% responderam sim, ou seja, houve uma melhora de quase 20% sobre essa consciência da adequação linguística. Este foi um dos aspectos da proposta de intervenção com resultados bastante positivos, como podemos averiguar também, nas respostas dos alunos transcritas do segundo questionário:

A10: “Porque as vezes você tem que falar uma linguagem formal”.

A15: “porque as situações são diferentes”.

A23: "Porque a gente tem que falar diferente, porque algumas pessoas não entendem o que a gente fala".

A16: "porque eu estou com pessoas diferentes".

A11: "Porque quando eu falo com os meus amigos é diferente da forma que eu falo com um professor".

Entendemos que o processo de desconstrução de um mito arraigado por anos é lento e não se consolida de um dia para outro, mas precisa ser trabalhado de forma recorrente com nossos alunos.

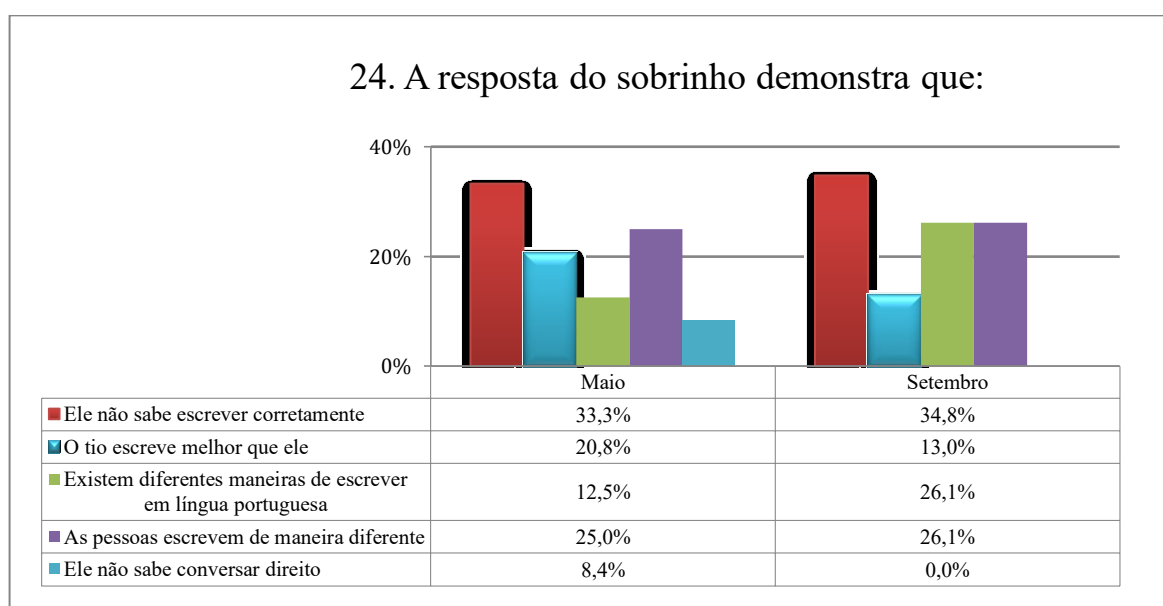
O gráfico 30 referente à pergunta 24 do questionário, expõe uma progressão no nível de reflexão dos alunos participantes da pesquisa.

Figura 06: Referente à pergunta 24 do questionário de crenças e atitudes linguísticas



Fonte: Imagens Google

Gráfico 30: Pergunta 24 do questionário de crenças e atitudes linguísticas

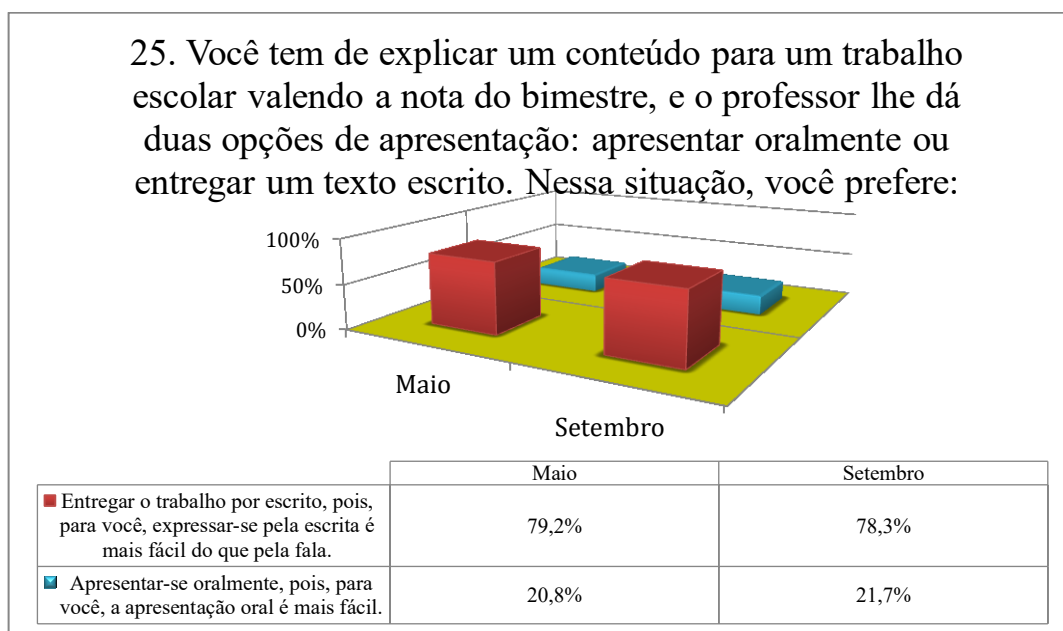


Fonte: Autoria própria

Ao observarmos esses dados, percebemos que houve uma melhora significativa em relação a opinião dos alunos que, inicialmente, responderam que o jovem não sabia conversar direito (de 8,4% caiu para 0%). Isso demonstra que, em relação à fala, nos parece que os alunos estão começando a refletir sobre a heterogeneidade da língua, principalmente no contexto da variação social. Em relação à escrita, apesar de reconhecerem que existem diferentes maneiras de escrever na Língua Portuguesa (de 12,5% para 26,1%), ainda permanece a crença do “certo x errado”, ignorando a variação estilística da língua. Neste caso algumas características precisam ser levadas em consideração - o ambiente, a situação de comunicação pela internet, a familiaridades dos interlocutores - podemos utilizar uma linguagem menos monitorada. As respostas esperadas seriam que “existem diferentes maneiras de escrever em Língua Portuguesa” e “as pessoas escrevem de maneira diferente”. No segundo momento da aplicação, para a alternativa “Ele não sabe conversar direito”, não houve nenhum percentual, revelando que os alunos estão gradativamente, apesar de alguns percalços, reconhecendo que a Língua Portuguesa é usada de diferentes maneiras dependendo da situação.

O próximo gráfico demonstra a dificuldade que os alunos ainda têm com a sua fala em público.

Gráfico 31: Pergunta 25 do questionário de crenças e atitudes linguísticas



Fonte: Autoria própria

Percebemos nessa análise e também pela observação em sala de aula que os alunos preferem apresentar um trabalho escrito em detrimento de um trabalho oral, isso demonstra que os alunos, apesar de terem mais dificuldade na modalidade escrita - como pode ser visto

nos gráficos anteriores - ainda assim, preferem essa modalidade. Partindo das percepções durante a realização das atividades foi possível depreendermos que os alunos ainda possuem uma baixa autoestima linguística e possuem crenças bastante negativas em relação à sua fala (conforme gráfico 2 “Você fala bem?”, em que a quantidade de alunos que achavam que falavam bem permaneceu quase a mesma: 83,3% para 85,2%).⁸³

Apesar do número bem expressivo de alunos que acham que falam bem, há que salientar que quando precisam usar a língua num contexto mais monitorado, se sentem muito inseguros. Isso demonstra a necessidade de um trabalho mais contínuo com esses alunos em relação ao oral mais formal e ao uso da língua como uma das características de sua identidade.

Em relação ao último gráfico, que aborda o preconceito linguístico, houve uma discreta mudança entre as duas aplicações do questionário, como podemos analisar pelos dados abaixo, mas ainda requer melhoria mais significativa.

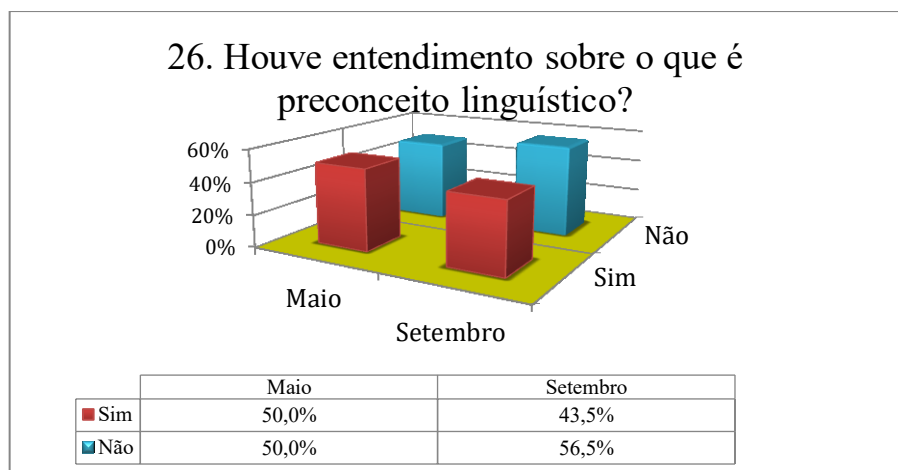
Figura 07: Referente à pergunta 26 do questionário de crenças e atitudes linguísticas



Fonte: Imagens Google

⁸³ Observando as discussões posteriores à aplicação do 2º questionário, foi possível constatar que os alunos estavam mais preocupados com sua fala e em decorrência disso, consideraram que não estavam conseguindo adequá-la às diversas situações de comunicação. Tanto o trabalho com a língua oral quanto escrita se configura num aprendizado contínuo, que precisa ser efetivo em sala de aula, para conseguir ampliar as habilidades dos alunos no uso da língua em contextos mais monitorados.

Gráfico 32: Pergunta 26 do questionário de crenças e atitudes linguísticas



Fonte: Autoria própria

Analisando os dados acima, temos ainda mais convicção da necessidade de desconstruir em nossos alunos essas crenças equivocadas que envolvem o aprendizado da língua materna e desenvolver propostas que levem à reflexão para combater o preconceito linguístico. Ilustramos esta análise com a justificativa apresentada por alguns alunos no questionário proposto:

A8: “por que o personagem fez o que ele pediu para não fazer”.

A20: “porque ele mesmo fez preconceito”.

Entendemos, após a análise desses dados e pelos comentários efetuados que os alunos participantes dessa pesquisa tiveram a oportunidade de ampliar seu conhecimento linguístico e muitos, apesar do pouco tempo de intervenção, aproveitaram bem a aprendizagem, enquanto outros, ainda precisarão de um tempo maior para absorver o que foi trabalhado de forma a trazer para a sua realidade os conceitos adquiridos, modificando suas crenças e atitudes em relação à língua em uso.

A seguir, na subseção 5.1.6, faremos uma análise geral dos resultados alcançados após a proposta de intervenção, destacando pontos que julgamos mais relevantes, tanto positivos quanto negativos, para que sirvam de subsídio para outros professores-pesquisadores.

5.1.6 Análise geral dos resultados

Esta proposta de intervenção tendo como aporte a tecnologia digital já estava idealizada muito antes do Mestrado, mas ao iniciar as disciplinas obrigatórias do curso e em cada texto e fala dos professores havia um incentivo para que os recursos das novas

tecnologias fossem utilizados em sala de aula, então pude ter certeza que estava no caminho certo. Acredito que o potencial dos professores pode ser ampliado se tiverem como ferramentas pedagógicas não só o pincel, a lousa e o livro didático, mas todas essas ferramentas digitais que estão aí ao alcance de uma grande parcela da população.

Esta pesquisa foi elaborada na perspectiva da prática dos pressupostos sociolinguísticos, visando ser um aporte para o professor, principalmente de Língua Portuguesa, para que possa aplicar as atividades propostas no Edublog “O Português nosso de cada dia”, de forma a (re)pensar as crenças e atitudes linguísticas do seus alunos, auxiliando-os em seu desenvolvimento linguístico e social.

Os alunos participantes da pesquisa tiveram a oportunidade de apropriarem de conceitos que até então, desconheciam, apesar do curto período de tempo⁸⁴ destinado à aplicação da proposta percebemos na fala dos alunos a utilização desses termos como “mais ou menos formal”, “mais ou menos monitorado” e “mais ou menos adequado”, “preconceito linguístico”, “variação linguística”, dentre outros. Entendemos que houve um despertar para a valorização da língua(gem) em toda a sua heterogeneidade, mesmo que alguns ainda não conseguiram verbalizar isso, mas que aos poucos os (pre)conceitos impregnados de “certo x errado” estarão sob à luz de um ensino e aprendizagem mais reflexivo. Aos poucos, percebemos que muitos alunos estavam mais convictos de que não existe uma só maneira “certa” de falar/escrever como prescreve as gramáticas normativas, mas ainda pudemos verificar que há uma crença negativa arraigada em relação à variedade estigmatizada da língua.

Consideramos que há uma necessidade de refletir sobre a língua(gem) em uso, abordando todos os aspectos falados/ escritos/ mais e menos formais que é imprescindível abordar com nossos alunos o tempo todo. Enfim, deixar claro para eles que não usamos a língua de uma mesma forma o tempo todo, como observa Faraco quando diz que todo falante da língua é um “camaleão linguístico”, pois “todos os falantes dominam e empregam diversos registros em suas interações nos múltiplos âmbitos da vida social” (FARACO, 2017, p.201).

Acreditamos também, que a contribuição desta proposta, vai além de uma única sala de aula, pois o intuito ao elaborar um blog educativo ou como é mais conhecido “Edublog”, voltado ao ensino da variação linguística deverá alcançar muitos professores e,

⁸⁴ Destacamos que nossa pesquisa foi realizada no âmbito do Profletras, o qual prevê o término de todas as atividades relacionadas ao mestrado em um período de 24 meses. Sendo assim, tivemos que adaptar nossa proposta de intervenção para cumprir com as exigências previstas para a conclusão do mestrado dentro do menor prazo possível estipulado.

consequentemente um maior número possível de alunos. Corroborando com as orientações dos PCN, cremos que nós, os professores, primeiramente, precisamos nos livrar de alguns mitos impregnados de preconceito linguístico que muitas vezes, por desconhecimento, acabamos reproduzindo em sala de aula. Assim, acreditamos que as atividades elaboradas e disponibilizadas no Edublog possam cooperar para um ensino que valorize a heterogeneidade linguística, evitando crenças e atitudes que produzem uma

[...] prática de mutilação cultural que, além de desvalorizar a forma de falar do aluno, tratando sua comunidade como se fosse formada por incapazes, denota desconhecimento de que a escrita de uma língua não corresponde inteiramente a nenhum de seus dialetos, por mais prestígio que um deles tenha em um dado momento histórico (BRASIL, 1998, p.26).

Esperamos, portanto, que as considerações apresentadas com essa intervenção e análise dos dados possam chegar aos diversos espaços escolares e cumprir com o objetivo para o qual foi criado: ser uma centelha de luz para o professor em seu árduo, mas também prazeroso trabalho de ser um instrumento para ampliar as habilidades da língua em uso de seus alunos.

Ao finalizarmos a análise dos dados coletados, não podemos deixar de mencionar alguns aspectos que foram desfavoráveis à execução da proposta de intervenção, dentre eles podemos citar: computadores com problemas nos periféricos como mouse, teclado, etc, internet com problemas de conexão ou lenta, caixa de som com problemas de ruídos e por isso, foi preciso retornar com o mesmo vídeo numa aula posterior, a falta de professores na escola interferindo no andamento das atividades normais e no uso do Laboratório de Informática, a falta de frequência de alguns alunos interferindo nas atividades programadas. Tudo isso gerou dificuldades que foi preciso contornar para dar início às atividades e prosseguir em alguns momentos para não interferir no êxito da aplicação da proposta. O Edublog foi elaborado para ser acessado pelos *smartphones* dos alunos, mas nesta aplicação de intervenção planejamos o uso do Laboratório de Informática por ser um espaço já equipado com computadores e demais recursos que usaríamos, como *Datashow*, caixa de som e também, por ser um espaço mais amplo para a movimentação das cadeiras para a formação de pequenos grupos e para as discussões com toda a turma. Foi importante considerarmos o fato de que nem todos os alunos possuem *smartphones* e que a escola possui normas proibitivas quanto ao uso de celulares pelos alunos em sala de aula⁸⁵ e não teríamos tempo suficiente para agendar reuniões para tratarmos desse aspecto.

⁸⁵ Na escola participante do projeto, os alunos são proibidos de utilizar celulares/ *smartphones* nas aulas. Para realizar a aplicação desta proposta utilizando esses aparelhos, seriam necessárias duas reuniões extras: uma com todo o corpo docente e outra com os responsáveis pelos alunos. Como não tínhamos tempo hábil para isso,

Apesar das dificuldades encontradas, no entanto, os aspectos positivos, foram bastante gratificantes ao percebermos os alunos apropriando de conceitos e adquirindo uma maior capacidade de refletir sobre a língua em uso, demonstrando interesse pela aprendizagem e ampliando seu conhecimento da/na língua materna.

Sendo assim, podemos afirmar que a hipótese foi confirmada, ou seja, um ensino baseado nos pressupostos sociolinguísticos e que têm as ferramentas digitais como suporte, pode colaborar para um aprendizado da língua de forma mais reflexiva. Contudo, avaliamos que mesmo as situações que não tiveram um desempenho tão significativo, do ponto de vista quantitativo, também foram produtivas, pois demonstraram a necessidade de uma (re)educação linguística, com todos os professores, não só de Língua Portuguesa, pois todos trabalham com a língua materna em sala de aula. Sobre isso, podemos perceber no relato de um dos participantes da pesquisa:

A11: “... falam que a gente num aprendeu nada até agora... como passamu de ano? Fala que nós num sabe nem lê ... e muito meno iscrevê...”

Considerando os dados coletados na pergunta 01 – Você escreve bem?- do questionário de crenças e atitudes linguísticas, já mencionado anteriormente, percebemos que na 1ª aplicação do questionário 79,2% dos alunos consideravam que escreviam bem, mas houve uma ligeira redução desse percentual para 75,9%, ou seja, é necessário um investimento maior na autoestima linguística dos alunos, por parte de todos os professores. Percebemos que os alunos ficaram um pouco confusos, visto que nas aulas de Língua Portuguesa houve uma valorização de sua identidade como falantes, no entanto nas demais disciplinas, isso não ocorreu.

Percebemos também a necessidade de um trabalho mais efetivo para desarraigar a crença de que quem é analfabeto ou que tem pouca escolaridade fala errado, como podemos constatar na pergunta nº 04 do questionário de crenças e atitudes linguísticas, em que não houve uma melhora significativa dos resultados alcançados, ou seja, mais da metade dos alunos (65,2%) ainda permanecem na crença de que existe uma forma certa e outra errada de falar, conforme percebemos em grande parte do ambiente escolar e na fala de muitos professores.

Sobre isso, apesar de uma pequena melhora, cerca de 10%, ainda temos metade dos alunos considerando que o professor de Língua Portuguesa deve corrigir a fala dos alunos, de acordo com dados coletados na pergunta de nº 06 do questionário de crenças e atitudes

decidimos que faríamos todo o processo no Laboratório de Informática da escola, mesmo sabendo das possíveis dificuldades ora apresentadas.

linguísticas. Apesar da melhoria na reflexão sobre a heterogeneidade da língua em uso, ainda percebemos na crença arraigada de muitos alunos, o reflexo da fala de muitos professores, de que é preciso “consertar” a fala do aluno.

Diante disso, coadunamos com Bortoni-Ricardo (2005, p.132), quando faz uma distinção entre professores que “atribuem valor muito negativo à variação e outros que a veem como uma característica natural dos alunos, indicadora de sua cultura.” Sob tal perspectiva, (re)afirmamos que os formadores de professores, sejam na formação inicial ou continuada, precisam “falar a mesma língua” quando o assunto é valorizar a heterogeneidade linguística de nossos alunos.

A pergunta 14 do questionário de crenças e atitudes linguísticas – Você gosta de estudar Língua Portuguesa?- nos chamou bastante a atenção pelo fato de que na 1ª aplicação do questionário, 15,2% dos alunos responderam que não gostavam de estudar Língua Portuguesa, no entanto, após o trabalho de intervenção todos que responderam de forma negativa passaram a gostar das aulas, ou pelo menos consideraram que a forma de condução das aulas nesse formato era mais interessante, conforme relatos posteriores. Isso nos demonstra a importância de agregar ao ensino ferramentas que estimulem, que despertem a curiosidade dos alunos para a aprendizagem.

De um modo geral, percebemos que os alunos consideram a modalidade escrita da língua mais difícil (47,8%), mas segundo os dados coletados a consideram mais correta (69,6%) e também a mais importante (56%), refletindo assim, o mito da supremacia da escrita sobre a língua falada, o que precisa ser combatido na escola para ampliar a autoestima de nossos alunos. Os dados também nos revelaram que os alunos têm dificuldade para entender a linguagem do livro didático, menos da metade disseram que conseguem compreender. Isso nos leva a refletir o quanto é necessário um trabalho mais articulado e contínuo sobre as diferentes variedades linguísticas, tanto as mais formais quanto as menos formais, em ambas as modalidades, nas diferentes situações de comunicação.

Percebemos também, que apesar de considerarem a Língua Portuguesa difícil, de acordo com os dados coletados do gráfico 24, referente à pergunta 22 do questionário de crenças e atitudes linguísticas – Você acha importante estudar Língua Portuguesa? - que 87% dos alunos acham importante aprender mais sobre a língua materna, atrelando muitas vezes o ensino mais formal da língua com a ascensão social, como pudemos verificar após a aplicação do questionário, nas falas dos alunos, transcritas abaixo.

A23: “Porque a gente tem que aprender a Língua Portuguesa para melhora a nossa leitura, ajuda a gente escrever melhor e mais outras coisas que a Língua Portuguesa ajuda. Ela ajuda muito mesmo na sua vida”.

A7: “ Quando a gente aprende ... tipo... fica mais fácil até pra conversá com qualquer pessoa, em qualquer lugá...”.

Nesse sentido, vários estudiosos da língua concordam sobre a importância de ampliar o repertório linguístico dos alunos. Dentre eles, corroboramos com Travaglia ao afirmar que para ser um bom usuário da língua precisa saber adequar

os recursos da língua para a construção/constituição de textos apropriados para atingir um objetivo comunicativo dentro de uma situação específica de interação comunicativa, pois o que é adequado para uso em um texto em uma situação pode não o ser em outra situação (TRAVAGLIA, 2011 , p.24).

Analisando a fala do **A23**, percebemos o quanto está atrelado o domínio das variedades mais formais da língua com a suposta ascensão social e, sabemos que, embora isso seja possível, não garante que ocorra. Sabemos que quanto mais os alunos dominarem as variedades linguísticas e, aqui está incluída a variedade mais formal da língua, mais oportunidades terão de mobilidade social, mas não significa que automaticamente esta ascensão social ocorra pelo fato do uso de uma linguagem mais formal.

Como professores, devemos orientar os alunos da importância de ampliar a competência comunicativa, mas isso não significa necessariamente uma ascensão na pirâmide social.

Consideramos bastante enriquecedor, também, os dados coletados na pergunta 23 do questionário de crenças e atitudes linguísticas – Você fala do mesmo jeito em diferentes situações? – em que antes da aplicação da proposta, mais da metade (54,2%) consideravam que sim, no entanto, após a aplicação, apenas 34,8% ainda acreditavam que falamos do mesmo jeito em diferentes situações. Isso demonstra que houve uma melhora de quase 20% sobre essa consciência da adequação linguística de acordo com a situação de comunicação. O que nos revela uma aquisição por parte dos alunos dos aspectos da variação estilística da língua em que percebemos a necessidade de fazer adequações em nossa fala de acordo com a situação de comunicação. Consideramos isso um grande avanço e um grande passo para o uso da língua materna de forma mais consciente pelos alunos. Podemos perceber isso nos argumentos dos alunos, transcritos do questionário aplicado:

A10: “Porque as vezes você tem que falar uma linguagem formal”.

A23: “Porque a gente tem que falar diferente, porque algumas pessoas não entendem o que a gente fala”.

A16: “porque eu estou com pessoas diferentes”.

A11: “Porque quando eu falo com os meus amigos é diferente da forma que eu falo com um professor”.

Buscamos evidenciar aqui que as ações desenvolvidas nesta pesquisa podem proporcionar uma reflexão sobre o ensino de Língua Portuguesa e sobre a prática em sala de aula, mas sobretudo, possibilitar aos demais professores e pesquisadores a elaboração de novas propostas para o ensino de Língua Portuguesa que contemple e enriqueça as reflexões ora aqui apresentadas, principalmente em relação ao uso dos recursos digitais como forma de ampliar o ensino mais produtivo das variedades linguísticas.

Após as análises realizadas, encerramos assim nossa exposição do que foi feito, mas cientes de que há ainda muito que fazer. É um trabalho contínuo, dia após dia, para alcançarmos mudanças no ensino e na aprendizagem da Língua Portuguesa que desconstrua crenças preconceituosas em relação à língua em uso e modifique atitudes que pautem pela valorização de nossa língua materna. Enfim, houve um farol apontando um caminho...

Assim, dedicaremos a próxima seção às considerações finais dessa dissertação.

6- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao abordar um ensino de Língua Portuguesa sob a perspectiva variacionista da língua, reconhecemos a necessidade de abarcar todas as variedades, inclusive a variedade considerada “cultura” da língua, visto que é no ambiente escolar que os alunos terão maior conhecimento dessa variedade para fazer as devidas adequações de uso no decorrer de sua vida, não só escolar, mas profissional e pessoal. No entanto, o diferencial de um ensino de língua reflexivo é uma abordagem que busca valorizar cada variedade dentro de seu contexto, sem que haja uma supervalorização de uma em detrimento das outras ou a tentativa de substituir uma variedade considerada estigmatizada por uma mais prestigiada.

O ensino de Língua Portuguesa que considera a língua atrelada ao social, ou seja, ao seu uso, tem muito mais chance de ampliar o conhecimento do aluno do que o ensino prescritivo de normas gramaticais ensinada de forma descontextualizada, cujo conteúdo é memorizado para fins avaliativos, engessado de (pre)conceitos que mutila, aniquila a língua que o aluno adquire no berço e que representa a sua vivência, a sua identidade, o seu “eu” não

maquiado de aceite social. Muitas vezes, as práticas da e na escola não dão oportunidade para uma efetiva participação dos alunos oriundos das camadas sociais mais estigmatizadas. A escola, no papel do professor, não importa qual seja a disciplina, é de ampliar o leque de possibilidades ao aluno, auxiliando-o a ser um poliglota dentro da própria língua, sabendo fazer as adequações de acordo com contextos mais e/ou menos monitorado. Conseguir isso representa a vitória do ensino de língua que leva à reflexão e que atribua um sentido a este conhecimento. Afinal, um ensino de língua materna só faz sentido se conseguir desenvolver a própria língua em uso do aluno e essa é uma das missões dos estudos sociolinguísticos adentrarem no espaço escolar – (re)orientar a prática vigente para ser mais produtiva - que mostre as diferenças linguísticas, mas que também introduza atividades que levem à reflexão e ao acesso à variedade da norma urbana culta, sem contudo querer padronizar a língua, aleijando-a.

Sabemos que a Sociolinguística pode contribuir, de uma forma ampla, com um ensino mais reflexivo da Língua Portuguesa. Sendo assim, também coadunamos com Bortoni-Ricardo, quando diz que alguns professores, por seu posicionamento natural diante da variação linguística, estão mais aptos

a praticar e permitir que se pratique uma alternância de estilos em sala de aula, de acordo com as características do processo interacional. Estão mais aptos a entender o ensino de estilos monitorados como uma apropriação de recursos e informações que se processa naturalmente, à medida que os alunos amadurecem e vão assimilando conhecimentos na escola (BORTONI-RICARDO, 2005, p.132-133).

Ainda dentro dessa perspectiva, consideramos que a relação entre o ensino e a aprendizagem precisa ocorrer de forma intrínseca entre (língua)gem, educação e sociedade. É por isso, que não podemos conceber um ensino de língua materna isolado da realidade do alunado e também das exigências da sociedade contemporânea, onde informação e conhecimento se propagam de forma assustadora. Dessa forma, podemos ver - cada vez mais dentro desse momento histórico em que vivemos - que a educação precisa ser o elo entre (língua)gem e sociedade e não a ruptura entre os dois eixos dessa engrenagem.

Sendo assim, reafirmamos nossa crença de que o ensino de Língua Portuguesa precisa estar pautado pelos pressupostos da Sociolinguística e permeado pela Pedagogia culturalmente Sensível, conforme abordamos no decorrer desse trabalho. Acreditamos, assim como tantos outros estudiosos, de que as questões apresentadas e/ou discutidas sobre um ensino envolto numa pedagogia da variação linguística precisam ser (re)discutidas com todos os professores em formação inicial e/ou continuada para modificar as práticas em suas salas

de aula por meio da troca de experiências num diálogo mais efetivo entre teoria e prática. É imprescindível a criação de um espaço dentro da educação para debate e reflexão sobre a língua em uso.

Percebemos, na aplicação dessa proposta, a importância de um combate mais efetivo ao preconceito linguístico e, conseqüentemente, das crenças e atitudes negativas que nossos alunos têm em relação à língua materna. Entendemos também, que isso só será possível, quando nós professores, quer de Língua Portuguesa ou não, mudarmos nossas crenças e atitudes em relação à heterogeneidade da língua em uso, porque muitas vezes não percebemos, mas os alunos percebem, de forma muito mais clara do que imaginamos, quando estamos com preconceito em relação à sua forma de falar. As máscaras da hipocrisia precisam cair para que enxerguemos o nosso Português de cada dia como ele realmente é: heterogêneo e dinâmico!

De uma maneira geral, podemos dizer que o objetivo principal desta pesquisa - (re)pensar o ensino de Língua Portuguesa sob um olhar mais consciente acerca da heterogeneidade linguística e das diferentes possibilidades de realização da língua em uso - foi alcançado, visto que os alunos participantes da pesquisa tiveram a oportunidade de verificar/refletir, por meio de vários vídeos, das discussões propostas, das atividades e dos jogos digitais, a característica heterogênea da língua que usamos. Observamos nos comentários de muitos alunos o quanto estavam percebendo aspectos da Língua Portuguesa que até aquele momento nem sabiam que existiam. Tudo isso colaborou para uma maior reflexão – um olhar mais consciente - sobre a nossa língua materna.

Retomando uma das questões de pesquisa que procuramos responder com essa pesquisa - a variação linguística pode ser melhor trabalhada e, conseqüentemente, melhor compreendida pelos alunos se o professor utilizar, para este fim, recursos como imagens, sons, vídeos, hipertextos, jogos em sala de aula? – creio que grande parte dos alunos teve maior interesse em trabalhar as variedades da língua pelo uso dos recursos digitais apresentados. Isso pôde ser verificado, não só pelas respostas dos alunos nos questionários, mas também pela fala nas discussões durante a execução da proposta e as conversas pelos corredores com alunos de outras turmas que não estavam participando da pesquisa. Além do mais, os alunos participantes da pesquisa demonstraram um maior progresso em sua fala e participação nas aulas após a aplicação da proposta.

Como foi possível perceber, com os dados coletados por meio dos questionários e da aplicação da proposta, os alunos possuem crenças e atitudes bastante negativas enquanto falantes da Língua Portuguesa ao entrarem no Ensino Fundamental II e mesmo com um

ensino mais sensível às suas variedades linguísticas ainda não foi possível elevar, de forma mais significativa, a sua autoestima linguística, como colocamos na questão de pesquisa. No entanto, percebemos que houve uma contribuição, mesmo não sendo tão robusta, para que os alunos passassem a falar com menos timidez, conscientes do valor que tem a sua voz dentro do grupo. Consideramos que as reflexões levantadas no decorrer das atividades da proposta de intervenção com os alunos foram salutareas para balizar que há uma lacuna e que esta só será preenchida quando os alunos se perceberem como legítimos falantes de uma das variedades da Língua Portuguesa.

Entendemos que, com esta proposta, os alunos participantes da pesquisa começaram a ampliar a visão que tinham da Língua Portuguesa - homogênea, estática, sem variação - e passaram a (re)pensar a língua em toda sua dimensão, percebendo que a língua é heterogênea e dinâmica. Uma das questões latentes percebidas pelos alunos e recorrentes em suas falas, foi o quanto não sabiam sobre a Língua Portuguesa e estavam aprendendo com a participação nessas atividades. Consideramos assim, que a concepção de língua dos alunos começou a ser modificada e, também ampliada com as atividades elaboradas na intervenção.

Nesse sentido, consideramos a necessidade urgente de substituir – não a língua em uso de nossos alunos – mas a forma de ensinar a língua dos brasileiros aos nossos brasileirinhos e que isso possa começar bem cedo, desde o seu ingresso no contexto escolar para não ser preciso combater crenças e atitudes negativas em relação à sua variedade linguística.

Podemos considerar, portanto, bastante positivo todo o processo de intervenção didática, não só por instaurar um espaço de reflexão sobre a língua em uso, mas sobretudo, por proporcionar aos alunos um novo olhar sobre a heterogeneidade linguística. Assim, consideramos que nosso trabalho foi pertinente ao conciliar a variação linguística e a tecnologia digital numa abordagem reflexiva da Língua Portuguesa no Ensino Fundamental.

Por fim, encerramos esta pesquisa, convictas de que a professora-pesquisadora hoje não é a mesma de antes.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. *Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho*. Parábola, 2007.
- BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola, 2007.
- BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Edições Loyola, 2008.
- BAGNO, Marcos. "Sete erros aos quatro ventos: a variação linguística no ensino de português." *São Paulo: Parábola*, 2013.
- BARBOSA, Juliana Bertucci et al. *Reflexões sobre o ensino de Língua Portuguesa no cenário atual brasileiro*. Revista do SELL, v. 5, n. 1, 2016. <https://doi.org/10.18554/rs.v5i1.1638>
- BELLONI, Maria Luiza. *Educação a Distância*. Campinas: Editora Autores Associados, 2001.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- BORTONI-RICARDO, S.M. *Nós chegemos na escola, e agora?* São Paulo: Parábola, 2005.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris; SOUSA, Maria Alice Fernandes de. *Andaimes e pistas de contextualização: um estudo do processo interacional em uma sala de alfabetização*. Aprendizagem e trabalho pedagógico. Campinas: Alínea, p. 167-179, 2006.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais*. Brasília : MEC/SEF, 1997.126p.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CAMACHO, Roberto G.; CECCANTINI, J. L. C. T.; PEREIRA, R. F. *Norma culta e variedades linguísticas*. Cadernos de formação: Língua Portuguesa, p. 47-60, 2004.
- CYRANKA, L. F. de M. *A pedagogia da variação linguística é possível?*. In ZILLES, A. M. S.; FARACO, C. A. *Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino*. São Paulo: Parábola, 2015.
- CYRANKA, L. F. de M. *Atitudes linguísticas de alunos de escolas públicas de Juiz de Fora*. Dissertação de Mestrado: UFF, 2007.

- CYRANKA, L. F. de M. *Sociolinguística aplicada à educação*. In MOLLICA, M.C; FERRARIZI JÚNIOR, Celso (orgs.). *Sociolinguística, Sociolinguísticas: Uma introdução*. São Paulo: Editora Contexto, 2016.
- DANTAS, Sônia Alves. *Oralidade e letramento no ensino de Língua Portuguesa: uma proposta de trabalho com o gênero relato pessoal*. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015.
- DEMO, Pedro. *Educação: gestão do conhecimento e da aprendizagem*. Belo Horizonte: UNA Editora, 2001.
- DUDENEY, G.; HOCKLY, N.; PEGRUM, M. *Letramentos digitais*. São Paulo: Parábola editorial, 2016.
- ERICKSON, F. *Transformation and School Success*. In: *Anthropology and Education Quarterly*. Vol. 8, n. 4, 1987.
- FARACO, C. A. ; ZILLES, A. M. S.; (Org.) . *Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino*. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2015.
- FERNANDES, Mara Rúbia. *Por um ensino reflexivo e produtivo dos pronomes demonstrativos à luz da sociolinguística educacional*. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018.
- FRASSON, Carla Beatriz. *Crenças linguísticas e a realidade da sala de aula: propostas sociolinguísticas para o ensino de Língua Portuguesa no nono ano do ensino fundamental*. 2016. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2017.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 16 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. *O português da gente: a língua que estudamos: a língua que falamos*. São Paulo: Editora Contexto, 2006.
- LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência: O futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.
- LÉVY, P. *Cibercultura*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999 p. 56.
- MARCUSCHI, L. A. et al. *Fala e escrita*. 1. ed., 1. reimp. — Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- MARCUSCHI, L. Antônio. *Letramento e oralidade no contexto das práticas sociais e eventos comunicativos*. In. SIGNORINI, I.(Org.). *Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento*. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

- MARINE, Talita de Cássia; BARBOSA, Juliana Bertucci. *Em busca de um ensino sociolinguístico de Língua Portuguesa no Brasil*. Signum: Estudos da Linguagem, v. 19, n. 1, p. 185-215, 2016. <https://doi.org/10.5433/2237-4876.2016v19n1p185>
- MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. 12 ed. Campinas: Papirus, 2000. 173p.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. " *O português são dois*"...: novas fronteiras, velhos problemas. São Paulo: Parábola, 2004.
- MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos Tarciso; BEHRENS, Marilda Aparecida. *Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica*. Campinas: Papirus, 2001.
- PALFREY, John; GASSER, Urs. *Nascidos na era digital: entendendo a primeira geração de nativos digitais*. Penso Editora, 2011.
- POSSENTI, Sírio et al. *Reescrita de textos: Sugestões de trabalho*. Trocando em miúdos a teoria e a prática. Linguagem e letramento em foco. São Paulo: Cefiel/IEL/Unicamp e MEC, 2008.
- ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola, 2012.
- SANTOS, Romilda Ferreira. *Variação linguística: trabalhando crenças, atitudes e o livro didático*. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2017.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Doa-se lindos filhotes de poodle: variação linguística, mídia e preconceito*. São Paulo: Parábola, 2005.
- SOARES, Magda. *Letramento: Um tema em três gêneros*. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.
- SOARES, Magda. *Português: uma proposta para o letramento*. Manual do Professor. São Paulo: Moderna (1999).
- THIOLLENT, Michel. *Metodologia da Pesquisa-Ação*. São Paulo: Cortez, 1985.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus*. São Paulo: Cortez, 1996.
- VALLIN, Celso. *Escola, projetos e novas tecnologias*. Disponível em: <http://www.escola2000.org.br/pesquisa/texto/textos_art.aspx?id=69> Acesso em: 13 jun 2016.
- XAVIER, Antônio Carlos. *Inovações na docência: tecnologias no ensino e na pesquisa acadêmica*. Produção Gráfica, 2016.

APÊNDICES

APÊNDICE A

Questionário sobre Tecnologia Digital

Caro aluno(a) do 6º ano,

Você encontrará, a seguir, algumas perguntas sobre Tecnologia Digital. Reflita sobre elas e em seguida, responda-as.

Não se esqueça que em nenhum momento você será identificado.

ATENÇÃO: Você encontrará, em algumas questões, um espaço para que possa comentar, justificar sua resposta ou apenas acrescentar alguma informação, caso julgue necessário.

***Obrigatório**

Dados pessoais *

☐ Masculino

☐ Feminino

Idade:* _____

1. Você possui computador ou smartphone? *

- ☐ Possuo computador
- ☐ Não possuo computador
- ☐ Possuo smartphone
- ☐ Possuo smartphone e computador
- ☐ Não possuo smartphone

2. Se sim, o que mais você utiliza? *

- ☐ pesquisa na internet para trabalhos escolares
- ☐ redes sociais (Facebook, WhatsApp, Instagram, Twitter etc)
- ☐ jogos
- ☐ baixar/ouvir músicas
- ☐ outro

3. Você consegue ficar um dia inteiro sem acessar as redes sociais? *

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Não sei

4. Observe a charge abaixo e responda a questão: *



Você acha que os adolescentes e jovens passam muito tempo jogando/ acessando o computador/ as redes sociais, o whatsapp, etc?*

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ às vezes
- ☐ outro

5. Para você, o tempo que gasta diariamente utilizando a internet (jogando, conversando) é... *

- ☐ pouco (até 2 horas)
- ☐ muito (3 a 5 horas)
- ☐ exagerado (mais de 6 horas)
- ☐ Outro:

6. Você sabe dos problemas em passar muitas horas utilizando essas ferramentas tecnológicas? *



- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Um pouco

☐ Outro: _____

Se sim, escreva pelo menos um desses problemas: * _____

7. Você possui e-mail? *

- ☐ Sim
- ☐ Não

8. Você é cadastrado em alguma rede social? *



- ☐ Sim
- ☐ Não

Se sim, qual(is)? * _____

9. Você sabe o que é cyberbullying (bullying virtual)? *



- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Já ouvi falar

☐ Outro: _____

10. Você já foi vítima do cyberbullying? *

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Nunca fui vítima do cyberbullying, mas conheço quem já sofreu com isso.

11. Você já praticou cyberbullying? *

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Já ajudei alguém a praticar o cyberbullying.

12. A internet é um ambiente virtual seguro? *

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Às vezes
- ☐ Nunca

13. Você gosta de comentar as postagens de colegas na internet (redes sociais)? *

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Às vezes
- ☐ Nunca
- ☐ Outro:

14. Você sabe usar as tecnologias (computador, smartphone, etc) para ampliar seu conhecimento, estudar, aprender coisas novas, para melhorar seu desenvolvimento intelectual? *

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Um pouco
- ☐ Às vezes

Se sim, de que forma? *

Veja essa tirinha:



15. Você costuma jogar no computador/smartphone?*

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Um pouco

Se sim, quais tipos de jogos você mais gosta?*

16. O que você acha de aprender a Língua Portuguesa utilizando internet, ferramentas do computador, celulares/smartphones? *

- ☐ Ruim
- ☐ Bom
- ☐ Muito bom
- ☐ Ótimo
- ☐ Excelente
- ☐ Não sei

17. Você acha que as diversas fontes de pesquisa e informação acessíveis por meio da internet ajudam ou atrapalham na aprendizagem da Língua Portuguesa? *

- ☐ Ajudam
- ☐ Atrapalham
- ☐ Não sei

Por que? *

18. O que você acha do uso do smartphone na escola? *

- ☐ Bom
- ☐ Ruim

- ☐ Deve ser proibido
- ☐ Deve ser liberado
- ☐ Atrapalha
- ☐ Ajuda
- ☐ Não sei

Justifique sua resposta: * _____

19. Você gostaria de participar de uma sala de bate-papo (sala virtual) com a sua turma na aula de Língua Portuguesa? *

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Talvez

Justifique sua resposta: * _____

20. O que você acha de ter um ambiente virtual para praticar a Língua Portuguesa, ampliando seu conhecimento? *

- ☐ Ruim
- ☐ Bom
- ☐ Muito bom
- ☐ Ótimo
- ☐ Excelente
- ☐ Não sei

Justifique sua resposta: * _____

Obrigada por sua colaboração ao responder esse questionário!

APÊNDICE B

Questionário sobre “Crenças e atitudes linguísticas”

Caro aluno(a) do 6º ano,

Você encontrará a seguir algumas questões em que terá duas opções de resposta.

Refleta e decida sobre a opção que melhor representa a sua opinião. Em algumas questões há um espaço destinado para você escrever a explicação de sua resposta.

Não se esqueça que em nenhum momento você será identificado.

***Obrigatório**

Dados pessoais *

☐ Masculino

☐ Feminino

Idade:* _____

01. você escreve bem?*

☐ Sim

☐ Não

02. Você fala bem?*

☐ Sim

☐ Não

03. Quem já aprendeu a ler, consegue escrever qualquer tipo de texto?*

☐ Sim

☐ Não

04. As pessoas analfabetas ou que têm pouca escolaridade, falam errado? *

☐ Sim

☐ Não

05. É preciso ler muito para escrever bem?*

☐ Sim

☐ Não

06. O professor de Português deve corrigir a fala dos alunos?*

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ às vezes

07. Para escrever bem é preciso aprender as regras da gramática? *

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ às vezes

08. Na escola aprende-se a escrever bem?*

- ☐ Sim
- ☐ Não

09. Para você, um bom professor de Português é aquele que fala de acordo com as regras gramaticais*

- ☐ Sim
- ☐ Não

10. Há diferença entre a língua que você fala e a língua ensinada nas aulas de Língua Portuguesa? *

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ às vezes

11. O seu jeito de falar é parecido com o das pessoas com quem você convive no lugar onde mora?*

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ às vezes

12. O seu jeito de falar é igual ao jeito dos seus colegas da escola? *

- ☐ Sim
- ☐ Não

13. Você tem orgulho ou vergonha da maneira como fala?*

- ☐ Orgulho
- ☐ vergonha
- ☐ Não sei

14. Você gosta de estudar Língua Portuguesa? *

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ às vezes

Por que?*

15. Você compreende bem a linguagem utilizada no seu livro de Língua Portuguesa? *

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ às vezes

Por que?*

16. Qual a modalidade da Língua Portuguesa você acha mais correta? *

- ☐ Língua escrita
- ☐ Língua falada

Por que?*

17. Qual a modalidade da Língua Portuguesa você considera mais importante? *

- ☐ Língua escrita
- ☐ Língua falada

Por que?*

18. Qual a modalidade da Língua Portuguesa é mais difícil?*

- ☐ Língua escrita
- ☐ Língua falada
- ☐ Nenhuma
- ☐ As duas

Por que?*

19. Quem fala melhor?*

- ☐ Adolescentes
- ☐ adultos

Por que?*

20. Qual a modalidade da Língua Portuguesa é mais fácil?*

- ☐ Língua escrita
- ☐ Língua falada
- ☐ Nenhuma
- ☐ As duas

Por que?*

21. Observe atentamente o meme abaixo:*



Com qual fala do personagem você mais se identifica?

- ☐ Somente o personagem 1
- ☐ Somente o personagem 2
- ☐ Os dois
- ☐ Nenhum dos dois

22. Leia a tirinha, com atenção:*



Você acha importante estudar Língua Portuguesa?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Não sei

23. Você fala do mesmo jeito em diferentes situações?*

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Não sei

Por que?*

24. Leia a tirinha abaixo e responda:*



Assinale a(s) alternativa(s) que julgar correta.

A resposta do sobrinho demonstra que:

- ☐ Ele não sabe escrever corretamente.
- ☐ O tio escreve melhor que ele.
- ☐ Existem diferentes maneiras de escrever em Língua Portuguesa.

- ☐ As pessoas escrevem de maneira diferente.
- ☐ Ele não sabe conversar direito.

25. Você tem de explicar um conteúdo para um trabalho escolar valendo a nota do bimestre, e o professor lhe dá duas opções de apresentação: apresentar oralmente ou entregar um texto escrito. Nessa situação, você prefere: *

- ☐ Entregar o trabalho por escrito, pois, para você, expressar-se pela escrita é mais fácil do que pela fala.
- ☐ Apresentar-se oralmente, pois, para você, a apresentação oral é mais fácil.

23. Observe atentamente o meme abaixo:*



O 1º personagem faz uma pergunta e recebe explicação do 2º personagem. De acordo com a fala no quadrinho 3, houve entendimento sobre o que é preconceito linguístico?

- ☐ Sim
- ☐ Não

Justifique sua resposta:*

Obrigada por sua colaboração ao responder esse questionário!

Adaptado do questionário elaborado pela professora orientadora Prof.^a Dr.^a Talita de Cássia Marine e pelas orientandas de mestrado: Carla Beatriz Frasson e Romilda Ferreira Santos Vieira.

APÊNDICE C

Manual de orientações para o professor, em formato pdf, disponibilizado no Edublog “O Português nosso de cada dia”.



O PORTUGUÊS NOSSO DE CADA DIA

(Manual de Orientações sobre as atividades)

Área: Língua Portuguesa

Público-alvo: 6º ano (Ensino Fundamental II)

Pesquisadora: Professora Regina Aparecida Ferreira Melo

Orientadora: Professora Doutora Talita de Cássia Marine

**Uberlândia-MG
2019**

Caríssimo(a) Professor(a),

O Edublog “O Português nosso de cada dia” é produto de uma pesquisa realizada para o Programa de Mestrado Profissional em Letras (Profletras) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), situada no estado de Minas Gerais, intitulada **Variação linguística e tecnologia digital: por uma abordagem reflexiva da Língua Portuguesa no Ensino Fundamental**. A pesquisa foi desenvolvida pela Professora Especialista Regina Aparecida Ferreira Melo⁸⁶, sob a orientação da Professora Doutora Talita de Cássia Marine⁸⁷ (UFU).

A elaboração e apresentação deste material na web tem como objetivo possibilitar aos docentes e demais pesquisadores, de uma forma simples e objetiva, uma coletânea de atividades que facilitem o estudo sobre a variação linguística, com enfoque na variação regional, social e principalmente a estilística. Considerando que os alunos, principalmente do 6º ano têm pouco contato, ao estudar a variação da língua, com material em áudio e vídeo sobre o tema, achamos oportuno disponibilizar por meio de um Edublog estes recursos para facilitar e ampliar o conhecimento dos alunos acerca da heterogeneidade da língua e “desconstruir” alguns mitos de que a Língua Portuguesa é difícil e que não sabem Português, tão frequentes entre nossos discentes.

Para facilitar seu trabalho com os alunos, estamos disponibilizando esse pequeno manual com orientações que consideramos relevantes para o desenvolvimento das atividades. Tais orientações se referem também a aspectos observados no decorrer da proposta que poderão nortear melhor sua aplicação. Pensamos na proposta para o 6º ano, mas poderá também ser utilizada - integralmente ou em parte – com as devidas adequações, aos anos anteriores ou posteriores.

Para uma maior compreensão de alguns conceitos ora apresentados, achamos oportuno disponibilizar alguns referenciais teóricos no final deste manual.

Estudiosos e pesquisadores como Coelho (2015), Faraco & Zilles (2017), Bortoni-Ricardo (2005), Bagno (2013), dentre outros, têm discutido sobre os avanços que estão ocorrendo no ensino-aprendizagem da língua, no entanto, o que ainda se observa em sala de aula, na maioria das escolas brasileiras, perpassa uma lacuna entre a teoria e a prática, conforme pesquisas apresentadas no âmbito do Profletras como BARBOSA et al(2016), em

⁸⁶Professora da Rede Municipal de Educação em Uberlândia, no Ensino Fundamental. Currículo completo: <http://lattes.cnpq.br/1206893628421376>

⁸⁷Professora adjunta nível IV do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia (ILEEL-UFU). Currículo completo: <http://lattes.cnpq.br/1206893628421376>.

relação ao trabalho mais reflexivo sobre a língua materna em uso, no caso, a nossa Língua Portuguesa.

Conforme dados coletados em nossa pesquisa e de outras pesquisadoras como Santos (2017) é que a Língua Portuguesa ainda é considerada uma disciplina difícil para a maioria dos nossos alunos. Ainda há um grande preconceito em relação ao uso das variantes linguísticas e isso consideramos bastante recorrente na fala e nas atitudes dos alunos em sala de aula. São considerações como essas que nos levam a refletir sobre como efetivamente trazer para a sala de aula os resultados de pesquisas tão robustas. Apesar de tantos avanços nos estudos da Sociolinguística Educacional ainda percebemos que muito tem que ser feito para diminuir essa distância entre o que o aluno sabe de sua língua materna e o que ele precisa aprender para se (re)conhecer como um legítimo falante da Língua Portuguesa que usa todos os dias, mas que ao adentrar para a escola parece que se esquece que vai estudar uma língua que já domina com todas suas regras.

Antes de passarmos para as orientações práticas, gostaríamos de tecer algumas considerações que julgamos importantes para uma melhor compreensão sobre a língua em uso.

Todas as línguas **em uso** sofrem variação, portanto, não podemos estudar ou ensinar essa língua sob um único olhar, como se a língua fosse homogênea e invariável. Pois bem, como a Língua Portuguesa, que usamos todos os dias, é **dinâmica e heterogênea**, precisamos (re)conhecer suas várias formas de realização por seus falantes, as chamadas **variedades linguísticas**, que nenhuma é melhor ou pior do que a outra, são apenas **diferentes**. Essas informações são importantes para nos ajudar a “desconstruir” alguns mitos, preconceitos e crenças que temos a respeito dos usos que fazemos da nossa própria língua, que vão refletir em preconceito linguístico, que nada mais é do que um preconceito social com seus falantes de uma variedade mais estigmatizada.

Ao considerarmos uma única variedade como a “certa”, do ponto de vista linguístico, estamos desprestigiando todas as demais. Conforme afirma Faraco (2008, p. 27),

a expectativa social pela chamada norma culta não alcança todos os gêneros da escrita. É perfeitamente possível e socialmente aceitável escrever textos em outras variedades da língua como, por exemplo, um bilhete, uma carta ou um e-mail familiar, uma intervenção num *chat*, um texto num *blog*, a letra de uma canção, uma publicidade, composições literárias que dão estatuto estético à diversidade linguística, e assim por diante.

Ao propormos atividades de intervenção sob a perspectiva da variação da língua estamos cientes de que não vamos agradar a todos. Há ainda muitos lugares que resistem às

mudanças no ensino porque querem que tudo permaneça como está, o rico dominando e o pobre dominado e cada vez mais pobre. Incorporar a pedagogia da variação linguística ao ensino da Língua Portuguesa significa levar em conta todas as variedades, inclusive aquelas que ainda estão marginalizadas, que são estigmatizadas por uma parcela da sociedade que detém o poder econômico e, portanto social e cultural.

Professor(a), esperamos seu sucesso na aplicação destas atividades para além dos muros escolares.


Bom trabalho!

As autoras

Professor(a): Antes de iniciar as atividades do Edublog, apresente-o à sua turma. Explore com eles as abas do menu, o funcionamento e como serão feitas as atividades.



Mostre aos seus alunos o significado dos ícones abaixo para que fiquem atentos pois serão utilizados no decorrer das atividades, de forma a chamar a atenção para algum aspecto relevante que queremos destacar no decorrer da intervenção.

	<p>Quando aparecer este ícone significa que teremos um vídeo e que é muito importante estar atento às explicações. Não é o momento de conversar, nem dispersar.</p> <p>Fique de olho!</p>
---	---

	<p>A partir das perguntas teremos um momento de reflexão sobre aspectos da língua que serão abordados nesta seção. É o momento de preparar para ter o que dizer.</p> <p>Para começo de conversa...</p>
	<p>São colocadas aqui algumas dicas relevantes sobre o tema abordado.</p> <p>Fica a dica!</p>
	<p>Aqui serão colocadas as principais ideias discutidas nesta seção.</p> <p>Organizando ideias</p>
	<p>Este é o momento para você digitar sua opinião, seus comentários sobre os tópicos abordados nesta seção ou unidade.</p> <p>Diga aí...</p>
	<p>Este é o momento onde você vai se concentrar na pesquisa proposta.</p> <p>Foco na pesquisa</p>

Professor(a):

Como sugestão, você poderá fazer um Fórum de discussão⁸⁸ (há vários espaços na web) para que a sua turma possa aproveitar esse momento para tecer seus comentários, de forma virtual, ou mesmo você poderá criar um Blog da turma para trabalhar num espaço virtual as discussões sobre a Língua Portuguesa, não só no decorrer destas atividades, mas em todo o ano letivo. Espaço que poderia ser bem aproveitado também para a publicação dos textos dos

⁸⁸ Na aba do professor, sugerimos um site para um Fórum de discussão para a turma.

alunos. Queremos lembrar que nossas orientações direcionam para trabalhar a oralidade dos alunos e não usar a oralidade como pretexto para trabalhar a escrita.



ATIVIDADE 01

DURAÇÃO PREVISTA⁸⁹: 06 aulas de 50 minutos

CONTEÚDO TRABALHADO:

- Origem da Língua Portuguesa
- Países lusófonos
- Variações na Língua Portuguesa

OBJETIVOS:

- Oportunizar o conhecimento acerca da origem da Língua Portuguesa.
- Refletir sobre as mudanças que ocorreram/ocorrem na língua.
- (Re)conhecer, refletir e discutir a respeito dos países onde a Língua Portuguesa é falada – países lusófonos;
- Estimular o (re)conhecimento do Português Brasileiro

➡ **Professor(a):**

Se possível providencie um globo terrestre ou mapa-múndi para mostrar a posição dos diversos países falantes da Língua Portuguesa. Aproveite o momento para mostrar a trajetória da Língua Portuguesa desde Portugal, emergindo do latim falado e se expandindo para outros continentes como América, Ásia e África, por meio da expansão marítima e da colonização portuguesa.

Sugerimos que você inicie esta aula com algumas perguntas para verificar o nível de conhecimento de sua turma acerca da origem da Língua Portuguesa. Para alavancar algumas discussões, sugerimos algumas questões como estas a seguir:

⁸⁹ Sugerimos essa duração, mas sabemos que dependendo da turma, este tempo poderá ser ampliado.

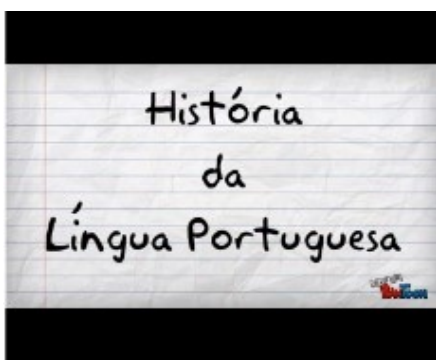
- Qual é a nossa língua?
- De onde vem a língua que falamos?
- A língua falada em Portugal é a mesma falada no Brasil?
- Em quais lugares do mundo essa língua é falada?
- Você já ouviu falar em Português Brasileiro?
- Como está a situação atual da Língua Portuguesa no mundo?
- Por que a Língua Portuguesa varia de um lugar para outro?
- O que são países lusófonos?

Observação:

Antes de reproduzir cada vídeo, estimule o conhecimento prévio dos alunos, aguçando sua curiosidade acerca do conteúdo que será visto.

Os três primeiros vídeos mostrados foram elaborados com o programa Powtoon⁹⁰ e estão disponíveis na internet.

1º vídeo



A História da Língua Portuguesa, desde o latim clássico (língua oficial do antigo Império Romano) até o latim vulgar (usado pelas pessoas do povo, que eram consideradas não cultas/ menos escolarizadas e mais pobres). Este último deu origem à Língua Portuguesa.

➡ *Professor(a):*

*Após a exibição de cada vídeo é importante tecer um diálogo entre o que foi visto e o conhecimento prévio de seus alunos com o propósito de **relacionar/problematizar/discutir** as questões apresentadas atrelando-as de forma significativa à vivência da turma.*

Em seguida, mostre aos seus alunos algumas palavras e expressões que vieram do latim e continuam sendo usadas até hoje, como por exemplo, a expressão “Curriculum Lattes” e aproveite para lembrar a aba “Sobre” do Edublog que traz o endereço do currículo tanto da professora-pesquisadora quanto da orientadora.

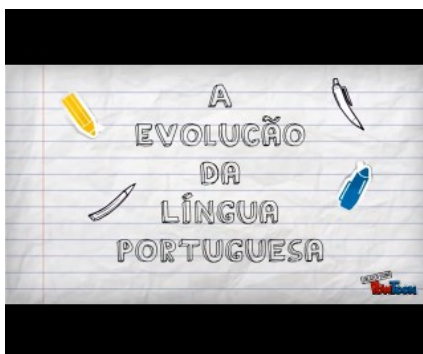
⁹⁰ Powtoon é um software para criar apresentações animadas e vídeos animados de explicação. Para maiores informações acessar o site: <https://www.powtoon.com>. Seus alunos poderão ter interesse em construir animações utilizando esse recurso disponível na web.

Contextualize as demais expressões em latim que usamos até hoje. Pergunte se alguém conhece mais alguma palavra ou expressão, ou se usam estas que foram mencionadas como exemplo. Explore também outras expressões em latim e vocábulos muito usados atualmente para que possam verificar que a tal língua “morta” não está tão morta assim.

➡ *Professor(a):*

Sugerimos que você inicie cada aula, retomando alguns pontos relevantes da aula anterior, fazendo perguntas para verificar o nível de conhecimento que sua turma está adquirindo. Consideramos priorizar a língua falada, visto que o objetivo é estimular os alunos a expor suas considerações sobre os temas vistos, já que a língua falada é pouco explorada em sala de aula. Se considerar a possibilidade de escrever as opiniões, que após a escrita, haja um espaço para debate, propiciando, sempre, ao aluno a possibilidade de desenvolver o respeito pelo turno de fala do outro, aprendendo a escuta e a fala, de forma contextualizada.

2º vídeo

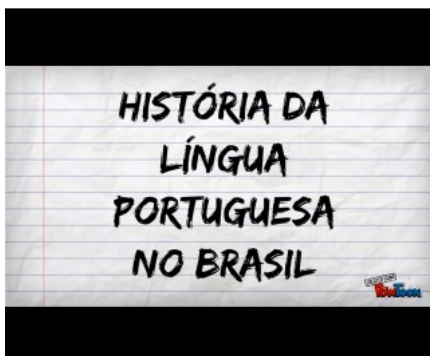


A evolução da Língua Portuguesa: do latim bárbaro, ao galego-português até chegar na Língua Portuguesa como a conhecemos hoje.

➡ *Professor(a):*

*Comente sobre a evolução da Língua Portuguesa, em alguns fragmentos de textos. Explique aos alunos que o trecho do poema "Os Lusíadas" do grande escritor português, Luís de Camões (1524-1580), é considerada a obra mais importante da **literatura portuguesa**, pois celebra os feitos marítimos e guerreiros de Portugal. Analise o trecho da carta que Pero Vaz de Caminha escreveu ao rei de Portugal, D. Manuel, contando sobre a nova terra descoberta, o Brasil. Também observe, junto aos alunos, um dos primeiros anúncios publicitários impressos no Brasil, em 1808, mas que ainda mantinha a grafia das palavras do Português arcaico. Pergunte aos alunos o que percebem neste anúncio. Verifique com eles algumas variações no léxico, por exemplo: vocábulos que perderam ou ganharam acento, troca e perda de letras, palavras desconhecidas e algumas construções que já caíram em desuso, etc.*

3º vídeo



A História da Língua Portuguesa no Brasil desde o descobrimento, em 1500.

➡ Professor(a):

Neste vídeo observe a história da Língua Portuguesa desde a colonização do Brasil e a influência da língua indígena, o tupi. Reflita com os alunos sobre o tráfico dos negros da África para cá, as contribuições de outras línguas para o Português. Após a independência do Brasil em 1.822, o Brasil passou a receber mais imigrantes vindos da Europa (italianos, espanhóis, alemães), o que resultou em uma maior diversidade linguística dentro de nosso país. Comente sobre algumas palavras que incorporamos da língua indígena como: abacaxi, catapora, gambá, pipoca, mandioca e outras da língua africana: farofa, fubá, camundongo, caçamba, caçula, cafuné.

*Verifique no mapa, o que são os países **lusófonos** e onde estão localizados. O que é a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP).*

4º vídeo



Notícias narradas pelos âncoras (principais apresentadores) de telejornais de vários países onde a Língua Portuguesa é a língua oficial.

➡ Professor(a):

Após as discussões sobre o conteúdo do vídeo, peça aos alunos para clicarem em cada bandeira dos países que compartilham a Língua Portuguesa para conhecerem um pouco mais sobre cada um. Pergunte se já ouviram falar sobre estes países e o que conhece sobre eles.

A seguir, sugerimos trabalhar com os alunos, as curiosidades sobre a atual situação da Língua Portuguesa no mundo, conforme exposto por Carlos Alberto Faraco (2016, p. 344,

360)⁹¹. Explique a eles que Faraco é um estudioso da língua e que escreveu vários livros abordando a questão da variação da Língua Portuguesa.

Segundo Faraco, a situação da Língua Portuguesa atualmente possui os seguintes aspectos:

- É a língua hegemônica (soberana) em apenas dois países: Portugal e Brasil;
- É a língua oficial de nove países (Portugal, Brasil, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Timor-Leste, Guiné Equatorial e Macau (Região Administrativa Especial da República Popular da China desde 1999);
- É falada em comunidades de imigrantes em vários lugares do mundo: Estados Unidos, Canadá, Venezuela, África do Sul, França, Alemanha, Luxemburgo, Japão, Paraguai e Austrália;
- É falada em pequenas comunidades remanescentes da colonização portuguesa como Goa (Índia) e o norte do Uruguai;
- Há um crescimento da aprendizagem da Língua Portuguesa como língua estrangeira em alguns países como Argentina, Uruguai, China estimulados por interesses políticos e econômicos em suas relações comerciais com o Brasil.

➡ Professor(a):

Antes de iniciar o próximo vídeo pergunte aos alunos se dentro do território brasileiro falamos de forma diferente, se há variações entre uma região e outra. Instigue-os a pensar sobre isso e a falar sobre o tema da variação da língua.

5º vídeo



A variação da língua, no sotaque e no léxico, em algumas regiões do Brasil.

➡ Professor(a):

Aproveite os comentários sobre o vídeo e observe, junto aos alunos, as variações do léxico de algumas regiões para outra. Pergunte se conhecem de perto essas variações, se tem algum

⁹¹ Explique aos seus alunos, que estes números fazem referência à obra do autor: data de publicação do livro e o número da página onde se encontra esse fragmento ou citação. São exigências da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas) para trabalhos científicos.

*vizinho, ou mesmo na sala de aula, pessoas de outras regiões e que falam com sotaque diferente. Aproveite esse momento para falar sobre a riqueza que há na língua falada de Norte a Sul do Brasil. Mostre que a língua em uso tem muitas variações e isso demonstra o quanto a língua é **dinâmica e heterogênea**!*

Explique cada conceito. Se possível, utilize o dicionário com eles para a busca desses vocábulos. Se já não foi feito, aproveite esse momento para explicar a importância de usar o dicionário para tirar dúvidas, ver a escrita convencional das palavras (posteriormente teremos uma atividade onde será abordada a utilidade do dicionário).

Na sequência, leiam juntos o trecho escrito por Faraco e teçam comentários sobre ele:

"As línguas são fascinantes (...). Mudam constantemente no eixo do tempo, e estas mudanças não se dão nem para melhor, nem para pior; as línguas não melhoram, mas também não decaem - elas simplesmente mudam." (FARACO)

Peça aos alunos para falar sobre algum dos aspectos que mais chamou a atenção deles em relação às questões discutidas até o momento (História da Língua Portuguesa no Brasil e no mundo, a evolução da Língua Portuguesa) e que poderiam, respeitando a vez de cada um falar, opinar sobre o comentário do colega, mas de forma respeitosa, sem ofender.

➡ **Professor(a):**

Ao término da atividade 1, reflita sobre o que foi trabalhado, fazendo uma avaliação sobre a aprendizagem dos alunos. Essa reflexão sobre a ação pedagógica é muito importante na condução do ensino-aprendizagem construtivo.

- *Como foi o envolvimento e a participação dos alunos?*
- *Compreenderam a proposta da aula?*
- *O que eles aprenderam? Quais foram suas reflexões?*
- *O que deu certo na aula? O que deixou a desejar?*
- *As estratégias deram conta de desenvolver o tema? O tempo foi suficiente?*
- *O que pode ser aprimorado para a próxima aula?*
- *Quais foram as dificuldades dos alunos? Houve interação?*



Atividade 02

Duração prevista: 06 aulas de 50 minutos

CONTEÚDO TRABALHADO:

- **Variação da Língua Portuguesa nos aspectos: regional, social e estilístico**

OBJETIVOS:

- **Oportunizar o (re)conhecimento do fenômeno da variação linguística por meio de vídeos que exemplifiquem as variações: regional, social e estilística;**
- **Promover uma reflexão sobre a heterogeneidade linguística, percebendo sua riqueza e valorizando-a como reflexo da identidade de seus falantes;**
- **Perceber as variações linguísticas em diferentes situações de comunicação tanto na fala quanto na escrita mais e menos monitoradas;**
- **Perceber que precisamos fazer adequações na língua dependendo das situações de comunicação, ou seja, não falamos sempre da mesma maneira.**
- **Explorar a questão do preconceito linguístico;**

➡ **Professor(a):**

O seu papel como mediador da aprendizagem é muito importante. Procure sempre ativar o conhecimento prévio dos alunos, predispondo-os a uma melhor compreensão do tema que será trabalhado em seguida. Procure dar sentido ao que está sendo estudado, trazendo para o contexto dos alunos, sempre que possível. Promova a participação dos alunos, tanto nos questionamentos quanto nos compartilhamentos de informações e descobertas.

Peça aos alunos para refletirem juntos sobre esse pequeno texto:

A língua em uso varia e essas variações são estudadas por pesquisadores da língua com o intuito de explicar o motivo da ocorrência de determinadas transformações. As variações não são aleatórias, não ocorrem por acaso, existem regras que são seguidas por quem usa a variedade, seja ela mais formal ou menos formal. Há explicações científicas comprovadas para cada variação da língua e são usados vários critérios para determinar tais variações.

Neste estudo abordamos três tipos de variações: a geográfica, que se refere às variações decorrentes de espaços geográficos diversificados, a social, que são variações a partir de critérios sociais como grau de escolaridade, faixa etária, sexo/gênero e, por último, a variação estilística, que diz respeito às escolhas que fazemos ao usar a língua, tanto na modalidade oral quanto escrita, dependendo do contexto da comunicação.

(Fragmento de texto elaborado pelas autoras)⁹²

➡ *Professor(a):*

Crie um espaço para diálogo sobre esse texto. Deixem que comentem. Estimule a participação de todos nas discussões. Se achar mais conveniente, utilize o espaço virtual ou mesmo uma folha de caderno para que possam expor suas opiniões e sintam que são valorizados em seus posicionamentos, mesmo que não reflitam exatamente aquilo que você gostaria de ouvir, mas suas opiniões são bem vindas. Ensine-os, de forma prática, a valorizar a fala do outro.

*A próxima pesquisadora que terá sua fala abordada é Izete Coelho. Segundo essa autora, algumas variações são decorrentes de fatores **internos** da língua como, por exemplo, a ordem das palavras numa frase, as classes de palavras envolvidas na variação enquanto outras variações estão ligadas a aspectos mais **externos** da língua como grau de escolaridade, faixa etária, dentre outros. Dê a eles exemplos práticos ou retome alguns aspectos já trabalhados que poderão servir de exemplo aqui.*

Antes de exibir os vídeos a seguir, converse com os alunos acerca dessas questões a seguir:

- Todos falam do mesmo jeito? Por quê?
- Quais as mudanças você percebe na língua? Por que será que isso acontece?
- O que é preconceito linguístico?
- Você já presenciou situações de discriminação por causa da “forma de falar” de uma pessoa?

Vídeos sobre a variação regional

Uma das séries de reportagens exibidas no Jornal Hoje que mostra os sotaques de algumas regiões do Brasil.

1º vídeo



Sotaques de Porto Alegre e Maranhão, cidade de São Paulo, Minas Gerais e Cuiabá.

⁹² Texto elaborado a partir das discussões propostas por Coelho (2015), Bagno (2013), Faraco (2008), Bortoni-Ricardo (2005).

2º vídeo



Como é realizado o som do fonema /r/ em algumas regiões do Brasil.

3º vídeo



O som do fonema /s/ em algumas regiões do Brasil.

➡ Professor(a):

Após os comentários sobre o conteúdo de cada vídeo, apresente aos alunos o site <https://www.localingual.com/>⁹³ e gravem mensagens sobre a sua cidade. As orientações estão no próprio site. O link para essa atividade, caso queira observar com seus alunos, está nas sugestões.

A variação social reflete as "características sociais dos falantes" (grau de escolaridade, nível socioeconômico, sexo/gênero, faixa etária), conforme nos explica a linguista Izete Coelho (2015, p.40).

4º vídeo (variação social)



Reportagem sobre o jeito de comunicar de alguns grupos por meio de gírias ou jargões.

⁹³ O site <https://www.localingual.com/> é um mapa mapa-múndi interativo e colaborativo online que permite ao usuário conhecer dialetos, expressões e sotaques do mundo todo. Foi idealizado e desenvolvido por David Ding, ex-engenheiro de softwares da Microsoft e disponibilizado para o público desde 8 de janeiro de 2017, com mais de 18 mil gravações. Qualquer pessoa pode contribuir gravando e enviando áudios pela própria plataforma, de acordo com a sua cidade. Informações retiradas do site: < <http://www.educacao.sp.gov.br/noticia/aprenda-pronuncia-correta-de-acordo-com-regiao-de-cada-pais/>>. Acesso em 15 dezembro 2018.

É uma ótima ferramenta para ouvir o som de diversas vozes do mundo, mas como não tem um moderador, não há um controle mais rigoroso sobre a veracidade das informações gravadas, portanto, não foi possível usá-lo de forma mais científica para um estudo sociolinguístico.

➡ *Professor(a):*

Aproveite os outros vídeos que estão no Edublog para demonstrar a variedade linguística na fala de alguns grupos sociais como skatistas, policial, bandido, advogados e até um tradutor de gírias. Pergunte aos alunos quais gírias eles conhecem e usam. O que acham do uso de gírias. Se podem usar as gírias em todos os lugares... etc. Conduza seus alunos a uma reflexão sobre o uso da língua.

*O próximo tópico será apresentado dois novos estudiosos da variação linguística: **Bortoni-Ricardo e Bagno**, onde será trabalhado o conceito de adequação, estilo mais monitorado e menos monitorado. Aproveite para contextualizar com seus alunos estes conceitos.*

Leiam juntos, o texto a seguir:

A variação estilística

De acordo com diversos estudiosos da língua, a **variação estilística** tem a ver com os papéis sociais que a pessoa desempenha na comunicação, referindo, portanto, ao uso individual da língua. De acordo com o nível de formalidade que a situação exige, será usada uma linguagem mais monitorada ou menos monitorada conforme nos explica Izete **Coelho** (2015, p. 46), Carlos Alberto **Faraco** (2017, p.201), Stella Maris **Bortoni-Ricardo** (2005, p.132), Marcos **Bagno** (2013, p.79).

➡ *Professor(a):*

Antes de exibir o vídeo, pergunte aos seus alunos como é a língua que a gente fala em nosso dia a dia. Se tem um jeito certo ou errado de falar. O que eles acham disso?

É importante levá-los a refletir sobre a língua e expor tais reflexões, sejam orais ou por escrito. No Edublog priorizamos a língua falada, visto que o objetivo era estimular os alunos a expor suas considerações sobre os temas vistos, já que a língua falada é pouco explorada em sala de aula.

5º vídeo



Reportagem sobre como é a língua que a gente fala em nosso dia a dia.

➡ *Professor(a):*

*Após a exibição do vídeo, teça algumas considerações sobre a importância da comunicação entre as pessoas, o esforço de **se fazer entender**, adequando a língua às diversas situações de comunicação, sejam elas com **mais formalidade** ou **menos formalidade**.*

Relembre com os alunos que no vídeo da aula anterior a jornalista Sandra Annenberg perguntou para o Evaristo como ele pronunciava determinada palavra e o Evaristo responde que no trabalho ele fala de um jeito e em ambientes mais familiares ele fala de outro.

Pergunte aos alunos, por que isso acontece? Será que acontece só com quem é jornalista?

Leiam juntos o seguinte trecho:

Segundo Bortoni-Ricardo, isso acontece porque **a fala em eventos públicos são diferentes da fala em eventos privados**. Em contextos mais familiares, realizamos a linguagem menos elaborada, com um "mínimo de atenção à forma da língua" (Bortoni-Ricardo, 2004, p.62) e em eventos que requer mais atenção, um tratamento mais cerimonioso, realizamos a língua de uma forma **mais monitorada**, com uma maior atenção ao que estamos falando ou escrevendo.

➡ *Professor(a):*

Explore com os alunos o enunciado do vídeo da série Palavra Puxa Palavra da MultiRio, que foi produzido para mostrar algumas das variações da Língua Portuguesa.

6º vídeo



Variações na Língua Portuguesa

Sobre o vídeo: as pessoas não falam o tempo todo da mesma forma, há **variação na realização da língua** e essas escolhas que fazemos vai depender do contexto da comunicação.

7º vídeo



A língua escrita em diversos contextos de uso.

➡ *Professor(a):*

Comente com os alunos sobre a variação que ocorre entre a fala e a escrita, como foi verificado no vídeo do CEEJA (Centro Estadual para Educação de Jovens e Adultos) as diferentes situações comunicativas envolvendo o uso da escrita, bem como os ajustes necessários na produção para tornar o texto mais formal. Mencione a importância do rascunho, na reescrita.

A **fala e a escrita** apresenta muitas variações, não permanece de uma mesma forma o tempo todo, precisam ser **adequadas** ao meu interlocutor para haver entendimento. Na fala espontânea, a adequação é feita no momento da transmissão da mensagem, enquanto que na escrita temos mais tempo para organizar melhor a mensagem que queremos transmitir, até mesmo reescrevendo trechos tornando-os mais claros, mais compreensíveis para o leitor e que todos nós, ao escrever textos mais formais, precisamos utilizar de rascunhos. Até mesmo os grandes escritores escreviam seus textos em rascunhos, antes de publicá-los, como é o caso do famoso escritor João Guimarães Rosa.

➡ *Professor(a):*

Nesse momento, analise com os alunos o rascunho da obra "Grande Sertão: Veredas". Em seguida, peça a alguns alunos voluntários para ler e explicar os tópicos. Auxilie-os nessa tarefa, para que se sintam mais confortáveis e vão desinibindo diante da turma.

- Há uma NORMA (regra) que descreve a língua, mas como a língua em uso é heterogênea, dentro da norma considerada **mais formal** (cult) **há variações** e na norma considerada **menos formal** (popular) **também há variações**. É por isso que precisamos fazer **adequações** no uso da língua dependendo das situações de comunicação.
- A língua que usamos, tanto a escrita quanto a falada, é muito rica e reflete quem nós somos: a nossa **identidade**.
- Não falamos/escrevemos sempre do mesmo jeito, em todas as situações de comunicação. Dependendo do lugar, da pessoa com quem falamos, da situação usamos a língua de forma diferente, desde situações de falas mais espontâneas, com menos monitoramento até aquelas situações onde a fala precisa ser mais planejada, que exige mais atenção com mais monitoramento, segundo a pesquisadora Stella Maris Bortoni-Ricardo (2004, p.62). Da mesma forma também ocorre na escrita: uma lista de compras será menos monitorada do que uma resposta de uma prova em sala de aula ou

um texto que será exposto na escola. Num jornal, por exemplo, podemos encontrar numa mesma folha gêneros textuais diferentes: artigo, crônica, previsão de horóscopo, charge, tirinha, etc. Portanto, podemos perceber que existe uma "fala espontânea e escrita espontânea, como também existe fala formal e escrita formal", conforme nos orienta o famoso estudioso da língua chamado Marcos Bagno (2013, p. 89).

➤ Na língua oral mais espontânea é muito comum as repetições, a quebra na sequência de ideias, o uso de vocábulos de apoio na conversação como: né, tá, entendeu, hum, mas, atualmente, com o uso da internet, as diferenças entre a língua oral e escrita têm diminuído. *Professor(a), explique que isso será melhor trabalhado um pouco mais adiante, no próximo link.*

➤ A variedade culta é geralmente associada às camadas mais ricas da sociedade, cujos falantes têm mais escolaridade, têm um salário melhor e vivem nas cidades, conforme declara Coelho (2015, p.15).

➤ Como a língua é **heterogênea**, existem várias normas que a descreve. Existe a norma considerada **culta**, em que há variações em seu uso e são **mais monitoradas e prestigiadas socialmente**. Por outro lado, existem algumas normas consideradas menos formais, chamadas **normas populares**, que também apresentam variações em seu uso e são consideradas **desprestigiadas** e por conta disso, seus falantes acabam sofrendo **preconceito linguístico**.

➡ *Professor(a):*

Antes de iniciar o próximo tópico, pergunte aos alunos se sabem o que é um camaleão, qual sua principal característica. Se possível, demonstre sua explicação com vídeo da internet ou peça para os próprios alunos pesquisarem.

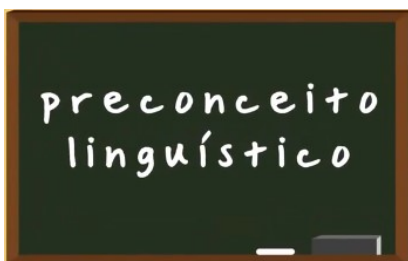
Em seguida, leia a seguinte frase:

"Todo falante da língua é um camaleão linguístico" (FARACO, 2017, p.202).

*Comente com os alunos que o camaleão, por ser um animal que **muda de cor** de acordo com o ambiente em que está e que faz isso para sobreviver, assim também o falante é capaz de **adequar sua fala, sua expressão linguística** ao contexto de comunicação em que se encontra, se é um ambiente mais ou menos formal, se o interlocutor é mais ou menos jovem, se é alguém mais íntimo ou um desconhecido. São tantas características e propósitos de comunicação que, verdadeiramente, conforme Faraco compara **o falante a um camaleão**,*

pois ambos precisam fazer adaptações para conseguir sobreviver no ambiente em que se encontra.

8º vídeo



Comportamentos que geram o preconceito linguístico.

➡ Professor(a):

*Discuta sobre o conteúdo do vídeo, leve seus alunos a refletir que o **preconceito linguístico**⁹⁴ está atrelado ao **preconceito social**. Comente que Marcos Bagno (2013, p. 73-116) escreveu um livro sobre alguns mitos que existem em torno da língua que faz com que nós falantes pensamos que existe um jeito certo de falar e todos os outros são errados, que a norma culta é a única que possui regras, que falamos sempre do mesmo jeito. Mencione também que muitas palavras e expressões da norma popular são extremamente importantes para seus falantes e não podem e nem devem ser desvalorizadas por ninguém, pois isso é um **preconceito linguístico** e precisa ser combatido!*



Atividade 03

Duração prevista: 04 aulas de 50 minutos

CONTEÚDO TRABALHADO:

- **Pesquisa na web sobre exemplos das variações: regional, social e estilística.**⁹⁵

⁹⁴ *Preconceito Linguístico*: qualquer crença sem fundamento científico acerca das línguas e de seus usuários, como, p.ex., a crença de que existem línguas desenvolvidas e línguas primitivas, ou de que só a língua das classes cultas possui gramática, ou de que os povos indígenas da África e da América não possuem línguas, apenas dialetos. (Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, verbete preconceito)

⁹⁵ Essa atividade pode ser feita, também, como pesquisa extraclasse, caso sua escola não possua um laboratório de Informática disponível. Sugerimos, como outra opção, recorte de jornais e revistas e a montagem de um mural na escola para divulgação do trabalho, caso não seja possível a utilização da internet.

OBJETIVOS:

- Promover a pesquisa em sala de aula;
- Contribuir para a formação do aluno-pesquisador da própria língua;
- Oportunizar a reflexão acerca de diferentes usos do Português Brasileiro.

➡ Professor(a):

Sabemos que nossos alunos, geralmente, não sabem fazer pesquisas porque não são instruídos a fazer e nem é uma prática recorrente na escola, muito menos usando a internet. Explique que um pesquisador é como um garimpeiro: vai pegar muitas pedrinhas, mas o foco é selecionar as preciosidades, aquilo que é mais importante e que na internet, muitas vezes nos perdemos porque tem muitas informações, sites não confiáveis, muitos atrativos para desviar nossa atenção, mas se queremos concluir com êxito a pesquisa precisamos estar focados naquilo que queremos garimpar, ou seja, boas informações.

No decorrer da pesquisa, aja como um mediador, não só observando, mas também circulando pela sala, ajudando/orientando/dando sugestões/ elogiando, para que mesmo aqueles que apresentarem maiores dificuldades, não só na pesquisa mas também em trabalhar em grupo, possam conseguir finalizar o trabalho proposto.

Os alunos vão formar pequenos grupos⁹⁶, de três participantes, e pesquisar exemplos de variações que trabalhamos: regional, social ou estilística. Pode ser exemplos encontrados em anúncios, memes, charges, tirinhas, músicas, vídeos. Cuidado com o conteúdo, pois vimos o quanto é importante a noção de adequado e inadequado dentro do contexto acadêmico.

➡ Professor(a):

No Edublog, há algumas orientações sobre como pesquisar na internet, quais tipos de sites possuem conteúdo mais confiáveis e também como construir uma apresentação no Powerpoint, caso queiram utilizar.

⁹⁶ Geralmente, os alunos têm grande dificuldade de trabalhar em grupo, muitas vezes, não conseguem se organizar para que todos do grupo tenham sua participação, o que ocorre com frequência é um ou dois alunos fazer o trabalho sozinhos, enquanto os demais apenas ficam olhando ou até mesmo atrapalhando com brincadeiras e conversas paralelas. Para evitar esses problemas recorrentes, sugerimos organizar os alunos em grupos de apenas três participantes para que possam ter maior produtividade dentro do tempo disponível.

Revendo a variação

Atividade 04

Duração prevista: 04 aulas de 50 minutos

CONTEÚDO TRABALHADO:

- **Jogos diversos abordando a variação da Língua Portuguesa (regional, social e estilística).**

OBJETIVOS:

- **Verificar, por meio de atividades lúdicas, se os conteúdos foram absorvidos pelos alunos;**
- **Promover atividades que oportunizem o aprendizado e a reflexão acerca da Língua Portuguesa, por meio de jogos educativos.**

➡ *Professor(a):*

Disponibilizamos treze jogos, sendo doze com o Software Hotpotatoes⁹⁷ e um jogo foi utilizado o caça-palavras online⁹⁸. Ambos são softwares livres e podem ser utilizados para a elaboração de outras atividades caso você queira incrementar suas aulas. Nestes jogos temos: cruzadinha, caça-palavras, múltipla escolha, arrastar-soltar, quiz. São jogos simples e fáceis de executar e geralmente estimulante, principalmente quando o professor gera uma certa competição entre os alunos.

Para facilitar o acesso, distribuímos os jogos em quatro blocos:

Jogos 1 e 2 (revisão de todo o conteúdo estudado)

São jogos que se referem à revisão geral dos conteúdos estudados no decorrer das atividades de intervenção.

⁹⁷ O Hotpotatoes é um programa gratuito de origem canadense que conta com um conjunto de seis ferramentas de autoria e foi desenvolvido pela University of Victoria. Suas ferramentas possibilitam a criação de exercícios variados, como por exemplo, palavras cruzadas, múltipla escolha, associações entre colunas e funcionam online ou off-line. Disponível em: <http://webeduc.mec.gov.br/webquest/hotpotatoes.php>. Acesso em: 10 set. 2018.

⁹⁸ Disponível em: http://www.hufersil.com.br/exemplo/caca_palavras/. Acesso em: 08 jun.2018. O jogo 02 é um caça-palavras, abordando aspectos estudados sobre a Língua Portuguesa.

Jogos 3, 4 e 5 (variação regional)

São jogos sobre a variação regional.

Jogos 6, 7, 8, 9 e 10 (variação linguística)

Nestes jogos revisitamos as três variações vistas: regional, social e estilística. Utilizamos charges, tirinhas, anúncios, poema, fragmentos de texto, campanha publicitária na elaboração das atividades.

Jogos 11, 12, 13 e 14 (Provérbios: valorizando a cultura popular)

Nestes jogos, trouxemos a língua em uso, por meio dos provérbios, que fazem parte do cotidiano popular e revela a sabedoria de um povo, muitas vezes, transmitida por meio da oralidade.

Professor(a),:

Ao término das atividades seria recomendável uma roda de conversa com seus alunos a respeito do tema trabalhado, reveja com eles algumas considerações importantes sobre a Língua Portuguesa em uso. Identifique se houve ou não apropriação do conteúdo de forma reflexiva e produtiva. Observe se todos estão tendo a oportunidade de participar desse momento e é muito importante que haja consideração acerca dos comentários e dúvidas da turma.

Sugerimos que, ao finalizar as discussões acima, os alunos façam uma auto-avaliação sobre sua aprendizagem.

- *Você participou da atividade, seguindo as orientações?*
- *Compreendeu a proposta da aula?*
- *O que aprendeu? Quais foram suas reflexões?*
- *Houve interação?*
- *Conseguiu expor sua opinião?*
- *Conseguiu ouvir a opinião dos colegas?*
- *O que você achou das atividades do Edublog?*
- *Gostaria de ter outras aulas assim? Por quê?*

Essas perguntas são apenas sugestões, cabe a você, professor elaborar as perguntas que achar mais conveniente para a sua turma.

*O trabalho com variação linguística não pode parar por aqui: a “desconstrução” de vários mitos adquiridos ao longo da vida escolar dos alunos é um processo contínuo ao longo do ano letivo. As atividades disponibilizadas aqui no Edublog “**O Português nosso de cada dia**” serão apenas o primeiro passo de uma longa jornada, que esperamos seja exitosa.*

*Ficaremos honradas em obter informações sobre o trabalho que desenvolveram com seus alunos. Suas sugestões e críticas são muito bem vindas, afinal, estamos **todos** envolvidos na construção de um ensino mais reflexivo de Língua Portuguesa que realmente valorize a heterogeneidade de nossa língua.*

As autoras

REFERÊNCIAS DA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

- BAGNO, M. *Nada na língua é por acaso. Por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BAGNO, Marcos. *"Sete erros aos quatro ventos: a variação linguística no ensino de português."* São Paulo: Parábola, 2013.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- BORTONI-RICARDO, S.M. *Nós cheguei na escola, e agora?* São Paulo: Parábola, 2005.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais*. Brasília : MEC/SEF, 1997.126p.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- COELHO, Izete Lehmkuhl et al. *Para conhecer sociolinguística*. Editora Contexto, 2015.
- FARACO, Carlos Alberto. *História sociopolítica da Língua Portuguesa*. Parábola Editorial, 2016.
- FARACO, Carlos Alberto. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola, 2008.
- FARACO; C. A.; ZILLES, A. M. S. *Para conhecer Norma Linguística*. Editora Contexto, 2017.
- SANTOS, Romilda Ferreira. *Variação linguística: trabalhando crenças, atitudes e o livro didático*. 2017. 240 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2017.
- TRAVAGLIA, L. C. : *Gramática: ensino plural*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- XAVIER, Antônio Carlos. *Inovações na docência: tecnologias no ensino e na pesquisa acadêmica*. Produção gráfica, p. 11, 2016.

APÊNDICE D – Exemplos de variação linguística pesquisada pelos alunos na *web*.



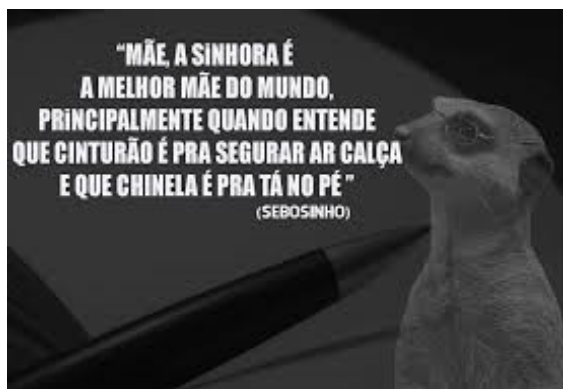
Fonte: Imagens Google

Alguns links de vídeos selecionados pelos alunos pesquisadores:

<https://www.youtube.com/watch?v=nhv3a4d09HM>

<https://www.youtube.com/watch?v=qJ7OE4z-3IE>

Fonte: Youtube



Fonte: Imagens Google



Fonte: Imagens Google

APÊNDICE E - Fotos de alguns momentos da execução da proposta de intervenção.



Fonte: Acervo da autora

ANEXOS

ANEXO A - TERMO DE ASSENTIMENTO PARA O MENOR

Você está sendo convidado(a) para participar da pesquisa intitulada: intitulada “O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA COM VISTAS À CONSCIENTIZAÇÃO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E PERMEADO PELA TECNOLOGIA DIGITAL”,⁹⁹ sob a responsabilidade da pesquisadora Profa. Esp. Regina Aparecida Ferreira Melo, sob orientação da Profa. Dra. Talita de Cassia Marine.

Nesta pesquisa nós estamos buscando investigar as crenças e atitudes que os alunos trazem consigo no que se refere à língua e ao ensino de Língua Portuguesa, ao ingressarem no 6º ano do Ensino Fundamental. Na sua participação você deverá responder a dois questionários sobre crenças e atitudes linguísticas, um aplicado no início do ano letivo e outro aplicado no final da pesquisa e um questionário sobre o uso da tecnologia na aprendizagem da Língua Portuguesa. Você também participará de atividades que possam contribuir com a proposta apresentada.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será obtido pela pesquisadora Regina Aparecida Ferreira Melo, em uma reunião na Escola Municipal Professor Eurico Silva para a apresentação do projeto aos pais e alunos.

Quanto aos benefícios, podemos citar a oportunidade de você falar sobre suas crenças em relação à própria língua e sobre a diferença que você percebe entre a língua que você fala e a língua ensinada na escola. Assim, a professora terá a oportunidade de compreender suas crenças linguísticas e como elas podem interferir na sua aprendizagem, para a partir desse conhecimento, propor intervenções que possam contribuir positivamente para o ensino de Língua Portuguesa.

O único risco do estudo seria a sua identificação. Para evitar isso, garantimos o sigilo quanto a sua identidade e quanto ao nome da instituição onde você estuda. Em nenhum momento você será identificado(a).

Os resultados da pesquisa serão publicados e, ainda assim, as precauções serão tomadas para que sua identidade seja preservada.

Você não terá nenhum gasto e nenhum ganho financeiro pela participação na pesquisa. Mesmo o seu responsável legal tendo consentido na sua participação na pesquisa, você não está obrigado a participar, caso não deseje. Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento, sem nenhum prejuízo ou coação.

Uma via original deste Termo de Esclarecimento ficará com você.

Qualquer dúvida a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com: Regina Aparecida Ferreira Melo na Escola Municipal Professor Eurico Silva, na cidade de Uberlândia – Minas Gerais; fone (034) 3216-9194 e Profª. Drª. Talita de Cássia Marine pelo telefone (34) 3239-4162 ou no seguinte endereço: Av. João Naves de Ávila, 2121, Bloco U, sala 220, bairro Santa Mônica, Uberlândia, M.G., CEP: 38.408.144. Você poderá também entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos - Universidade Federal de Uberlândia: Av. João Naves, nº 2121, bloco A, sala 224, Campus Santa Mônica – Uberlândia – MG, CEP: 38408-100; fone (34) 3239 4131.

Uberlândia, _____ de fevereiro de 2018.

Assinatura das pesquisadoras

Menor participante

⁹⁹ Título atual “Variação linguística e tecnologia digital: por uma abordagem reflexiva da Língua Portuguesa no Ensino Fundamental”.

ANEXO B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a) senhor (a), _____

Considerando a sua condição de responsável legal pelo(a) menor, apresentamos este convite e solicitamos o seu consentimento para que ele(a) participe da pesquisa intitulada: “O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA COM VISTAS À CONSCIENTIZAÇÃO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E PERMEADO PELA TECNOLOGIA DIGITAL”,¹⁰⁰ sob a responsabilidade da pesquisadora Profa. Esp. Regina Aparecida Ferreira Melo, sob orientação da Profa. Dra. Talita de Cassia Marine.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será obtido pela pesquisadora Regina Aparecida Ferreira Melo, em uma reunião na Escola Municipal Professor Eurico Silva para a apresentação do projeto aos pais e alunos. Na participação do(a) menor, ele(a) deverá responder a dois questionários de crenças e atitudes linguísticas, um aplicado no início do ano letivo e outro aplicado no final da pesquisa e um questionário sobre o uso da tecnologia na aprendizagem da Língua Portuguesa. Ele também participará de atividades que possam contribuir com a proposta apresentada.

Quanto aos benefícios, podemos citar a oportunidade de os alunos falarem sobre suas crenças em relação à própria língua e sobre como entendem o ensino de Língua Portuguesa a que são expostos, assim a professora terá a oportunidade de compreender essas crenças linguísticas dos alunos e como elas interferem no processo de ensino-aprendizagem, para a partir desse conhecimento propor intervenções que possam contribuir positivamente para o ensino de Língua Portuguesa.

O único risco do estudo que estamos propondo seria a identificação de seu(sua) filho(a). Para evitar isso, garantimos o sigilo quanto a identidade dele(a) e quanto ao nome da instituição onde estuda. Em nenhum momento seu filho(a) será identificado(a). Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a identidade dele(a) será preservada.

O (a) menor não terá nenhum gasto e nenhum ganho financeiro pela participação na pesquisa. O (a) menor é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento, sem nenhum prejuízo ou coação.

Uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com o (a) senhor (a), responsável legal pelo (a) menor.

Qualquer dúvida a respeito da pesquisa, o (a) senhor (a) poderá entrar em contato com: Regina Aparecida Ferreira Melo na Escola Municipal Professor Eurico Silva, na cidade de Uberlândia – Minas Gerais; fone (034) 3216-9194 e Prof^a. Dr^a. Talita de Cássia Marine pelo telefone (34) 3239-4162 ou no seguinte endereço: Av. João Naves de Ávila, 2121, Bloco U, sala 220, bairro Santa Mônica, Uberlândia, M.G., CEP: 38.408.144. Você poderá também entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos - Universidade Federal de Uberlândia: Av. João Naves, nº 2121, bloco A, sala 224, Campus Santa Mônica – Uberlândia – MG, CEP: 38408-100; fone (34) 3239 4131.

Uberlândia, ____ de fevereiro de 2018.

Assinatura das pesquisadoras

Eu, responsável legal pelo (a) menor _____
consinto na sua participação no projeto citado acima, caso ele (a) deseje, após ter sido devidamente esclarecido.

Responsável pelo (a) menor participante

¹⁰⁰ Título atual “Variação linguística e tecnologia digital: por uma abordagem reflexiva da Língua Portuguesa no Ensino Fundamental”.